

Convergência

Fevereiro, Março e Abril • 2022 • ANO LVII



Convergência ISSN 0010-8162

Diretora: Irmã Maria Inês Vieira Ribeiro, mad
Editor: Padre João da Silva Mendonça Filho, sdb
Redatora: Irmã Maria Aparecida das Dores Silva, fsp – MTb 3773/DF

Conselho Editorial: Padre Paulo Alessandro, oar
Padre Jaldemir Vitório, sj
Irmão Lauro Daros, fms
Irmã Nivalda Milak, fdz
Irmã Vera Ivanise Bombonato, fsp

Projeto Gráfico e Diagramação: Dulciene Luzia Almeida
Revisão: Padre João Mendonça Filho, sdb
Revisão Geral: Prof. Romulo Ramos Ximenes (especialista)
Impressão: Editora FTD - Sede São Paulo
Ilustração da Capa: Padre Reinaldo Leitão, rcj

DIREÇÃO, REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

SDS, Bloco H, n. 26, sala 507 – Ed. Venâncio II

70393-900 – Brasília - DF

Tel.: (61) 3226-5540

E-mail: publicacoes@cbnacional.org.br / pe.mendonca@hotmail.com

www.crbnacional.org.br

Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas
do PDF sob o n. P. 209/73



Editorial

Formalismo, Intelectualismo e Imobilismo!.....5

Mensagem do Papa

Momento de Reflexão para o Início do
Percurso Sinodal9

Viagem Apostólica do Papa Francisco a Budapeste
por ocasião da Santa Missa Conclusiva.....14

Informes

Deus Presente no Olhar dos Migrantes.....18

Cardeal Tolentino aponta desafios e oportunidades
para a Igreja a partir do pontificado de Francisco21

Alguns frades mais velhos têm medo dos
frades jovens e de seus sonhos26

Dos Rasos do Mundo ao Profundo de Si: Uma Reflexão Vocacional a
partir d’A Terceira Margem do Rio29

Vida Eremítica Franciscana na Origem do
Franciscanismo31

“O melhor lugar do mundo é dentro de um abraço”35

Artigos

O patrimônio carismático dos Institutos de Vida Consagrada
no Concílio Vaticano II e seu resguardo jurídico.....38

Pe. Ângelo José Adão, SCJ

O Processo Tradicional de Iniciação Cristã e sua Crise.....	52
<i>Rafael Alves e Solange Maria do Carmo</i>	
A Atualidade da Experiência Cristã de Deus na Vida Religiosa Consagrada	68
<i>Irmã Valdete Guimarães, SMR</i>	
Discernimento como Processo	78
<i>Pe. José Laércio de Lima. sj</i>	
Ensinamentos das Árvores.....	89
<i>Ir. Otalivio Sarturi, marista</i>	
O Voto de Castidade: Reflexões a partir do Magistério do Papa Francisco.....	105
<i>Frei Vanildo Luiz Zugno, ofm</i>	



FORMALISMO, INTELECTUALISMO E IMOBILISMO!

PE. JOÃO DA SILVA MENDONÇA FILHO, SDB

OAno de 2022, começa com a esperança de novos tempos. Estamos no processo eclesial do Sínodo sobre a comunidade, participação, missão, que terá como base a sinodalidade. Papa Francisco assumiu este processo como encontro, escuta e discernimento, para superar no seio da Igreja o formalismo, o intelectualismo abstrato e o imobilismo, o “sempre foi assim.” Todo este movimento acontece numa fase dolorosa da nossa história marcada pela covid-19. Partindo disso, podemos dizer que começamos a reaprender a ver o mundo com olhos de misericórdia e, precisamos da consciência de que somente juntos venceremos.

Convergência traz para nossos leitores algumas reflexões para nosso estudo e formação permanente.

O carisma fundacional é um patrimônio que, na fidelidade aos fundadores e fundadoras, e, com a disciplina dos membros do Instituto, a valorização do patrimônio imaterial que é o carisma, precisa ser mantido com responsabilidade de todos e todas. Neste sentido, o padre Ângelo José Adão, scj, enriquece esta edição da Convergência com o artigo **O patrimônio carismático dos Institutos de Vida Consagrada no Concílio Vaticano II e seu resguardo jurídico**. Trata-se de uma contribuição oportuna em tempos de mudanças.

O artigo de Rafael Alves e Solange Maria do Carmo, convida a VRC a refletir, à luz das mudanças aceleradas de hoje, sobre a inserção dos religiosos (as), na ação catequética, com renovado espírito e missão. Com o título **O processo tradicional de iniciação cristã e sua crise**, os autores trazem a preocupação de um sistema de catequese que se esgota e abrem perspectivas para o novo, a partir do resgate da iniciação cristã.

Como viver os impactos da pandemia na sociedade e na VRC?, O artigo da Irmã Valdete Guimarães, smr, ajuda-nos a refletir sobre a experiência cristã de Deus no meio de tantas mortes, negacionismos e intolerâncias. Com o título **A atualidade da experiência cristã de Deus na vida religiosa consagrada**, o texto faz o caminho bíblico de esperança e oferece ao leitor (a) uma rica meditação cristológica e atual.

Discernir requer a capacidade de saber escutar. O artigo do padre José Láercio de Lima, sj, desenvolve com leveza e profundidade um dos temas que é porta de entrada para a busca sincera da vontade de Deus. O título **Discernimento como processo** não deixa dúvida de que, no espírito sinodal, saber escutar é um diferencial na direção espiritual e opção de vida.

É preciso aprender a contemplar o mundo com o olhar da preservação, superando a crise ecológica que reduz a criação a uma mera fornecedora de matéria prima. Com o artigo **Ensinamentos das árvores**, do irmão Otalívio Sarturi, marista, a VRC, em sintonia com a Laudato Si, busca a harmonia da criação a fecundidade evangélica e a seiva para a missão.

O tema da castidade, analisado desde a perspectiva do Papa Francisco, leva-nos a rever a necessidade de uma educação sexual mais apurada, a qual ajude a superar a indiferença e vença a rigidez da vida e da formação religiosa. O artigo do Frei Vanildo Zugno, **O voto de castidade: reflexões a partir do magistério do Papa Francisco**, amplia o horizonte do tema apresentado em outros artigos e o contextualiza no cenário atual da crise moral que a Igreja atravessa.

Este ano, teremos as conclusões da 1ª Assembleia da América Latina e do Caribe e, desde já, convidamos nossos leitores e leitoras a colaborar com reflexões a partir dos resultados. Será também o ano da 26ª Assembleia Geral Eletiva da CRB Nacional. É tempo de olhar para o futuro, semear o presente e agradecer o passado. Saudações.



DESCRIÇÃO DA LOGOMARCA TRIÊNIO 2019 -2022

A apresentação da logo foi criada para identificar graficamente a linha de reflexão, espiritualidade e atividades das instituições religiosas que compõem a Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB), no Triênio 2019 a 2022.

O tema escolhido para fundamentar a caminhada durante o triênio será: Consagradas e Consagrados em Missão e o lema: “Fazei tudo o que ele vos disser” (Jo 2,5).

Com essa motivação temática, busca-se ilustrar a forte presença vocacional e missionária de Maria como mediadora da graça e estrela da evangelização.

A Cruz, no centro, representa o Cristo, autor da graça, do vinho novo; alegria, princípio e ânimo para a jornada missionária.

A talha representa a vida e vocação das consagradas e consagrados que se enchem desta alegria, o Cristo, para testemunhar o amor e chamada vocacional de Deus.

O caminho e as pegadas explicitam uma vida religiosa em saída, em movimento, dinâmica e fortalecida pelo vinho novo da alegria.



Consagradas e consagrados em missão

Horizonte

Nós consagradas e consagrados em missão, movidos por uma mística profético-sapiencial e articulados institucionalmente, procuramos estar presentes onde a vida está ameaçada, responder aos desafios de cada tempo, tecendo relações humanizadoras e interculturais, ouvindo o clamor dos pobres e da terra, para que o vinho novo do Reino anime a festa da vida.

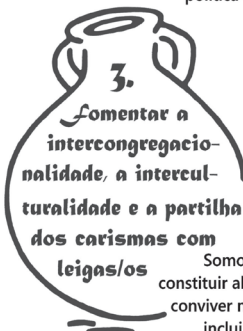
Prioridades



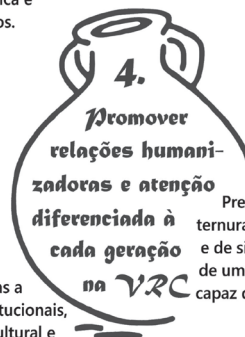
Inspirados em Maria, queremos escutar a voz de Deus nos pequenos sinais da vida, que nos chama a anunciar, denunciar e testemunhar a esperança do Reino na noite escura da realidade socioeconômica e política dos nossos povos.



Comprometemo-nos a promover iniciativas comunitárias e articuladas que gerem consciência crítica, inclusão social e cuidado da Casa Comum. Optar em favor dos mais pobres nos empenha a enfrentar a injustiça ambiental, porque tudo está interligado.



Somos interpelados/as a constituir alianças interinstitucionais, conviver na diversidade cultural e incluir o laicato na nossa espiritualidade e ação, abrindo novos caminhos na missão.



Precisamos tecer relações de ternura, de fraternidade/sororidade e de sinodalidade como expressão de uma nova forma de convivência capaz de superar o individualismo e a dominação.



MOMENTO DE REFLEXÃO PARA O INÍCIO DO PERCURSO SINODAL

Discurso do Papa Francisco - Sala Nova do Sínodo
Sábado, 9 de outubro de 2021

Armados irmãos e irmãs!
Obrigado por estardes aqui na abertura do Sínodo. Percorrendo diversos caminhos, viestes de tantas Igrejas trazendo cada um no coração questões e esperanças; e tenho a certeza de que o Espírito nos guiará e concederá a graça de avançarmos em conjunto, de nos ouvirmos mutuamente e iniciarmos um discernimento no nosso tempo, tornando-nos solidários com as fadigas e os anseios da humanidade. Reitero que o Sínodo não é um parlamento, o Sínodo não é uma investigação sobre as opiniões; o Sínodo é um momento eclesial, e o protagonista do Sínodo é o Espírito Santo. Se não estiver o Espírito, não haverá Sínodo.

Vivamos este Sínodo no espírito da ardente oração que Jesus dirigiu ao Pai pelos seus: «Para que todos sejam um só» (Jo 17, 21). É a isto que somos chamados: à unidade, à comunhão, à fraternidade que nasce de nos sentirmos abraçados pelo único amor de Deus. Todos indistintamente, mas em particular nós, Pastores – assim escreve São Cipriano –, «devemos manter e reivindicar com firmeza esta unidade, sobretudo nós Bispos que temos a presidência na Igreja, para dar provas de que o próprio episcopado também é uno e indiviso» (De Ecclesiae Catholicae Unitate, 5). Por isso, no único Povo de Deus, caminhemos em conjunto para fazer a experiência duma Igreja que recebe e vive o dom da unidade e se abre à voz do Espírito.

As palavras-chave do Sínodo são três: comunhão, participação, missão. Comunhão e missão são expressões teológicas que designam – e é bom recordá-lo – o mistério da Igreja. O Concílio Vaticano II esclareceu que a comunhão exprime a própria natureza da Igreja e, ao mesmo tempo, afirmou que a Igreja recebeu «a missão de anunciar e instaurar o reino de Cristo e de Deus em todos os povos e constitui o germe e o princípio deste mesmo Reino na terra» (*Lumen gentium*, 5). Através destas duas palavras, a Igreja contempla e imita a vida da Santíssima Trindade, mistério de comunhão ad intra e fonte de missão ad extra. Depois dum tempo de reflexões doutrinárias, teológicas e pastorais que caracterizaram a recepção do Vaticano II, São Paulo VI quis condensar precisamente nestas duas palavras – comunhão e missão – «as linhas mestras, enunciadas pelo Concílio». Com efeito, ao comemorar a abertura do mesmo, afirmou que as linhas gerais foram «a comunhão, ou seja, a coesão e a plenitude interior, na graça, na verdade e na colaboração (...); e a missão, ou seja, o compromisso apostólico para com o mundo contemporâneo» (*Angelus*, 11/X/1970), que não é proselitismo.

Ao encerrar o Sínodo de 1985, vinte anos depois da conclusão

da assembleia conciliar, também São João Paulo II quis reafirmar que a natureza da Igreja é a *koinonia*: dela brota a missão de ser sinal de união íntima da família humana com Deus. E acrescentou: «Convém sumamente que na Igreja se celebrem Sínodos ordinários e, se for necessário, também extraordinários», os quais, para dar fruto, devem ser bem preparados, «a saber, é preciso que nas Igrejas locais se trabalhe pela sua preparação com participação de todos» (Discurso de encerramento da II Assembleia Extraordinária do Sínodo dos Bispos, 07/XII/1985). E aqui temos a terceira palavra: participação. Comunhão e missão correm o risco de permanecer termos meio abstratos, se não se cultiva uma práxis eclesial que se exprima em ações concretas de sinodalidade em cada etapa do caminho e da atividade, promovendo o efetivo envolvimento de todos e cada um. Naturalmente celebrar um Sínodo é sempre bom e importante, mas só é verdadeiramente fecundo se se tornar expressão viva do ser Igreja, dum agir caracterizado por verdadeira participação.

E isto, não por exigências de estilo, mas de fé. A participação é uma exigência da fé batismal. De facto – como afirma o apóstolo Paulo – «num só Espírito, fomos todos batizados para formar um só corpo» (1 Cor 12, 13). O ponto

de partida, no corpo eclesial, é este e mais nenhum: o Batismo. Dele, nossa fonte de vida, deriva a igual dignidade dos filhos de Deus, embora na diferença de ministérios e carismas. Por isso, todos somos chamados a participar na vida da Igreja e na sua missão. Se falta uma participação real de todo o Povo de Deus, os discursos sobre a comunhão arriscam-se a não passar de pias intenções. Neste aspeto, deram-se alguns passos em frente, mas sente-se ainda uma certa dificuldade e somos obrigados a registar o mal-estar e a tribulação de muitos agentes pastorais, dos organismos de participação das dioceses e paróquias, das mulheres que muitas vezes ainda são deixadas à margem. Participarem todos: é um compromisso eclesial irrenunciável! Para todos os batizados, este é o cartão de identidade: o Batismo.

Entretanto o Sínodo, ao mesmo tempo que nos proporciona uma grande oportunidade para a conversão pastoral em chave missionária e também ecuménica, não está isento de alguns riscos. Menciono três. **O primeiro é o risco do formalismo.** Pode-se reduzir um Sínodo a um evento extraordinário, mas de fachada, precisamente como se alguém ficasse a olhar a bela fachada duma igreja sem nunca entrar nela. Pelo contrário, o Sínodo é um percurso de efetivo discernimento espiritual,

que não empreendemos para dar uma bela imagem de nós mesmos, mas a fim de colaborar melhor para a obra de Deus na história. Assim, quando falamos duma Igreja sinodal, não podemos contentar-nos com a forma, mas temos necessidade também de substância, instrumentos e estruturas que favoreçam o diálogo e a interação no Povo de Deus, sobretudo entre sacerdotes e leigos. Por que destaque isto? Porque às vezes há algum elitismo na ordem presbiteral, que a separa dos leigos; e, no fim, o padre torna-se o «patrão da barraca» e não o pastor de toda uma Igreja que está avançando. Isto requer a transformação de certas visões verticalizadas, distorcidas e parciais sobre a Igreja, o ministério presbiteral, o papel dos leigos, as responsabilidades eclesiais, as funções de governo, etc.

Um segundo risco é o do intelectualismo (da abstração, a realidade vai para um lado e nós, com as nossas reflexões, vamos para outro): transformar o Sínodo numa espécie de grupo de estudo, com intervenções cultas mas alheias aos problemas da Igreja e aos males do mundo; uma espécie de «falar por falar», onde se pensa de maneira superficial e mundana, acabando por cair nas habituais e estéreis classificações ideológicas e partidárias, e alheando-se da realidade do santo Povo de Deus, da

vida concreta das comunidades espalhadas pelo mundo.

Por fim, pode haver a tentação do imobilismo: dado que «se fez sempre assim» (Francisco, Exort. ap. *Evangelii gaudium*, 33) – esta afirmação “fez-se sempre assim” é um veneno na vida da Igreja –, é melhor não mudar. Quem se move neste horizonte, mesmo sem se dar conta, cai no erro de não levar a sério o tempo que vivemos. O risco é que, no fim, se adotem soluções velhas para problemas novos: um remendo de pano cru, que acaba por criar um rasgão ainda maior (cf. Mt 9, 16). Por isso, é importante que o caminho sinodal seja verdadeiramente tal, que seja um processo em desenvolvimento; envolva, em diferentes fases e a partir da base, as Igrejas locais, num trabalho apaixonado e encarnado, que imprima um estilo de comunhão e participação orientado para a missão.

Vivamos, pois, esta ocasião de encontro, escuta e reflexão como um tempo de graça – sim, irmãos e irmãs, um tempo de graça – que nos ofereça, na alegria do Evangelho, pelo menos três oportunidades. **A primeira é encaminhar-nos, não ocasionalmente, mas estruturalmente para uma Igreja sinodal:** um lugar aberto, onde todos se sintam em casa e possam participar. Depois o Sínodo oferece-nos a oportunidade de nos **tornarmos**

Igreja da escuta: fazer uma pausa dos nossos ritmos, controlar as nossas ânsias pastorais para pararmos a escutar. Escutar o Espírito na adoração e na oração. Como sentimos falta da oração de adoração hoje! Muitos perderam não só o hábito, mas também a noção do que significa adorar. Escutar os irmãos e as irmãs sobre as esperanças e as crises da fé nas diversas áreas do mundo, sobre as urgências de renovação da vida pastoral, sobre os sinais que provêm das realidades locais. Por fim, temos a oportunidade de nos tornarmos **uma Igreja da proximidade.** Sempre voltamos ao estilo de Deus: o estilo de Deus é proximidade, compaixão e ternura. Deus sempre agiu assim. Se não chegarmos a esta Igreja da proximidade com atitudes de compaixão e ternura, não seremos Igreja do Senhor. E isto não só em palavras, mas com a presença, de tal modo que se estabeleçam maiores laços de amizade com a sociedade e o mundo: uma Igreja que não se alheie da vida, mas cuide das fragilidades e pobreza do nosso tempo, curando as feridas e sarando os corações dilacerados com o bálsamo de Deus. Não esqueçamos o estilo de Deus que nos deve ajudar: proximidade, compaixão e ternura.

Amados irmãos e irmãs, que este Sínodo seja um tempo habitado pelo Espírito! Pois é do

Espírito que precisamos, da respiração sempre nova de Deus, que liberta de todo o fechamento, reanima o que está morto, solta as cadeias, espalha a alegria. O Espírito Santo é Aquele que nos guia para onde Deus quer, e não para onde nos levariam as nossas ideias e gostos pessoais. O Padre Congar, de santa memória, recordou: «Não é preciso fazer outra Igreja; é preciso fazer uma Igreja diferente» (Verdadeira e falsa reforma na Igreja, Milão 1994, 193). Este é o desafio. Por uma «Igreja diferente», aberta à novidade que Deus lhe quer sugerir, invoquemos com mais força e frequência o Espírito e coloquemo-nos humildemente à sua escuta, caminhando em

conjunto, como Ele, criador da comunhão e da missão, deseja, isto é, com docilidade e coragem.

Vinde, Espírito Santo! Vós que suscitais línguas novas e colocais nos lábios palavras de vida, livrai-nos de nos tornarmos uma Igreja de museu, bela, mas muda, com tanto passado e pouco futuro. Vinde estar conosco, para que na experiência sinodal não nos deixemos dominar pelo desencanto, não debilitemos a profecia, não acabemos por reduzir tudo a discussões estéreis. Vinde, Espírito Santo de amor, e abri os nossos corações para a escuta. Vinde, Espírito de santidade, e renovai o santo Povo fiel de Deus. Vinde, Espírito Criador, e renovai a face da terra. Amém.

VIAGEM APOSTÓLICA DO PAPA FRANCISCO A BUDAPESTE POR OCASIÃO DA SANTA MISSA CONCLUSIVA

52º Congresso Eucarístico Internacional e à Eslováquia
12 a 15 de setembro de 2021

No Templo de Jerusalém, os braços de Maria estendem-se para os do velho Simeão, que pode acolher Jesus e reconhecê-Lo como o Messias enviado para a salvação de Israel. Nesta cena, contemplamos quem é Maria: é a Mãe que nos dá o Filho Jesus. Por isso A amamos e veneramos. E o povo eslovaco acorre, com fé e devoção, a este Santuário Nacional de Šaštín, porque sabe que é Ela quem nos dá Jesus. No logótipo desta Viagem Apostólica, há um caminho desenhado dentro dum coração encimado pela cruz: Maria é o caminho que nos introduz no Coração de Cristo, que deu a vida por nosso amor.

À luz do Evangelho que ouvimos, podemos olhar para Maria como modelo da fé. E, na sua

fé, reconhecemos três características: o caminho, a profecia e a compaixão.

Antes de mais nada, a fé de Maria é uma fé que se põe a caminho. A jovem de Nazaré, logo que recebeu o anúncio do Anjo, «pôs-se a caminho (...) para a montanha» (Lc 1, 39), para ir visitar e ajudar Isabel, sua prima. Não considerou um privilégio ter sido chamada para Se tornar Mãe do Salvador; não perdeu a alegria simples da sua humildade por ter recebido a visita do Anjo; não ficou parada na contemplação de Si mesma, dentro das quatro paredes da sua casa. Pelo contrário, viveu aquele dom recebido como missão a cumprir; sentiu necessidade de abrir a porta, sair de casa; deu vida e corpo à impaciência com

que Deus quer alcançar todos os homens para os salvar com o seu amor. Por isso Maria Se põe a caminho: prefere as incógnitas do caminho à comodidade dos seus hábitos, a fadiga do caminho à estabilidade da casa, o risco numa fé que se põe em jogo, tornando-se dom de amor para o outro, à segurança numa religiosidade tranquila.

Também o Evangelho de hoje nos mostra Maria a caminho: para Jerusalém, onde juntamente com José, seu esposo, apresenta Jesus no Templo. E toda a sua vida será um caminho atrás do seu Filho, como primeira discípula, até ao Calvário, ao pé da Cruz. Maria sempre caminha.

Assim, a Virgem é modelo da fé deste povo eslovaco: uma fé que se põe a caminho, sempre animada por uma devoção simples e sincera, sempre em peregrinação à procura do Senhor. E, caminhando, venceis a tentação numa fé estática, que se satisfaça com algum rito ou tradição antiga; em vez disso, saís de vós mesmos, levais na mochila as alegrias e os sofrimentos, e fazeis da vida uma peregrinação de amor a Deus e aos irmãos. Obrigado por este testemunho! E, por favor, continuai a caminho. Sempre; não pareis! E gostaria também de acrescentar uma coisa. Disse «não pareis», porque, quando a Igreja para, adoecem; quando os

bispos param, adoecem a Igreja; quando os padres param, adoecem o povo de Deus.

A fé de Maria é também uma fé profética. Com a sua própria vida, a jovem de Nazaré é profecia da obra de Deus na história, da sua ação misericordiosa que subverte as lógicas do mundo, exaltando os humildes e derrubando os soberbos (cf. Lc 1, 52). Ela, representante de todos os «pobres de Jahvé», que clamam a Deus e esperam a vinda do Messias, Maria é a Filha de Sião anunciada pelos profetas de Israel (cf. Sof 3, 14-18), a Virgem que conceberá o Deus conosco, o Emanuel (cf. Is 7, 14). Como Virgem Imaculada, Maria é ícone da nossa vocação: como Ela, somos chamados a ser santos e imaculados no amor (cf. Ef 1, 4), tornando-nos imagem de Cristo.

A profecia de Israel culmina em Maria, porque Ela traz no seu ventre a Palavra de Deus feita carne, Jesus. Ele realiza, plena e definitivamente, o desígnio de Deus. Falando d'Ele, Simeão diz à Mãe: «Ele está aqui para queda e ressurgimento de muitos em Israel e para ser sinal de contradição» (Lc 2, 34).

Não nos esqueçamos disto: não se pode reduzir a fé a um açúcar que adoça a vida. Não se pode. Jesus é sinal de contradição. Veio para trazer a luz onde há trevas, pondo as trevas a descoberto e

forçando-as a renderem-se. Por isso as trevas lutam sempre contra Ele. Quem acolhe Cristo e se abre para Ele, ressuscita; quem O rejeita, encerra-se na escuridão e arruína-se a si mesmo. Jesus disse aos seus discípulos que não viera trazer paz, mas uma espada (cf. Mt 10, 34): de facto, a sua Palavra, como espada de dois gumes, penetra na nossa vida e separa a luz das trevas, pedindo-nos para escolher. Diz: «Escolhe!». Face a Jesus, não se pode ficar morno, com «o pé em dois sapatos». Não! Não se pode. Acolhê-Lo significa aceitar que Ele desvende as minhas contradições, os meus ídolos, as sugestões do mal; e que Se torne para mim ressurreição, Aquele que sempre me levanta, que me toma pela mão e faz recomeçar. Sempre me levanta.

E precisamente destes profetas tem necessidade, hoje a Eslováquia. Vós, bispos, sede profetas que sigam por esta estrada. Não se trata de ser hostis ao mundo, mas ser «sinais de contradição» no mundo. Cristãos que sabem mostrar, com a vida, a beleza do Evangelho: que são tecedores de diálogo onde as posições se tornam rígidas; que fazem resplandecer a vida fraterna na sociedade, onde muitas vezes nos dividimos e contrapomos; que difundem o bom perfume do acolhimento e da solidariedade, onde muitas vezes prevalecem os egoísmos pessoais, os egoísmos

coletivos; que protegem e guardam a vida onde reinam lógicas de morte.

Maria, Mãe do caminho, que Se põe a caminho; Maria, Mãe da profecia; finalmente, Maria é a Mãe da compaixão. A sua fé é compassiva. Aquela que Se definiu como «a serva do Senhor» (cf. Lc 1, 38) e Se preocupou, com solicitude materna, de que não faltasse o vinho nas bodas de Caná (cf. Jo 2, 1-12), partilhou com o Filho a missão da salvação, até ao pé da Cruz. Naquele momento, na dor terrível vivida no Calvário, Ela compreendeu a profecia de Simeão: «uma espada trespassará a tua alma» (Lc 2, 35). O sofrimento do Filho moribundo, que tomava sobre Si os pecados e as tribulações da humanidade, trespassou-A também a Ela. Jesus dilacerado na carne, Homem das dores desfigurado pelo mal (cf. Is 53, 3); Maria, dilacerada na alma, Mãe compassiva que recolhe as nossas lágrimas e ao mesmo tempo nos consola, indicando-nos em Cristo a vitória definitiva.

E, junto da cruz, Nossa Senhora das Dores simplesmente permanece. Está ao pé da cruz; não foge, não tenta salvar-Se a Si mesma, não usa artifícios humanos nem anestésicos espirituais para escapar da dor. Esta é a prova da compaixão: ficar junto

da cruz. Ficar com o rosto marcado pelas lágrimas, mas com a fé de quem sabe que, no seu Filho, Deus transforma o sofrimento e vence a morte.

E também nós, olhando para a Virgem Mãe Dolorosa, nos abrimos a uma fé que se torna compaixão, que se torna partilha de vida com quem está ferido, quem sofre e quem é constrangido a carregar aos ombros pesadas cruzes. Uma fé que não se fica pelo abstrato, mas faz-nos entrar na carne e nos torna solidários com os necessitados. Esta fé, ao estilo de Deus, humilde e silenciosamente levanta o sofrimento do mundo e irriga os sulcos da história com a salvação.

Queridos irmãos e irmãs, que o Senhor sempre conserve em vós a maravilha, conserve em vós a gratidão pelo dom da fé. E que Maria Santíssima vos obtenha a graça de que a vossa fé permaneça sempre a caminho, tenha o

respiro da profecia e seja uma fé rica de compaixão.

Saudação no final da Eucaristia

Queridos irmãos e irmãs!

Chegou a hora de me despedir do vosso país. Nesta Eucaristia, dei graças a Deus por me ter concedido a graça de vir ter convosco e concluir a minha peregrinação no devotado abraço do vosso povo, celebrando juntos a grande festa religiosa e nacional da Padroeira, Nossa Senhora das Dores.

De coração vos agradeço, queridos irmãos Bispos, por toda a preparação e o acolhimento. Renovo o meu agradecimento à Senhora Presidente da República e às autoridades civis. E agradeço a todos aqueles que colaboraram de diversos modos, especialmente com a sua oração.

Levo-vos no coração. Ďakujem všetkým [obrigado a todos]!



DEUS PRESENTE NO OLHAR DOS MIGRANTES

PE. ALFREDO J. GONÇALVES, CS, VICE-PRESIDENTE DO SPM

Pacaraima-RR, fronteira com a Venezuela, final de julho de 2021. A fila dos imigrantes que fogem daquele país estende-se pela rua, serpenteando por vários quarteirões. São milhares de almas e corpos cansados e abatidos. No olhar dos homens adultos e idosos, Deus expressa ao mesmo tempo fracasso, compaixão e impotência. Sonhos partidos, ilusões e desespero se mesclam e se confundem. Olhar turvo pelo peso das feridas e cicatrizes da longa e árdua marcha. Enquanto as mãos se estendem para a marmita, os ombros se vergam pelas adversidades do caminho, os olhos encontram-se pregados ao chão!... Vê-se logo que o pão

da caridade pública, embora mais urgente e necessário do que nunca, vem banhado pelas lágrimas da vergonha. Poucos ousam levantar a cabeça para receber o alimento. Somente o pão conquistado com o suor do rosto, fruto do trabalho justo, e justamente remunerado, confere dignidade à pessoa humana. Os rostos desfigurados pela travessia seguem desfilando lenta e pesadamente!...

Algumas famílias de indígenas Warao, arredores de Boa Vista-RR. No olhar dos adolescentes e jovens, Deus reflete certa ambiguidade, explícita ou latente. Sonham com um mundo novo,

mas arrastam os pés no velho mundo da pobreza e do abandono. A cidade e o mercado os chamam com seus apelos estridentes e atrativos profusamente iluminados. A realidade, porém, expõe uma carência crônica e secular, herdada de geração em geração. Jovens e adolescentes anseiam por uma outra existência, mas nenhum caminho e nenhuma porta conduz a esse horizonte. Daí, a perplexidade e a incerteza em seu semblante apagado. Rostos de olhos vagos e vazios, oblíquos e desconfiados. A vida parece ter-lhes armado uma grande trapaça. É como se tivesse esfriado o sangue juvenil em suas veias e o entusiasmo primaveril em seu coração. Onde e como acender a chamada de tanto vigor e de tanta energia represada?!...

Através do olhar das crianças Warao, Deus nos devolve dúvidas e de interrogações sem fim. O que fizeram vocês conosco? Que espécie de mundo nos estão deixando? É essa a herança que nos cabe? “Caim, que fizeste com teu irmão Abel”? Por que, logo ao nascer, tanta inocência tropeça com tanta astúcia? Por que a guerra e a morte, o mal e a violência, a miséria e a fome? Por que nos trazem ao mundo neste contexto de tamanha crise e insegurança? Simultaneamente, porém, Deus irrompe no olhar dos inocentes para questionar

tiranos e tiranias. Para interpelar a inércia e o comodismo dos braços cruzados e para abrir veredas novas nesse terreno deserto e infértil da história. Os olhos do menino que nasce na gruta de Belém, ao mesmo tempo que nos inquietam e instigam, reanimam a esperança de um tecido social necrosado pela indiferença e pelo individualismo egocêntrico. O sopro do Espírito divino sopra sobre as brasas de um fogo extinto, reacendendo a chama da vida. Como disse o sábio, “cada criança que vem ao mundo constitui um sinal de que o Criador ainda confia nos seres humanos”.

De volta a Pacaraima, no olhar de algumas mulheres voluntárias, Deus oferece aos migrantes e refugiados o serviço gratuito da solidariedade. Elas representam, de alguma forma, o coração materno da divindade, o qual ama a todos e todas, mas dedica um cuidado especial aos mais pobres e vulneráveis. São poucas essas bravas mulheres: apenas quatro na casa de acolhida e abrigo; um punhado em toda cidade e a área fronteira! Mas resolveram assumir o comando da nave no exato momento em que a embarcação começava a afundar. Os homens, em sua grande maioria, perderam o prumo e o rumo. Não conseguem dar-se conta da tragédia e do que fazer. Parecem ter perdido o leme, a bússola e a âncora; tampouco contam com

o farol e a direção de um porto seguro. Em meio à tempestade, são elas, as mulheres, que tomam nas mãos as rédeas do cotidiano e do destino, a exemplo da “mãe”, personagem de John Steinbeck n’As vinhas da Ira. Gesto a gesto, passo a passo, com

paciência e ternura, tecem os fios descosidos de tantas histórias quebradas. Juntam os cacos de inúmeras vidas fragmentadas e, por trás da máscara, sorriem com o olhar, enquanto distribuem carinho e cuidado aos náufragos da tormenta.

CARDEAL TOLENTINO APONTA DESAFIOS E OPORTUNIDADES PARA A IGREJA A PARTIR DO PONTIFICADO DE FRANCISCO

CARD. JOSÉ TOLENTINO MENDONÇA¹

Há quatro eixos marcantes, que agregam a si muitas outras reflexões, e que são traves-mestras no caminho, na missão que tem sido protagonizada pelo papa Francisco.

Primeiro, é a sua reflexão sobre o que nós somos. Há uma autor-representação da Igreja para a qual o papa Francisco, desde o início do seu pontificado, tem-nos mobilizado. Vale a pena voltar às imagens da exortação apostólica, que é o seu programa de pontificado, “A alegria do Evangelho”.

Imagens como a Igreja em saída, como uma Igreja de portas abertas, como uma Igreja hospital

de campanha, como uma Igreja acidentada, suja, por ter saído pelas estradas do mundo, pelas periferias da humanidade, mas que ao mesmo tempo continua a ser aquela comunidade de discípulos de Jesus, capazes de viverem em fidelidade o espírito do Evangelho, assumindo o serviço da vida humana como sua missão primordial.

Isto é algo, que ao longo destes oito anos de pontificado, encontramos traduzido noutras imagens, porque o pensamento do Papa Francisco funciona muito a partir de imagens muito incisivas, de metáforas de grande impacto. Com elas, o papa vai descrevendo o que pensa da Igreja.

¹ Fonte: Jesuítas Brasil, davidzfr/Bigstock.com, Publicado em 02.08.2021

Um dos problemas da Igreja atual é a sua autorreferencialidade: arriscamos viver dentro de uma bolha, dentro de uma zona de conforto, estamos bem nas nossas realidades, nas nossas missões, nas nossas atividades, mas perdemos a capacidade de um discurso relevante para o mundo. e nas nossas missões, , mas curso relevante para o mundo

Uma imagem para falar deste eixo da autorrepresentação que aparece repetidamente no pensamento e na fala do Papa Francisco é a do poliedro. Ele pensa a Igreja, as comunidades, as várias comunidades eclesiais como um poliedro, com faces diferentes, e grandes ao mesmo tempo, que expressam originalidade e complementaridade.

A referência aos quatro princípios que ele enuncia na “*Evangelium gaudium*” aparece continuamente quer em documentos quer quando fala sem papéis à frente.

O princípio que o tempo é superior ao espaço. Na visão que o Papa Francisco tem da Igreja, não se trata apenas de ocupar um espaço, mas de ter um olhar para o tempo, perceber que comecemos caminhos, e que esse gesto, inaugural, é porventura, mais importante do que querer já montar uma tenda num lugar específico.

Outro princípio é que a unidade é superior ao conflito. Um pensamento muito importante

do papa Francisco, quer em relação à Igreja quer ao mundo, é a noção de bem comum. Aquilo que nos une é sempre mais importante do que tudo aquilo que nos diferencia e separa.

Outro princípio é que a realidade é superior à ideia. É muito importante para um olhar de pastor, e, para nós que vivemos em Igreja, a auscultação da realidade, perceber que a capacidade de abraçar a vida como ela é, mesmo nas suas contradições, é superior às idealizações que podemos fazer.

A palavra-chave é conexão: não podemos servir a pessoa se não atendermos à criação, se não ouvirmos a voz do sofrimento do planeta. Cuidar da casa comum é condição fundamental para também podermos cuidar da humanidade. Só saberemos o que está acontecendo com a pessoa de nos perguntarmos o que é que está acontecendo com a nossa casa comum.

O quarto princípio é que o todo é superior às partes. De novo, emerge a ideia de bem comum a se redescobrir como uma imagem, que não é só abstrata, mas praticada do que é a Igreja.

Percebemos, na visão que o papa apresenta sobre a Igreja, quanto ele é fiel ao espírito do Concílio Vaticano II. Além de perguntar quem somos, o papa pergunta-nos, desafia-nos e cria novas oportunidades para

perguntar quem são os destinatários do discurso eclesial. E, aqui, o seu discurso traz grande novidade profética, desinstala-nos, porque ele escolhe falar não para os de sempre, não para aqueles que já pertencem ao rebanho, não para aqueles que já estão convencidos, mas é um discurso verdadeiramente para todos, em grande medida para a humanidade.

Nesse sentido, os temas, os argumentos que o Papa Francisco escolhe, por exemplo a África, a Europa e o grande cemitério que é hoje o mar Mediterrâneo, e as suas encíclicas são textos nas quais vemos que ele tem a humanidade diante dos olhos. Não tem apenas os bispos, os cristãos, porque sente como desafio para a missão, atual, da Igreja a capacidade de falar a todos, e de colocar na sua agenda eclesial temas que não dizem respeito apenas “ad intra”, mas com uma transversalidade e globalidade muito grandes.

Isso é um eixo novo e constitui, sem dúvida, um desafio muito grande, porque, como o Papa Francisco refere-se, muitas vezes, um dos problemas da Igreja atual é a sua autorreferencialidade: arriscarmos viver dentro de uma bolha, dentro de uma zona de conforto, estamos bem nas nossas realidades, nas nossas missões, nas nossas atividades,

mas perdemos a capacidade de um discurso relevante para o mundo. A “Fratelli tutti” vem dar força não apenas à palavra “irmãos”, mas também ao advérbio “todos”. Esta capacidade de falar a todos é algo que o papa Francisco nos ensina.

Há mais desafios que abrem muitas oportunidades e são importantes quando olhamos sem pretensão de esgotar o assunto, mas de abrir uma conversa sobre o magistério do papa Francisco.

Uma Igreja sinodal é uma Igreja que escuta, e que escutar não é apenas ouvir; escutar é ser capaz de acolher, de praticar uma hospitalidade, de entender a complementaridade que existe entre todos os carismas, entre todos os serviços.

Um outro eixo consiste no desafio a converter o olhar e o método de interpretar a realidade a uma dimensão sistémica da vida. O Papa Francisco pensa as coisas não apenas individualmente, mas é capaz de perceber que tudo está ligado, que há uma interconexão muito grande.

Percebemos isso claramente, por exemplo, na “Laudato si’”. Há tempos, o Papa fez uma espécie de “making of”, contou o que está por trás do processo interior, espiritual, que o levou à redação e publicação desta encíclica sobre o cuidado da casa comum. Ele lembra que, em 2007, quando estava na conferência da

CELAM [Conselho Episcopal Latinoamericano] que aconteceu em Aparecida, da qual era um dos redatores do documento final.

Ele conta, com muita simplicidade, que ao ouvir alguns dos participantes falar da Amazônia, pensava para si mesmo: “O que é que tem a Amazônia a ver com a evangelização? Esta insistência é aborrecida”. Eu tive de fazer um caminho de conversão interior para perceber que a ecologia, o pensamento do mundo, da casa comum, obriga-nos a um novo paradigma, em que, por um lado, não temos o antropocentrismo radical que ainda vigora – no centro está o ser humano e todas as coisas devem ser explicadas em função dele –, antes há uma dimensão sistémica na criação, que, depois, podemos usar como método para analisar todas as realidades. A palavra-chave é “conexão”. Não podemos servir a pessoa se não atendermos à criação, se não ouvirmos a voz do sofrimento do planeta. Cuidar da casa comum é condição fundamental para, também, podermos cuidar da humanidade. Só saberemos o que está a acontecer com a pessoa humana se nos perguntarmos o que é que está a acontecer com a nossa casa comum.

Essa sinodalidade que a Igreja é chamada a viver, e que tem vivido

de tantos modos ao longo do pontificado de Francisco, não é apenas “Ad Intra”, não é apenas para ouvir a Igreja, os fiéis leigos, para ouvir as diversas realidades que compõem a esfera eclesial; é também uma sinodalidade com o mundo.

O quarto desafio, que vem desde as primeiras declarações deste pontificado – mas que este ano ganhou um novo impulso, porque na preparação para o Sínodo dos Bispos a Igreja universal é chamada a redescobrir e viver em chave de sinodalidade, e que nos abre tantas oportunidades nas nossas realidades eclesiais, é o de implementar uma dinâmica de sinodalidade.

Quando, em 2015, a instituição dos Sínodo dos Bispos fez cinquenta anos, o papa dizia que o Sínodo era o que o Senhor nos pede para vivermos no terceiro milénio. A grande imagem da Igreja deste milénio é uma igreja sinodal, uma Igreja capaz de caminhar conjuntamente, mas ele afirma imediatamente com o realismo que dele conhecemos, que não é fácil colocar esse dinamismo em prática. Mas ele não deixa de nos desafiar. E aponta algumas traves-mestras do seu pontificado.

O Papa diz, por exemplo, que uma Igreja sinodal é uma Igreja que escuta, e que escutar não é apenas ouvir; escutar é ser capaz

de acolher, de praticar uma hospitalidade, de entender a complementaridade que existe entre todos os carismas, entre todos os serviços dentro da Igreja. Ele diz que sem sinodalidade não se entende o próprio ministério hierárquico. Ao citar S. João Crisóstomo, afirma que Igreja e Sínodo são sinônimos.

Essa sinodalidade, que a Igreja é chamada a viver, e que tem vivido de tantos modos ao longo do pontificado de Francisco, não é apenas “ad intra”, não é apenas para ouvir a Igreja, os fiéis leigos, para ouvir as diversas realidades que compõem a esfera eclesial; é também uma sinodalidade com o mundo, porque lembra tantas

vezes o Papa Francisco que nós não estamos sós, a Igreja caminha juntamente com os seres humanos, compartilhando as suas dificuldades e esperanças.

Penso que esses quatro eixos – quem somos, imagens novas, incisivas, para autorrepresentar a experiência eclesial; a quem falamos, a ousadia de falar a todos, o que em grande medida é, para a Igreja, uma novidade e uma oportunidade; o desafio de interpretar de modo sistémico, em modo interconectado todas as questões; e, por fim, o estilo eclesial é o estilo da sinodalidade – ajudam-nos a ler, mapear, cartografar o pontificado do papa Francisco.

ALGUNS FRADES MAIS VELHOS TÊM MEDO DOS FRADES JOVENS E DE SEUS SONHOS

FREI TIMOTHY RADCLIFE, DOMINICANO¹

“Sempre haverá gente que trate de esmagar uma iniciativa nova porque é arriscada, pode ser que não funcione, já estamos fazendo coisas demais, pode ser que seja mal compreendida, não é segura. O papel do Mestre é resistir a esses medos. Temos centenas de freis jovens maravilhosos que querem fazer coisas um tanto loucas. Temos que ser realistas, porém nunca os desanimar. A primeira coisa que os anjos disseram às mulheres depois da ressurreição foi: Não tenhas medo!”, exortou o frei Timothy Radcliffe, na missa do Espírito Santo, no Capítulo Geral dos Dominicanos, em

13-07-2019, antecedendo a eleição de Gerard Timoner como novo Mestre-Geral da Ordem dos Pregadores. A tradução é de Wagner Fernandes de Azevedo.

Eis a íntegra da homilia.

Os discípulos estão enclausurados no cenáculo, porque estão com medo. Jesus entra atravessando os muros, unge-os com o Espírito Santo e libera-os para ir em missão. Nós estamos como eles, ao pedir hoje o Espírito Santo. Não estamos enclausurados em Bien Hoa, [Nota de IHU On-Line: Bien Hoa é uma cidade do Vietnã, onde ocorre o Capítulo Geral dos Dominicanos, iniciado em

¹ Publicado Revista IHU online 16/07/2019

08-07-2019], por medo, mesmo que tenham nos aconselhado para que não saíamos! Porém, cada um de nós tem medos que podem nos encarcerar e impedir que saíamos à missão.

Quais são os nossos medos? Pode ser o medo do fracasso. Se embarcamos em algum projeto ambicioso, fracassaremos? Pode ser o medo de deixar nossos lares cômodos e seguros para sair à missão em algum lugar perigoso. Poderíamos ter medo de explorar perguntas difíceis para as quais não temos respostas. Quando perguntaram a Yves Congar, se suas respostas eram corretas, respondeu que não sabia, mas que as perguntas sim o eram. Não temamos as perguntas difíceis. Pode ser que tenhamos medo, especialmente no Ocidente, de que nossas províncias não sobrevivam. Alguns frades maiores têm medo dos frades jovens e de seus sonhos.

Por isso, pedimos ao Espírito Santo que nos liberte do medo para sairmos de nossas casas fechadas e pregarmos o Evangelho. Pedimos, o que um mestre anterior, Vicente de Cousenongle, chamou “a coragem do futuro”. Se fazemos isso, com certeza, seremos vulneráveis. Um dominicano inglês, Herbert McCabe, dizia “Se amas, te ferirão; pode que inclusive te matem. Porém, se não amas, já está morto”. Sim,

nos ferirão. Pode ser que nos matem, como ao beato Pierre Claverie, na Argélia. Porém, Cristo Ressuscitado mostra suas feridas aos discípulos. Se não nos atrevermos a ser vulneráveis, nunca faremos nada.

Pedimos, também, que o Espírito nos guie na eleição de um novo Mestre da Ordem. Não tem que ser a pessoa mais valente que nos vai libertar. É o Espírito Santo quem o vai fazer, e não o Mestre da Ordem! Seu papel principal é apoiar as Províncias, os irmãos e aqueles que o Espírito chama a uma missão valente. Sempre haverá gente que trate de esmagar uma iniciativa nova porque é arriscada, pode ser que não funcione, já estamos fazendo coisas demais, pode ser que seja mal compreendida, não é segura. O papel do Mestre é resistir a esses medos. Temos centenas de freis jovens maravilhosos que querem fazer coisas um tanto loucas. Temos que ser realistas, porém nunca os desanimar. A primeira coisa que os anjos disseram às mulheres depois da ressurreição foi: “Não tenhas medo!”

Às vezes, os irmãos querem que nossos superiores – priores, provinciais, Mestre – sejam solucionadores de problemas. Em uma ocasião, um provincial me mostrou seus arquivos e me disse: esses documentos são de uns 10% dos irmãos, e ocupam 90% do

meu tempo. Porém, se um superior se vê como solucionador de problemas, descobrirá que cada vez mais irmãos são problemas. Uma pesquisa, dos hospitais canadenses, revelou que o hospital ideal não teria nenhum paciente. Pode ser que alguns provinciais pensem que a província ideal não teria nenhum irmão, dado que assim não haveria problemas.

Os discípulos do cenáculo, provavelmente, pensavam que Tomé era um problema. Por que não estava ali, enclausurado com todos os outros? Quem deu-lhe permissão para sair ao mundo perigoso? Se lhe machucam, provavelmente, esperará que lhe cuidemos. Quem vai pagar seu tratamento médico? Porém, foi esse discípulo problemático quem primeiro confessou a divindade de Cristo. Certamente, há problemas que precisamos resolver, se for possível, porém o papel principal de nosso novo mestre e de nossos provinciais é animar o que Bruno Cadoré chama de "criatividade apostólica" [Nota de IHU On-Line: Frei Bruno Cadoré foi o último Mestre-Geral da Ordem dos Dominicanos, antes da eleição de Gerard Timoner, neste último final de semana].

Jesus diz: "A paz esteja com vocês". Nossa pregação nasce dessa paz. Graças a Deus, a Ordem está em grande medida na paz. Pode ser que haja

tensões, inclusive conflitos, em algumas vezes, mas conservemos a unidade. O primeiro dever do Mestre é velar pela paz da Ordem. Isso Bruno fez maravilhosamente.

Essa paz, rompe-se quando as pessoas se fecham nas pequenas salas da ideologia. Em todo o mundo, as pessoas vão se retirando das pequenas casas e fecham as portas. Conservadores ou liberais, tradicionais ou progressistas. Os algoritmos dos meios de comunicação fecham as pessoas em bolhas nas quais falamos aos que pensam como nós. Os bons e os maus; nós e eles.

Bruno apontou em seu novo livro que é exatamente assim como pensavam os cátaros. Tudo é branco ou preto. Estava o Deus bom e o Deus mau. Os puros e os impuros. A pregação de Domingos de Gusmão começou, chamando-os para sair dessas prisões mentais para a criação espaçosa do Deus único que criou tudo. Hoje, necessitamos de um Mestre que impeça que a Ordem se fragmente em grupos, e que ame a verdade espaçosa do catolicismo.

Os Evangelhos dizem que os discípulos se regozijaram quando vieram ao Senhor. Toda nossa pregação nasce desse gozo. Sem gozo, estamos perdendo o tempo. Que o Senhor nos conceda um Mestre alegre.

DOS RASOS DO MUNDO AO PROFUNDO DE SI: UMA REFLEXÃO VOCACIONAL A PARTIR D'A TERCEIRA MARGEM DO RIO

FR. TAILER DOUGLAS FERREIRA, OSA

O conto A terceira margem do rio, de Guimarães Rosa, incluso na coletânea de contos

Primeiras Estórias, publicado em 1962, é um texto emblemático, pauta para reflexões literárias, linguísticas, filosóficas, antropológicas, psicológicas... e, por que não, teológicas?

O filho relata a “doideira” do “nosso pai,” que manda construir uma “canoa especial...

pequena... para caber o justo remador” e se lança rio adentro, sem nada falar, levar, explicar, precisar. Sem ir e sem voltar, “nosso pai” “executava a invenção de se permanecer naqueles espaços do rio, de meio a meio”. Os parentes, os vizinhos, os

conhecidos buscam entender o ocorrido, tomando “juntamente conselho”. Doideira? Promessa? Doença? Mas “nosso pai”, “sentado no fundo da canoa, suspendia no liso do rio”. Vem o tio, o mestre, o padre, dois soldados... “tudo o que não valeu de nada”.

Foi preciso “de se acostumar com aquilo”. A família segue, se desfaz... a filha casa, tem filho...o irmão muda para uma cidade... a mãe vai morar com a filha... restam apenas o filho e o “nosso pai”. No “demoramento” da vida, o filho “sofria já o começo da velhice” e se culpava pela situação... “Sou o culpado do que nem sei, de dor em aberto, no meu foro.” Insurge um princípio de decisão: “Pai, o senhor está

velho, já fez o seu tanto... Agora, o senhor vem, não carece mais... O senhor vem, e eu, agora mesmo, quando que seja, a ambas vontades, eu tomo seu lugar, na canoa!...". Não era decisão: "Por pavor, arrepiados os cabelos, corri, fugi, me tirei de lá... Sofri o grave frio dos medos, adoeci. (...) Sou homem, depois desse falimento? Sou o que não foi, o que vai ficar calado. Sei que agora é tarde, e temo abreviar com a vida, nos rasos do mundo."

A dinâmica da vocação – chamado-resposta – parece ganhar espaço ou, pelo menos, deixa-se iluminar nas entrelinhas do conto rosiano: não seria a experiência vocacional um passar a outra margem, como nos aponta o Mestre Jesus? (cf. Mc 4,35). Cada um de nós é chamado, como o pai, a lançar-se no rio da própria existência, da história, da vida, da morte. E, sem desconsiderar o caráter comunitário da vocação cristã, aprender que a resposta é sempre individual. Na canoa especial, pequena, da nossa vocação, cabe o justo vocacionado. Ninguém poderá fazer essa experiência no meu lugar, ninguém

poderá dizer o "sim" ou o "não", que só a mim cabe dizer.

Abrir mão dos excessos, das matulas, das trouxas e, por vezes, das palavras, é o jeito de ir ao encontro da Palavra-Silêncio que chama, grita, sussurra ao coração, à razão, um sentido para a doideira da vida. E, ainda, que não seja fácil compreender e ser compreendido – nem sempre entendemos tudo, nem sempre nos entenderão – há que se abraçar as exigências desse chamado.

Por vezes, como sucedeu ao filho, pode nos espantar decisão tão segura de outrem... e, também, motivar a nossa própria decisão. Vocação é decisão! E aqui é preciso a coragem, a fé capaz de aquecer o grave frio dos medos que nos impedem singrar rumo à terceira margem, ao profundo de nós mesmos e aí "se permanecer". Não deixemos que seja tarde... a vida é mistério demais para ser abreviada nos rasos do mundo.

Arrisquemo-nos! Vamos... você... eu... "rio abaixo, rio a fora, rio a dentro" – vocação!

VIDA EREMÍTICA FRANCISCANA NA ORIGEM DO FRANCISCANISMO

FREI MENDELSON BRANCO DA SILVA, OFM

Muitos que admiram o carisma franciscano, e até mesmo franciscanos e franciscanas que são membros deste carisma, podem não conhecer uma face desta espiritualidade muito importante para a Ordem, face esta que muitas vezes o próprio São Francisco de Assis fez profundas experiências espirituais que, em vários momentos, faziam arder seu coração. Estou me referindo a vida eremítica franciscana, a qual Francisco dedicou uma pequena regra aos que desejarem viver tal forma do carisma, vamos, então, olhar e conhecer esta pérola preciosa e por muitos desconhecida.

A Vida eremítica possui uma longa história dentro do seio da Igreja, tendo, popularmente,

Santo Antão como pai e modelo dos eremitas. A vida eremítica, explicada em poucas palavras, é o chamado a viver a espiritualidade do deserto, mas não um deserto sem sentido vazio, mas buscar a voz de Deus neste deserto. A vida eremítica não é uma novidade na Ordem Franciscana, ela remonta a origem do franciscanismo, pois ecoou muito forte no coração de São Francisco de Assis, logo no início de sua caminhada de conversão, como nos indica o dicionário franciscano (1983, p.837):

Nos primeiros anos da sua conversão, Francisco vive à maneira dos eremitas, vestindo inclusive o hábito de penitente e oblato; Assim em São Damião, primeiro vivendo escondidamente e depois iniciando

a restauração, aprofunda o colóquio de amor que Cristo iniciara com ele ali; no terceiro ano restaura a Porciúncula e finalmente conhecerá através do Evangelho da missão, qual deve ser sua missão-vocação; e mesmo quando tiver companheiros e tiver obtido a Porciúncula dos beneditinos do Subásio como sua morada, a vida ali conservará aquela atmosfera de eremitério: silêncio, contemplação, pobreza.

Esse chamado ao deserto da vida eremítica, encontrava, no coração de São Francisco de Assis um terreno fértil, onde, muitas vezes, retirava-se em recolhimento. O que movia o coração de Francisco, nessa busca pelo deserto, é justamente o desejo de uma busca intensa de intimidade com o Senhor, pobre e crucificado, isso, porque Francisco é um homem em prontidão, sedento e atento para ouvir o que o Senhor deseja. Nas Fontes Franciscanas, encontramos uma passagem do livro do Espelho da Perfeição, que traduz o quanto Francisco de Assis se mantinha, a todo o momento, em vigilância com o Senhor, mesmo quando longe dos locais ermos, ele carregava o eremitério em seu coração, isso nos faz contemplar o quanto Francisco conseguiu equilibrar a vida eremítica na dinâmica da contemplação em seu peregrinar do anúncio do Evangelho.

Mesmo que estejais andando, vossa conversa seja tão digna como se estivésseis no eremitério ou na cela,

porque onde quer que estejamos e andemos, temos sempre a cela conosco, pois o irmão corpo é nossa cela, e a alma é o eremita que mora na cela para orar a Deus e meditar. Pois, se a alma não permanecer tranquila e solícita na sua cela, pouco proveito terá o religioso numa cela feita com as mãos (Espelho da Perfeição Menor 37, 3-5)

Aos poucos, o próprio Pai Seráfico harmonizou, de forma maestral, a vida de contemplação e ação, esta profunda inclinação eremítica de São Francisco de Assis está presente desde os primórdios da Ordem dos Frades Menores, como nos aponta a obra do dicionário franciscano (1983, p.837):

Quando o Senhor lhe dá companheiros e irmãos, logo os conduz a estes lugares de solidão; foi assim que nasceram os eremitérios franciscanos, que terão tanto peso espiritual na vida e na história da sua ordem: A sede de solidão que caracteriza a vida de Francisco se torna paixão para seus seguidores, mesmo tendo sido conclamados à evangelização do mundo inteiro: e é esta ânsia que lhe inspirará uma forma singular de eremitismo no mundo.

São Francisco de Assis, em seu anseio pela contemplação irá encontrar locais ermos para sua prática do deserto, sejam em grutas, selvas, bosques e montanhas solitárias, que serão lugares especiais para o diálogo com o Senhor, locais como em Greccio, Alverne, Fonte Colombo e outros

que, com o passar do tempo, transformaram-se em conventos “a começar por Rivo Torto, que nada mais era que uma palhoça em pleno bosque, tão apertado que era necessário escrever os nomes dos Frades nos barrotes para que pudessem sem perturbação, vigiar em oração ou repousar durante a noite” (Dicionário Franciscano, p.387).

Regra do Eremitismo Franciscano

O eremitismo franciscano é “profundamente evangélico e permanece sempre aberto ao mundo – embora reconhecendo a necessidade de que seja mantido certo distanciamento e certa perspectiva.” (MERTON, p. 245). A vida eremítica tinha uma importância tão enraizada no coração dos primeiros frades que recebeu de São Francisco de Assis uma pequena regra que “Segundo Esser e Paolazzi, a elaboração desse texto que Francisco consagra à vida eremítica situa-se entre os anos 1217/18 e 1221, levando-se em consideração que, no período de 1219/1220, o Poverello esteve nas terras do Oriente. O pequeno escrito deve ter sido composto pouco antes ou pouco depois destas datas.” (GUIMARÃES). A pequena regra direciona a forma que tais frades deveriam viver a

dinâmica do eremitismo franciscano, o qual tem características muito peculiares, como, por exemplo, o eremita franciscano vive a dinâmica da fraternidade com relação maternal entre os irmãos, esse aspecto maternal é fruto da experiência marcante de Francisco com sua mãe, podemos sentir esta espiritualidade logo nas primeiras linhas da Regra Eremítica franciscana.

Aqueles que querem viver religiosamente nos eremitérios sejam três irmãos ou no máximo quatro, dois deles sejam as mães e tenham dois filhos ou um pelo menos. Esses dois, que são as mães, levem a vida de Marta, e os dois filhos levem a vida de Maria (cf Lc 10, 38-42) e tenham um claustro em que cada um tenha sua pequena cela para rezar e dormir(1-2).

Nessa dinâmica (Marta e Maria), que busca raízes no Santo Evangelho, observa-se o cuidado e o zelo que se deve cultivar, mutuamente, entre os frades que vivem no eremitério, tanto o zelo fraterno, como o zelo pela oração no deserto (ermo), comunitária e, também, no trabalho simples para que seja também evitado o ócio.

Os irmãos que são as mães fiquem afastados de toda pessoa estranha e em obediência ao seu ministro conservem também os seus filhos afastados de todos para que ninguém fale com eles. Os filhos por sua vez não podem falar com ninguém senão

com suas mães e seu ministro e custódio quando a este lhe aprouver visitá-los, com a bênção de Deus.

Dessa forma, também, pode-se observar a dinâmica entre oração e trabalho, quando se percebe a alternância entre a vida de Marta e Maria, como nos apontam as linhas da Regra para Eremitérios: “Os filhos [Maria] assumam de vez em quando o encargo das mães [Marta] conforme os turnos que todos acharam conveniente estabelecer.”, essa alternância possui fortes características franciscanas, na observância da relação fraterna/materna, características estas que não encontramos em uma tradição anterior, logo, São Francisco de Assis contribui para uma novidade na espiritualidade eremítica.

Na vida eremítica, o carisma franciscano encontrou frutífero terreno em sua origem, e deixou profunda herança na forma de buscar intimidade com Deus através da oração. Francisco de Assis, foi um jovem medieval com um espírito profundamente contemplativo, sendo essa capacidade de oração e contemplação que recebeu de Tomaz de Celano, o destaque que ele era “não só o orante, mas a própria oração” (2Cel 95). Buscando vivenciar, intensamente, essa

relação íntima com o Cristo desde que sentiu o chamado do Senhor em sua vida, como diz Michel Hubaut: “A partir desse dia (um pouco antes da conversão), inaugura-se na vida de Francisco um tempo de silêncio. Sim, uma imperiosa necessidade de silêncio toma conta dele. Procura afastar-se da agitação mundana e do mundo dos negócios. Esforça-se, segundo a expressão de Tomás de Celano, “por reter Cristo em seu interior” (1Cel 6). e recomendava seus irmãos e irmãs que cultivassem o espírito de oração e devoção.

Referências:

- CAROLI, Ernesto (coord.). Dicionário Franciscano. 1ª edição. ed. Petrópolis, RJ: CEPEFAL, 1993.
- GUIMARÃES, Frei Almir. Francisco, homem feito oração. [S. l.], [20-?]. Disponível em: <https://franciscanos.org.br/carisma/francisco-homem-feito-oracao.html#gsc.tab=0>. Acesso em: 11 maio 2021.
- GUIMARÃES, Frei Almir. Frei Almir comenta a Regra para os eremitérios. [S. l.], [20?]. Disponível em: <https://franciscanos.org.br/carisma/regra-para-os-eremiterios.html#gsc.tab=0>. Acesso em: 11 maio 2021.
- MERTON, Thomaz. Contemplação num mundo de ação, Vozes, Petrópolis.

“O MELHOR LUGAR DO MUNDO É DENTRO DE UM ABRAÇO”

P. RONALDO ZACHARIAS, SDB

No contexto atual, pode soar um pouco estranha a afirmação que “o melhor lugar do mundo é dentro de um abraço”. Estamos vivendo um período muito particular: celebramos os mais importantes mistérios da nossa fé em meio a uma pandemia, e isso, concretamente, significa sofrimento, medo, angústia, distanciamento, morte. Parece uma grande contradição: celebramos os mistérios da presença definitiva de Deus, entre nós, num contexto de isolamento e distanciamento. Por mais que acreditemos que “o melhor lugar do mundo é dentro de um abraço”, sabemos que não há outro meio de conter essa pandemia, se não formos rigorosos quanto ao isolamento e distanciamento físicos, isto é, distantes do

“melhor lugar do mundo”. O isolamento e o distanciamento físicos, aos quais nos submetemos, defendem a vida que queremos continuar vivendo, protegem as pessoas que queremos continuar amando. O “melhor lugar do mundo” passa a ser a distância que separa o hoje do amanhã, com seus abraços suspensos, mas “grávidos” do desejo de proximidade. Nossa humanidade requer proximidade!

O isolamento e o distanciamento físicos, provocados pela pandemia que enfrentamos, embora gerem ansiedade, angústia, aflição, nesse momento histórico, não são tão maus quanto parecem ser. Eles são expressões de cuidado e de amor. No entanto, essa pandemia pôs

às claras tantas outras formas de isolamento e distanciamento que estávamos vivendo, muito mais graves, por serem sinais de ódio, desunião, intolerância, preconceito, discriminação, ritualismo, formalidade. O isolamento e o distanciamento dos outros, por esses motivos, é que devem nos incomodar, envergonhar e, por isso, desinstalar. Se acreditamos na Paixão-Morte-Ressurreição-Ascensão de Jesus, se acreditamos que somos chamados a viver no Espírito, temos que romper com todas as formas de isolamento e distanciamento que não tenham a que ver com cuidado e amor. Nossa fé implica proximidade!

O contexto atual tem-nos colocado em contato direto com a essência da vida consagrada. De repente, surpreendemo-nos com tanto tempo livre, sem saber o que fazer com ele; encontramos dentro de casa, vivendo todos os momentos comunitários, sem desculpas que justifiquem as ausências; vemo-nos como apóstolos desejosos de fazer o bem, sem poder encontrar-nos com o rebanho; damo-nos conta de tantas estruturas vazias, sem saber como dar vida a elas; destituímos-nos de tantos rituais, sem crises de consciência ou de fé; despimo-nos de tantos acessórios, sem perder a paz por isso; colocamo-nos diante de Deus com a sensação de

termos passado muito tempo longe da intimidade com Ele. O isolamento e o distanciamento físicos levaram-nos a isso e, nesse sentido, têm sido ocasião privilegiada para que o Espírito do Senhor tome, em suas mãos, os “vasos de barro” que somos, e dê maior consistência a eles, a fim de que a fragilidade que lhes é própria não comprometa o encantamento pelo “tesouro” que contém.

Precisamos, no entanto, estar atentos para que o isolamento e o distanciamento físicos, que vivemos no presente, não se transformem em estilo de vida. O risco é de nos habituarmos a uma condição momentânea, na qual a pandemia nos colocou e, sem nos darmos conta, assumirmos um estilo de vida individualista, narcisista, autorreferencial, autocontemplativo, indiferente, medíocre. Somos chamados a encontrar formas de nos fazermos qualitativamente presentes em nossa comunidade, apesar de nos termos habituado a viver debaixo do mesmo teto; de nos fazermos próximos das pessoas que amamos, mesmo estando isolados ou distantes temporariamente; de nos fazermos cuidadores de tantas pessoas que nem conhecemos, mas sofrem o isolamento e o distanciamento, porque foram postas à margem, jogadas nas ruas, tratadas com desprezo e indiferença,

consideradas como sobrantes. Impõe-se, neste momento histórico, o cuidado das pessoas – de todas elas – como expressão do nosso amor e da nossa fé.

Os mistérios da encarnação, vida, paixão, morte, ressurreição e ascensão do Filho de Deus deixam claro que a proximidade é o modo concreto de o nosso Deus se fazer presente e atuante entre nós. Ao assumir a nossa humanidade, o Filho de Deus, tendo cumprido a sua missão, coloca-nos para sempre no seio da comunhão de vida e amor da Trindade e, confirma, assim, a proximidade como condição para a realização plena da nossa humanidade. Deus encontrou a sua forma de fazer-se próximo de nós para sempre. Inspirados por Ele, somos chamados a

encontrar a nossa forma de fazer-nos próximos das pessoas com as quais convivemos, daquelas que amamos e das que mais precisam de ajuda nesse momento. Só assim, poderemos, no meio de uma pandemia que assusta, amedronta e mata, continuar descobrindo que é maravilhoso viver, é maravilhoso fazer-se próximo, é maravilhoso ser significativo na vida de alguém.

O poeta tem razão: “o melhor lugar do mundo é dentro de um abraço”. Segundo ele, “tudo que a gente sofre, num abraço se dissolve; tudo que se espera ou sonha, num abraço a gente encontra”. Enquanto não pudermos nos abraçar, criemos os rituais necessários para vivermos a maravilhosa experiência de ser presença mesmo na ausência!

Referência à música “Dentro de um abraço”, de Jota Quest.



O PATRIMÔNIO CARISMÁTICO DOS INSTITUTOS DE VIDA CONSAGRADA NO CONCÍLIO VATICANO II E SEU RESGUARDO JURÍDICO

PE. ÂNGELO JOSÉ ADÃO, SCJ¹

Resumo

O Concílio Vaticano II reconheceu a igual dignidade dos fiéis. A vida religiosa, embora não pertença à hierarquia nem ao estado de vida laica, faz parte da vida e santidade da Igreja. A mente, os princípios dos fundadores, além das veneráveis

tradições dos Institutos de Vida Consagrada constituem o patrimônio carismático que deve ser protegido e tutelado como um bem para toda a Igreja. O ordenamento jurídico da Igreja estabelece dispositivos canônicos que tutelam e protegem o patrimônio carismático dos Institutos. O Ordinário local tem uma responsabilidade para com o patrimônio dos Institutos.

Palavras-chaves: *Patrimônio carismático; Instituto de Vida Consagrada; Ordinário local.*

¹ Congregação dos Padres do Sagrado Coração de Jesus - Província BSP. Graduação em Teologia: Faculdade Dehoniana - Taubaté/SP; pós-graduação em "Casas de formação e processos formativos" - Faculdade Dehoniana; mes-trando em Direito Canônico: Faculdade de Direito Canônico São Paulo Apóstolo - São Paulo/SP; cargo atual: Secretário Provincial - Província BSP

Introdução – Desambiguação

Para que se possa delimitar o tema e evitar ambiguidade de conceito, é preciso afirmar que o termo “patrimônio,” aqui refere-se aos bens imateriais dos Institutos de Vida Consagrada (IVC), edificadas pelos fundadores, sob o impulso do Espírito Santo. Esse patrimônio continua a se dilatar, sem nunca perder sua origem, como acontece na Ecclesia semper reformanda. O patrimônio material dos IVC, embora seja, de fato, também patrimônio, só existe em função do objetivo fundamental, imaterial e espiritual. Tendo isso em consideração, o núcleo, aqui, proposto tem em vista o patrimônio imaterial e o termo “patrimônio carismático” é quase uma redundância, que só é mantido para não restar dúvidas de que o bem mais preciso de um IVC é o seu carisma sob o qual habitam as pessoas consagradas.

Sobre o fundamento do patrimônio dos IVC, será tomado como ponto de partida, o Concílio Vaticano II. Para entender o que especificamente o Vaticano II quis dizer sobre patrimônio carismático, é importante ter em conta o que os padres conciliares disseram e definiram sobre a vida consagrada. Por fim, abordará a normativa jurídica sobre o patrimônio carismático como emanção do

Vaticano II, visando proteger o patrimônio carismático. Do ordenamento jurídico e da definição do Vaticano II, é possível reconhecer algumas ações concretas na relação entre as pessoas consagradas e o bispo diocesano, bem como ações possíveis do bispo em vista da conservação e proteção do patrimônio carismático.

De perfeitos a caminho de perfeição – a vida consagrada no Vaticano II

Quando foi declarado aberto o Concílio Vaticano II, em outubro de 1962, os padres conciliares já tinham tido acesso aos textos preparatórios e, desde o início, não muitos. Ao final da primeira sessão, encerrada em 8 de dezembro de 1962, havia um grande interesse de que o esquema De Ecclesia fosse o núcleo dos debates do Concílio², o que, de fato, aconteceu até a promulgação do texto definitivo da Constituição Dogmática Lumen Gentium.

Desde os debates da primeira sessão, houve dissonâncias a respeito da definição da hierarquia proposta no texto preparatório. Segundo alguns padres sinodais, a hierarquia era apresentada com demasiada ênfase, em detrimento dos demais membros da Igreja.

2 Cf. Kloppenburg, B., Concílio Vaticano II, v.II, Vozes, Petrópolis, 1963, p.263. O esquema De Ecclesia foi promulgado em 21 de novembro de 1964 como Constituição Dogmática Lumen Gentium.

O patrimônio material dos IVC, embora seja, de fato, também patrimônio, só existe em função do objetivo fundamental, imaterial e espiritual. Tendo isso em consideração, o núcleo, aqui, proposto tem em vista o patrimônio imaterial e o termo “patrimônio carismático” é quase uma redundância, que só é mantido para não restar dúvidas de que o bem mais preciso de um IVC é o seu carisma sob o qual habitam as pessoas consagradas.

Porém, debate após debate, foi sendo fortalecido o conceito “povo de Deus” como base da estrutura eclesial. A partir dessa base, todo ministério e ofício deveria ser interpretado como serviço³.

O Concílio Vaticano I fortaleceu a figura do primado de Pedro, ocupado pelo Romano Pontífice, como cabeça da Igreja, e declarou a infalibilidade das afirmações papais em matéria de moral e fé, quando

3 Conforme afirmou um padre sinodal, “id quod permanet est populus Dei, id quod transit est potestas hierarchica [...]; omnis potestas in Ecclesia est ad serviendum”. Kloppenburg, B., Concílio Vaticano II, v.II, 233. Cf. Concílio Ecumênico Vaticano II, Constituição dogmática: *Lumen Gentium*, (21 novembro 1964), (doravante “LG”), in AAS, 57 (1965), pp.5-71, in *Compêndio Vaticano II*, 39 ed., Vozes, Petrópolis, 2000, n.18.

pronunciadas ex cathedra⁴. Porém, o Vaticano II reafirmou a figura do bispo diocesano como cabeça da Igreja local, a sacramentalidade da ordenação episcopal e o magistério exercido pelo Colégio Episcopal⁵.

O tema sobre a vida religiosa, no esquema preparatório, ocupava o quinto capítulo e era denominado “de statibus evangelicae acquirendae perfectionis”. Porém, o tema “vida religiosa” não chegou a ser debatido na primeira sessão⁶. Por outro lado, já na primeira sessão, foi desenvolvido o reconhecimento da igualdade da dignidade dos fiéis, em decorrência do Batismo, e do chamado comum a viver a mesma santidade⁷. O Vaticano II produziu uma mudança profunda do *Mysterium Ecclesiae*: cada fiel, pelo batismo e pela crisma, em sua vocação específica, realiza a edificação da Igreja⁸. Esse conceito de igualdade já não admitia distinções que parecessem privilégios para alguns fiéis.

4 Cf. Pio IX, Constituição Dogmática: *Pastor aeternus*, (18 julho 1870), in ASS 6 (1870-1871), pp.40-47, in Denzinger, H., *Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral* (Doravante “DZ”), Paulinas – Loyola, São Paulo, 2007, n.3074.

5 Cf. Kloppenburg B., Concílio Vaticano II, v.II, p.235.

6 Cf. Kloppenburg, B., Concílio Vaticano II, v.II, p.234

7 Cf. LG 32.

8 Rincón-Pérez, T., *La justa autonomía de los Institutos religiosos y su proyección sobre los monasterios de monjas*, in *Ius Canonicum*, EUNSA, Pamplona, 93 (2007), p.14.

Na 59ª congregação geral, com o desenvolvimento dos debates sobre a vocação à santidade do Povo de Deus, surgiram alguns conflitos em relação ao tradicional conceito da vida religiosa definida como “estado de perfeição”, ou mesmo “estado de aquisição da perfeição”. Nas sessões seguintes, houve uma gradativa desvinculação de qualquer conceito que desse a entender que a perfeição buscada pelo estado de santificação fosse uma característica exclusiva das pessoas consagradas⁹. Um padre conciliar chegou a afirmar que a vinculação imediata da vida consagrada com um estado de perfeição tinha “um sabor farisaico”¹⁰. Por fim, o título sobre a vida religiosa no esquema De Ecclesia, foi estabelecido, simplesmente, como De Religiosis e o estado de vida das pessoas que se consagram a Deus passou a ser definido como um estado “em devir” pela busca da perfeição na santidade de vida¹¹.

As afirmações da Lumen Gentium, sobre a vida religiosa, ocuparam um papel de destaque entre aos documentos do Vaticano II, que mencionam a vida religiosa. Todas as demais considerações que o Concílio teve em relação à vida religiosa, inclusive o Decreto Perfectae

9 Cf. Kloppenburg, B., O Concílio Vaticano II, v.III, pp.192-200

10 Cf. Kloppenburg, B., O Concílio Vaticano II, v.III, p.215.

11 Cf. LG 44.

Um padre conciliar chegou a afirmar que a vinculação imediata da vida consagrada com um estado de perfeição tinha “um sabor farisaico”. Por fim, o título sobre a vida religiosa no esquema De Ecclesia, foi estabelecido, simplesmente, como De Religiosis e o estado de vida das pessoas que se consagram a Deus passou a ser definido como um estado “em devir” pela busca da perfeição na santidade de vida.

Caritatis, partiram do conceito eclesiológico apresentado na Lumen Gentium. Esse documento ressaltou o estado de convivência orgânica entre as várias vocações. Por isso, o capítulo VI da Lumen Gentium refere-se não só à vida religiosa em si mesma, mas, principalmente, em relação aos diversos membros da Igreja.

O estado de vida das pessoas consagradas não pertence à estrutura hierárquica da Igreja, nem constitui um estado intermediário entre o clero e os leigos, “mas de ambos são chamados alguns fiéis por Deus, a fim de desfrutar um dom peculiar na vida da Igreja, procurando cada qual a seu modo ser útil à sua missão salvífica”¹². Portanto, o estado

12 LG 43.

de vida das pessoas consagrada está firmemente relacionado com a vida e a santidade da Igreja¹³.

O patrimônio carismático dos IVC no Vaticano II

O IVC é a comunidade de fiéis fundada por homens e mulheres que, pela ação do Espírito Santo, introduziram uma forma peculiar de viver a vocação à santidade¹⁴:

Existiram desde os primórdios da Igreja homens e mulheres que se propuseram pela prática dos conselhos evangélicos a seguir a Cristo com maior liberdade e imitá-lo mais de perto e levaram, cada qual a seu modo, vida consagrada a Deus. Dentre eles, muitos, por inspiração do Espírito Santo, ou passaram a vida na solidão ou fundaram famílias religiosas, que a Igreja de boa vontade recebeu e aprovou com a sua autoridade¹⁵.

O Vaticano II reconheceu que, desde os primórdios da Igreja, existiram fiéis que, de modo peculiar, viveram as bem-aventuranças, na Igreja, seja na solidão, seja em comunidades. A Igreja coloca as fundações desses homens e mulheres sob o patrocínio da hierarquia, as constitui, estavelmente, e reconhece a diversidade de formas

de vida consagrada, graças a variedade de carismas distribuídos pela ação do Espírito Santo¹⁶.

Pela própria natureza do Batismo, o fiel goza de liberdade e autonomia¹⁷ que o habilita a seguir os impulsos do Espírito Santo¹⁸, pois “devemos admitir que o Espírito Santo oferece a todos a possibilidade de se associarem, de modo conhecido por Deus, a este mistério pascal¹⁹”.

Contudo, nenhuma liberdade é legítima fora do espírito de comunhão e, portanto, o exercício da liberdade é vivido na fidelidade à Igreja²⁰. E, a Igreja, no exercício da autoridade que lhe foi concedida por Cristo, acolhe, reconhece, modera e protege os carismas concedidos aos fiéis, particularmente, daqueles que decidem viver mais próximo do Cristo pela profissão religiosa²¹.

Assim, como é fato que os carismas das fundações dos IVC provêm do influxo do Espírito

13 LG 44.

14 Cf. LG 45.

15 Concílio Ecumênico Vaticano II, Decreto: *Perfectae Caritatis*, (28 outubro 1965), (doravante “PC”), in AAS, 58 (1966), pp. 702-712, in *Compêndio Vaticano II*, 29 ed., Vozes, Petrópolis, 2000, n.1.

16 Cf. LG 12.

17 Cf. Rincón-Pérez, T., *La justa autonomía de los Institutos religiosos y su proyección sobre los monasterios de monjas, in Ius Canonicum*, EUNSA, Pamplona, 93 (2007), p.17.

18 Cf. Hervada, J., *Elementos de derecho constitucional canónico*, EUNSA – Navarra Gráfica Ediciones, Pamplona, 2001, p.126.

19 Concílio Ecumênico Vaticano II, *Constituição pastoral: Gaudium et Spes*, (7 dezembro 1965), (doravante “GS”), in AAS, 58 (1966), pp. 1025-1120, n.22.

20 Cf. LG 13.

21 Cf. LG 45.

Santo²², também é fato de que nenhum carisma é verdadeiro, se não for para o bem comum na Igreja. O carisma, colocado como bem comum, é posto sob a autoridade constituída na Igreja por Cristo²³, pois “a cada um é dada a manifestação do Espírito Santo para utilidade comum”²⁴.

O patrimônio dos IVC, na eclesiologia do Vaticano II, é a edificação constituída do modo peculiar de vida, nascida do Espírito Santo, inspirada pelos fundadores, reconhecida pela autoridade da Igreja e estabelecida como regra de vida que concorre para o bem dos próprios membros, para o bem de toda a Igreja e para a maior glória de Deus²⁵.

Patrimônio dos IVC no Código de Direito Canônico de 1983

O Decreto Perfectae Caritatis estabeleceu os princípios gerais para a renovação da vida consagrada. O decreto reconheceu que alguns elementos, incorporados pelos

22 A Igreja seguindo “docilmente os impulsos do Espírito Santo, recebe as regras apresentadas por homens e mulheres ilustres[...]”. LG 45.

23 Ghirlanda, G. La giusta autonomia e l’esonzione degli istituti religiosi, fundamenti ed estensione, in *Vita Consacrata*, 25 (1989), p.680.

24 LG 12.

25 Chiappetta, L., *Il Codice di diritto canonico, commento giuridico-pastorale*, 1, 3 ed., EDB, Bologna, 2011, p.703.

O patrimônio dos IVC, na eclesiologia do Vaticano II, é a edificação constituída do modo peculiar de vida, nascida do Espírito Santo, inspirada pelos fundadores, reconhecida pela autoridade da Igreja e estabelecida como regra de vida que concorre para o bem dos próprios membros, para o bem de toda a Igreja e para a maior glória de Deus.

IVC, ao longo de sua história, são transitórios e podem, espontaneamente, serem alterados ou supressos. Porém, os elementos fundamentais devem ser reforçados:

*Redunda em benefício da Igreja que os institutos tenham índole e função próprias. Sejam, pois, fielmente conhecidos e observados o espírito e as intenções específicas dos fundadores, como também as sãs tradições. Tudo isso constitui o patrimônio de cada instituto*²⁶.

Após o Vaticano II, Paulo VI teve o cuidado de determinar que, no necessário processo de renovação dos Institutos, houvesse o resguardo do espírito e da finalidade própria dos fundadores²⁷. Por outro lado, para promover a renovação das Constituições e de outras tradições dos Institutos, foi

26 PC 2, b.

27 Cf. Paulo PP. VI, *Motu proprio: Ecclesiae Sanctae*, (6 agosto 1966), (doravante “ES”), in *AAS*, LVIII (1966), pp.757-787, II, I, 12, a.

necessário um retorno às fontes da fundação²⁸, resgatando o que era mais essencial, à luz dos princípios evangélicos e teológicos sobre a vida religiosa²⁹.

A renovação dos IVC, seja para efeito do apostolado externo exercido pelos IVC, seja para efeito da disciplina interna, deve preservar a índole própria do Instituto, uma vez que a sua inspiração original foi reconhecida pela autoridade competente, como um bem inalienável, firmemente, estabelecido para a vida e santidade da Igreja³⁰.

A índole própria dos IVC norteia a disciplina da vivência dos conselhos evangélicos. Embora uma matéria comum possa ser dita sobre os conselhos evangélicos, pois são devotados “ao bem de toda a Igreja³¹”, há também a índole própria do Instituto que estabelece uma forma própria de vida, conforme a mente do fundador. Esse espírito, próprio do IVC, enriquece a Igreja na diversidade dos seus membros³².

O cânon 578, do Código de Direito Canônico, expressa de modo quase idêntico o texto da PC 2b:

28 Cf. ES II, III, 16 §3.

29 Cf. ES II, I, 12, a.

30 Cf. LG 44.

31 Cf. LG 44.

32 Cf. PC 1. Vide também Rincón-Pérez, T., “c.578”, p. 1409, in Instituto Martín De Azpilcueta. Facultad De Derecho Canónico. Universidad De Navarra. Comentario exegético al Código de Derecho canónico, 2 ed., II/2, EUNSA, Pamplona, 1997.

A mente e os objetivos dos fundadores, aprovados pela competente autoridade eclesiástica, no que se refere à natureza, à finalidade, ao espírito e à índole do instituto, bem como suas sãs tradições, tudo isso constitui o patrimônio desse instituto e seja fielmente conservado por todos³³.

Conforme o Código, a mente e os propósitos dos fundadores são o patrimônio dos IVC reconhecidos pela autoridade eclesiástica, não só para a “necessária unidade e harmonia no apostolado”, mas também porque é a Igreja quem “eleva à dignidade de estado canônico,³⁴” o “estado de consagração a Deus na sua liturgia³⁵”.

Para reconhecer que os objetivos, a índole e a própria vida de alguns homens e mulheres tornam-se um patrimônio, é preciso ter, em consideração, dois aspectos eclesiológicos em simbiose: a Igreja é hierarquicamente constituída por direito divino e seus pastores são colocados como guias dos fiéis,³⁶ com a capacidade de ensinar verdadeiramente aquilo que é divinamente revelado³⁷ e de santificar e elevar as oferendas em

33 João Paulo PP. II, Codex Iuris Canonici, Constitutione Apostolica: Sacrae disciplina leges (25 ianuarii 1983), cânon c.578 (doravante «CIC/1983 c.»), in AAS, LXXV Pars II (1983), pp. 1-355, in Código de Direito Canônico, Loyola, São Paulo, 2007.

34 LG 45.

35 LG 45.

36 Cf. LG 18; 20; 27

37 Cf. LG 25.

nome de todo o povo³⁸; existem, também, aqueles que, nutridos pelo Espírito Santo, que sopra onde quer (cf. Jo 3, 8), recebem dons peculiares que são para o bem de todo o povo de Deus³⁹.

Aqueles dotados de dons e carismas devem viver em comunhão e obediência à hierarquia divinamente estabelecida. A hierarquia, para o bem do povo de Deus, reconhece a diversidade dos membros da Igreja. A hierarquia, também, reconhece a salutar colaboração de alguns homens e mulheres que, nutridos pela divina inspiração, fundam Institutos para viver de modo mais próximo o seguimento a Cristo⁴⁰.

A autoridade eclesiástica que aprova as constituições do IVC e reconhece nelas um patrimônio a ser preservado é o bispo diocesano no qual localiza-se a sede da fundação, mas também a Sé Apostólica, naquilo que o direito determina a ela⁴¹. Acrescenta-se que o Motu Proprio Authenticum Charismatis, de 10 de novembro de 2020, alterou o cânon 579, através do qual, pela nova disposição, o bispo diocesano pode emitir decreto para ereção de um IVC, mas sempre sob a previa licença da Sé Apostólica para validade⁴².

38 Cf. LG 26

39 Cf. LG 12.

40 Cf. LG 45.

41 Cf. CIC/1983 c.595§1. Vide também PC 19.

42 Francisco PP., Motu proprio: Authenticum charismatis, (10 novembro 2020), in URL

A hierarquia, para o bem do povo de Deus, reconhece a diversidade dos membros da Igreja. A hierarquia, também, reconhece a salutar colaboração de alguns homens e mulheres que, nutridos pela divina inspiração, fundam Institutos para viver de modo mais próximo o seguimento a Cristo.

Enquanto o IVC permanece de direito diocesano, o bispo da Igreja local tem jurisdição sobre tal Instituto⁴³. Porém, quando o IVC se torna sujeito de direito pontifício, a única autoridade competente que pode determinar em matéria de patrimônio carismático é a Sé Apostólica.

Os Instituto de direito pontifício e os Instituto de direito diocesano gozam de autonomia de governo interno⁴⁴. No caso dos Institutos isentos, sua autonomia é mais ampla, uma vez que estão isentos do regime do Ordinário local⁴⁵. O cânon 582 é um dos dispositivos

<http://www.vatican.va/content/francesco/pt/motu_proprio/documents/papa-francesco-motu-proprio-2020_01101_authenticum-charismatis.html>, (11 maio 2021).

43 Cf. CIC/1983 c.594.

44 Cf. CIC/1983 c.586 §1.

45 Cf. CIC/1983 c.591. O c.134 §1 estabelece quem é o Ordinário. Mas, a título de simplificação, basta entender que o Ordinário local é, principalmente, o bispo diocesano.

jurídicos de proteção do patrimônio, uma vez que a matéria aprovada pela Sé Apostólica só pode ser alterada com sua licença⁴⁶.

O cânon 578 menciona que o patrimônio é a natureza, a finalidade, o espírito e a índole do Instituto. A maior parte desses elementos são estabelecidos em um “código fundamental ou constituições” que, segundo o cânon 587 §1, servem como proteção da “vocação própria” e da “identidade de cada Instituto”. Já que as Constituições devem conter não apenas normas para disciplina interna, mas também as finalidades e índole do Instituto, o Código determina a harmonização dos elementos jurídicos com os elementos espirituais⁴⁷.

A vida consagrada, “enquanto dom à Igreja, não é uma realidade isolada ou marginal, mas pertence intimamente a ela, situa-se no próprio coração da Igreja, como elemento decisivo da sua missão [...]”⁴⁸. Nesse sentido,

os diversos membros da Igreja possuem uma responsabilidade para com a vida consagrada e, por conseguinte, na proteção do patrimônio carismático dos IVC.

Cabe ao Ordinário local “conservar e proteger” a autonomia e, portanto, a índole do Instituto⁴⁹; a Sé Apostólica protege o patrimônio carismático ao interpretar, regular, constituir e cuidar do florescimento dos IVC, segundo o “espírito dos fundadores e as sãs tradições⁵⁰”; cabe aos Superiores⁵¹ e aos Capítulos⁵², conservar e proteger a disciplina e a vivência dos súditos quanto à natureza e regra própria; cabe a cada pessoa consagrada, “segundo o fim e o espírito do instituto, servirem à sua missão salvífica”⁵³; cabe aos fiéis leigos testemunhar aos religiosos “o significado que as coisas terrenas e temporais têm no desígnio salvífico de Deus⁵⁴” e, portanto, recordar que o patrimônio dos IVC são dom de Deus para a edificação da Igreja e a participação na salvação do mundo⁵⁵.

46 O CIC/1983 c.587 §2 assegura a proteção do mesmo elemento, já que as Constituições – que conservam a identidade do Instituto – só podem ser alteradas com aprovação da autoridade eclesial que as aprovou.

47 Cf. CIC/1983 c.587 §3.

48 Francisco PP., Carta apostólica para proclamação do ano da vida consagrada, (21 novembro 2014), in URL <http://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_letters/documents/papa-francesco-lettera-ap20_141121_lettera-consacra.html>, (4 maio 2021), III, 5.

49 Cf. CIC/1983 c.586 §2.

50 CIC/1983 c.576.

51 Cf. CIC/1983 c.619.

52 Cf. CIC/1983 c.631 §1.

53 Cf. CIC/1983 c.574 §2.

54 Cf. João Paulo PP. II, Exortação Apostólica: *Christifideles laici*, (30 dezembro 1988), in AAS, LXXXI (1989), pp.393-521, in Exortação Apostólica *Christifideles laici*, Paulinas, São Paulo, 1989, n.55

55 Cf. CIC/1983 c.573 §1.

A vida consagrada, “enquanto dom à Igreja, não é uma realidade isolada ou marginal, mas pertence intimamente a ela, situa-se no próprio coração da Igreja, como elemento decisivo da sua missão [...]”. Nesse sentido, os diversos membros da Igreja possuem uma responsabilidade para com a vida consagrada e, por conseguinte, na proteção do patrimônio carismático dos IVC.

Elementos pastorais do reconhecimento do patrimônio carismático dos IVC

Como apresentado acima, o patrimônio dos IVC não é apenas um bem para as pessoas consagradas, mas para todos os fiéis: cada um, em seu estado de vida, goza desse bem. Ao mesmo tempo, todos os fiéis assumem um compromisso com esse patrimônio, seja pelo respeito, seja pela proteção, seja pela coparticipação⁵⁶. Há um amplo horizonte de benefícios para a comunidade dos fiéis por ser a Igreja um corpo orgânico, com membros cooperando pelo bem

56 Sobre a coparticipação vale mencionar as associações de fiéis e “ordens terceiras” inspiradas ou sob a dependência direta de alguns IVC. Cf. CIC/1983 c.303.

de cada um e do todo. Porém, nesse estudo, será explorado apenas um aspecto relativo ao patrimônio carismático: o cânon 586 §2 afirma que “cabe aos Ordinários locais conservar e proteger essa autonomia”.

Em 1981, a Pontifícia Comissão para revisão do Código de Direito Canônico chegou ao consenso sobre o texto definitivo do cânon 586 §§1-2⁵⁷. Depois de longos debates sobre a isenção dos IVC - polêmico assunto no Vaticano II - chegou à conclusão de que todos os IVC (de direito pontifício, de direito diocesano e os isentos) gozam de uma autonomia interna, especialmente de governo, para realizarem sua índole e objetivos.

A autonomia interna de que gozam todos os IVC, conforme o cânon 586 §1 tem como propósito a preservação do patrimônio e a manutenção da disciplina interna segundo a índole fundacional. O §1 do cânon 586 é, portanto, um dispositivo que protege os IVC de indevidas interferências. A autoridade constituída nos IVC goza da autonomia de governo para os assuntos internos.

O governo interno de um IVC não admite interferência externa, embora ela possa acontecer

57 Cf. Pontifícia Comissão para Revisão do Código de Direito Canônico, *Opera consultorum in recognoscendis schematibus canonum, Coetus studiorum de Institutis vitae consecratae per professionem consiliorum evangelicorum*, in *Communicationes*, XI (1979), n.1, p. 52.

em caso de grave ingerência⁵⁸. A autoridade do Superior religioso “procede do Espírito do Senhor em união com a sagrada Hierarquia⁵⁹”. A autoridade eclesial, inclusive o Ordinário local, tem o dever de agir em caso de abuso do regime de governo interno ou mesmo desvio grave da índole e da disciplina⁶⁰. Em geral, a intervenção é feita pela mesma autoridade que erige o Instituto. O Ordinário local, no caso de um Instituto de direito diocesano, age pela própria autoridade que possui sobre o Instituto⁶¹. Caso o Instituto seja de direito pontifício, o Ordinário local comunica os abusos e os desvios graves à autoridade que erigiu o Instituto⁶².

O governo das atividades apostólicas desenvolvidas, fora do âmbito interno do Instituto, está sob a coordenação do Ordinário local, especialmente, no que se refere ao culto público e à pregação aos fiéis, à educação religiosa, à educação moral, à catequese, à formação litúrgica

e ao decoro do estado clerical. Outras obras, ainda que sejam de responsabilidade dos IVC, colocam-se sob a vigilância do Ordinário local, como, por exemplo, as escolas católicas⁶³.

As obras apostólicas dos IVC, desenvolvidas fora do âmbito interno, devem corresponder à índole e natureza do próprio Instituto e, portanto, estão sob a autoridade do superior religioso. Contudo, como o Ordinário local tem autoridade e responsabilidade também, sobre diversas atividades exercidas pelos religiosos no âmbito externo, cabe ao superior religioso e ao Ordinário local estabelecerem uma relação corresponsável e acordos que delimitem as competências que não estão expressas no ordenamento jurídico da Igreja⁶⁴. Deve-se levar em consideração que os IVC de qualquer natureza é um membro do corpo da Igreja local, e, portanto, estão sujeitos à observância de leis eclesiais locais – salva a devida autonomia interna⁶⁵. Assim, os IVC não devem ser excluídos ou considerados um apêndice da Igreja local⁶⁶.

58 Cf. CIC/1983 c.

59 Sagrada Congregação para os Religiosos e institutos seculares – Sagrada Congregação para os Bispos, Notas diretivas: Mútuas relações entre os bispos e os religiosos, (14 maio 1978), in AAS LXX (1978), pp.473-506, in URL <http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccsrlife/docu_ments/rc_con_ccsrlife_doc_14051978_mutuae-relaciones_po.html>, (6 maio 2021), n.13.

60 Cf. CIC/1983 c.683 §§1-2.

61 Cf. CIC/1983 c.594

62 Cf. CIC/1983 cc. 679; 683 §2.

63 Cf. Concílio Ecumênico Vaticano II, Decreto: Christus Dominus (28 outubro 1965), (doravante «CD»), in AAS, LVIII (1966), pp.673-701, n.35, 4.

64 Cf. CD 35, 5-6. Vide também CIC/1983 c.678.

65 Cf. CIC/1983 c.586 §1.

66 Cf. ES I, 22-40. As diversas normas da ES regulam a relação dos IVC com a Igreja local.

O carisma e o patrimônio do IVC é um bem para a Igreja local, pois “traz consigo certa dose de genuína novidade na vida espiritual da Igreja⁶⁷”. A natureza peculiar da consagração dos religiosos e religiosas não constitui uma isenção das responsabilidades seculares, nem uma separação daqueles que estão diretamente envolvidos com questões seculares⁶⁸. Antes, é um contínuo apontar à cidade celeste, à exemplo dos fundadores que deixaram um tesouro preciso: o patrimônio carismático, ainda que portado em vasos de barro (2Cor 4,7).

Considerações finais

O Concílio Vaticano II ressaltou a organicidade da Igreja e a colaboração que cada membro oferece para o todo. Os ofícios e ministérios foram ressaltados em função do serviço que prestam ao corpo eclesial. A hierarquia da Igreja é divinamente estabelecida para zelar do Povo de Deus. O Vaticano II reconheceu os dons e carismas como frutos do Espírito Santo para o benefício de todos. Os fundadores são estes homens e mulheres que, nutridos pelo Espírito Santo, alimentam a Igreja com seus dons. A vida, a índole e o espírito dos fundadores constituem o patrimônio

67 Cf. MR 12.

68 Cf. LG 46.

Deve-se levar em consideração que os IVC de qualquer natureza é um membro do corpo da Igreja local, e, portanto, estão sujeitos à observância de leis eclesiais locais – salva a devida autonomia interna. Assim, os IVC não devem ser excluídos ou considerados um apêndice da Igreja local.

carismático dos IVC que deve ser preservado, uma vez que são dons para toda a Igreja.

O ordenamento jurídico da Igreja estabelece dispositivos que tutelam o patrimônio carismático dos IVC e normatizam a relação dos IVC com a Igreja local. A vida consagrada é um bem para a Igreja universal e, especialmente, para a Igreja local. Conservar e defender o patrimônio dos Institutos é um modo de propiciar o cumprimento da missão da Igreja que dá glória a Deus e colaborar com a salvação dos fiéis.

Bibliografia

Concílio Ecumênico Vaticano II, Constituição dogmática: *Lumen Gentium*, (21 novembro 1964), in *AAS*, 57 (1965), pp.5-71, in *Compêndio Vaticano II*, 39 ed., Vozes, Petrópolis, 2000.

- _____, *Constituição pastoral: Gaudium et Spes*, (7 dezembro 1965), (doravante “GS”), in AAS, 58 (1966), pp. 1025-1120.
- _____, *Decreto: Christus Dominus* (28 outubro 1965), in AAS, LVIII (1966), pp.673-701.
- _____, *Decreto: Perfectae Caritatis*, (28 outubro 1965), in AAS, 58 (1966), pp. 702-712, in *Compêndio Vaticano II*, 29 ed., Vozes, Petrópolis, 2000.
- Francisco PP., *Carta apostólica para proclamação do ano da vida consagrada*, (21 novembro 2014), in URL <http://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_letters/documents/papa-francescolettera-ap20_141121_lettera-consacraati.html>, (4 maio 2021).
- _____, *Motu proprio: Authenticum charismatis*, (10 novembro 2020), in URL <http://www.vatican.va/content/francesco/pt/motu_proprio/documents/papa-francesco-motu-proprio-20201101_authenticum-charismatis.html>, (11 maio 2021).
- João Paulo PP. II, *Codex Iuris Canonici, Constitutione Apostolica: Sacrae disciplina leges* (25 ianuarii 1983), in AAS, LXXV Pars II (1983), pp. 1-355, in *Código de Direito Canônico*, Loyola, São Paulo, 2007.
- _____, *Exortação Apostólica: Christifideles laici*, (30 dezembro 1988), in AAS, LXXXI (1989), pp.393-521, in *Exortação Apostólica Christifideles laici*, Paulinas, São Paulo, 1989.
- Paulo PP. VI, *Motu proprio: Ecclesiae Sanctae*, (6 agosto 1966), (doravante “ES”), in AAS, LVIII (1966), pp.757-787.
- _____, *Motu proprio: Ecclesiae Sanctae*, (6 agosto 1966), in AAS, LVIII (1966), pp.757-787.
- Pio IX, *Constituição Dogmática: Pastor aeternus*, (18 julho 1870), in ASS 6 (1870-1871), pp.40-47.
- Pontifícia Comissão para Revisão do Código de Direito Canônico, *Opera consultorum in recognoscendis schematibus canonum, Coetus studiorum de Institutis vitae consecratae per professionem consiliorum evangelicorum*, in *Communicationes*, XI (1979).
- Sagrada Congregação para os Religiosos e institutos seculares – Sagrada Congregação para os Bispos, *Notas diretivas: Mútuas relações entre os bispos e os religiosos*, (14 maio 1978), in AAS LXX (1978), pp.473-506, in URL <http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccsclife/documents/rc_con_ccsclife_doc_14051978_mutuae-relationes_po.html>, (6 maio 2021).
- Chiappetta, L., *Il Codice di diritto canonico, commento giuridico-pastorale*, 1, 3 ed., EDB, Bologna, 2011.

- Denzing, H., *Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral*, Paulinas – Loyola, São Paulo, 2007.
- Ghirlanda, G. *La giusta autonomia e l'esenzione degli istituti religiosi, fundamenti ed estensione*, in *Vita Consacrata*, 25 (1989), p.679-699.
- Hervada, J., *Elementos de derecho constitucional canónico*, EUNSA – Navarra Gráfica Ediciones, Pamplona, 2001.
- Kloppenburg, B., *Concílio Vaticano II, v.II, Vozes*, Pretrópolis, 1963.
- Rincón-Pérez, T., “c.578”, in Instituto Martín De Azpilcueta. Facultad De Derecho Canónico. Universidad De Navarra. *Comentario exegetico al Código de Derecho canónico*, 2 ed., II/2, EUNSA, Pamplona, 1997.
- _____, *La justa autonomía de los Institutos religiosos y su proyección sobre los monasterios de monjas*, in *Ius Canonicum*, EUNSA, Pamplona, 93 (2007), pp.13-50.

O PROCESSO TRADICIONAL DE INICIAÇÃO CRISTÃ E SUA CRISE

RAFAEL ALVES¹

SOLANGE MARIA DO CARMO²

Resumo

Desde a era dos catecismos, por ocasião da Contrarreforma ou Concílio de Trento, a catequese se firmou como ensinamento de doutrinas e fugiu do modelo original, o catecumenato da Igreja das origens. Tal processo ganhou novas feições, mas não escapou do mesmo paradigma. Atualmente, com a mudança de época, observa-se que o ato catequético não corresponde mais às exigências do homem e da

mulher modernos. Diminuição do número de catequistas e dos catequizandos, afastamento dos catequizandos da vida eclesial, catequese de adultos quase inexistente, comunidades eclesiais que terceirizaram a transmissão da fé para os catequistas, linguagem catequética inadequada para os contemporâneos e atrelamento da catequese à boa vontade dos pais dos catequizandos, tudo isso aponta para uma crise da catequese atual.

1 Graduado em Teologia pela PUC-Minas.

2 Doutora em Teologia da Práxis Cristã, mestre em Teologia Bíblica, professora da PUC Minas e do Instituto Santo Tomás de Aquino (ISTA).

Palavras-chave: Catequese Tradicional. Novo Paradigma. Catecismos. Crise da catequese.

Introdução

O processo tradicional de iniciação cristã surgiu no período da Cristandade³ quando quase que simbioticamente Igreja e Estado se uniram, levando o cristianismo a se tornar religião oficial do Império. Como resultado desse atrelamento, o cristianismo ganhou muitos adeptos não por atração da fé, mas por conveniência. Se antes o processo de iniciação era pensado para pequenos grupos, era um processo continuado e destinado a adultos. A partir do Edito de Tessalônica (380 dC), do imperador Teodósio, muitos receberam os sacramentos da iniciação, engrossando as fileiras dos cristãos, mas sem a devida iniciação na fé. Surgiu então um dilema: Como catequizar todas as pessoas que pediam sua entrada na Igreja? Como resposta a esse problema, pensou-se num catecumenato social, uma espécie de catequese por osmose, sem necessidade de uma evangelização sistemática, concatenada e continuada, como no catecumenato das origens. Os que pertenciam ao império eram batizados desde muito cedo, por influência cultural e não parecia mais necessário fazer investimentos na catequese, pois entendia-se que a cultura cristã cumpria esse papel evangelizador.

3 Período que vai do séc. IV ao séc. XIX, cuja característica principal é a íntima relação entre Igreja e Estado (OLIVEIRA, 2011, p. 307-310).

Surgimento e desenvolvimento do processo tradicional

Nos primórdios da Igreja, a adesão à fé cristã era um longo e belo caminho no qual o catequizando adulto era introduzido na vivência da fé de maneira a fazer uma profunda experiência com o Senhor Ressuscitado. Mais do que aprender verdades doutrinárias, o candidato era introduzido no mistério de Cristo. O processo catecumenal tinha tempo para começar, mas o seu término não estava definido, pois a preocupação não estava simplesmente em preparar o catecúmeno para a recepção dos sacramentos, mas em possibilitar uma experiência de encontro com Jesus Cristo. O processo catequético era

Um estilo de caminhar na história, configurado por Cristo, uma “vida em Cristo”, assim caracterizada não apenas por ter como modelo o caminhar do Cristo, mas por proceder constantemente do Senhor Ressuscitado, da sua ação através do Espírito. A Igreja recebe esta vida e a transmite (GOPEGUI, 2005, p. 316).

A transmissão da fé não se “resumia na comunicação de uma mensagem ou uma doutrina” (GOPEGUI, 2005, p. 316); ela abrangia toda a vida eclesial. Era preciso interpretar os ensinamentos de Jesus contidos nos

Nos primórdios da Igreja, a adesão à fé cristã era um longo e belo caminho no qual o catequizando adulto era introduzido na vivência da fé de maneira a fazer uma profunda experiência com o Senhor Ressuscitado.

evangelhos, abrir-se à Palavra, que embora seja normativa para os que creem, obriga a comunidade à atualização e à interpretação da mesma. O catecumenato favorecia a entrada dos candidatos nos caminhos do Senhor e esses eram interpelados a dar uma resposta de fé, entendida como “dom de Deus, resposta suscitada pelo Espírito Santo no coração de alguém” (GOPPEGUI, 2005, p. 317).

Conforme Gopegui,

a Igreja antiga sabia muito bem disso quando instituiu o catecumenato, não como mera doutrinação, mas como iniciação gradual à vida de uma comunidade chamada a “viver pelo Espírito de Cristo, o Filho de Deus”. Com a novidade “escandalosa” que isso pressupõe: afirmar que Outro ser dentro de nós está vivendo nossa vida, dando-lhe um sentido que transcende todas as aspirações humanas. Através dele olhamos o mundo e nele o mundo nos é oferecido e confiado como tarefa e missão (GOPPEGUI, 2005, p. 318. Grifos do autor).

O catecumenato iniciava o candidato na vida cristã e,

consequentemente, o catecúmeno era inserido na comunidade eclesial, da qual ele recebia a fé. Era preciso desenvolver uma vida de íntima relação com “o Mistério do próprio Deus revelado em Jesus Cristo” (GOPPEGUI, 2005, p. 318). À pessoa do Cristo se adería por convicção, por atração e por encantamento. Contudo, com o advento da cristandade, deu-se uma virada copernicana no processo de iniciação à vida cristã. O indivíduo se tornava cristão pela recepção do batismo, assumido, por mera conveniência, bem mais que por convencimento ou desejo, uma vez que o império perseguia os não-cristãos. Estava configurado o regime de cristandade.

Durante esse período, “a caminhada da Igreja seguia o ritmo da sociedade tradicional, com a qual fazia par. Numa relação quase simbiótica, sua fé ao mesmo tempo definia esse modelo de sociedade e era definido por ele” (CARMO, 2016, p. 67). Por causa dessa simbiose Igreja-Estado, entendia-se que não havia necessidade de “catequizar” os cristãos; a cristianização era automática, graças ao meio social e cultural marcadamente cristão. Esse cenário, porém, transformar-se-á completamente com o advento da modernidade.

A modernidade colocou em xeque a tradição e deu lugar à

subjetividade. O teocentrismo, que vigorara desde Teodósio, aos poucos, perdeu forças em detrimento do advento da razão, cedendo lugar para uma sociedade antropocêntrica. Nessa virada copernicana, a Igreja não ficou ileso. Seus pressupostos básicos foram questionados e sua hegemonia experimentou a diluição. Para muitos adeptos dos ideais modernos, tanto a Igreja quanto a fé passaram a ser desnecessárias e, até mesmo, um empecilho para o avanço da humanidade. É nesse cenário que ganha destaque a figura de Martinho Lutero.

Lutero, religioso agostiniano e estudioso das Escrituras, vendo a situação de degradação da fé, especialmente no que dizia respeito às indulgências, discordou da postura da Igreja e manifestou seu posicionamento. Escreveu 95 teses, com críticas ferozes à instituição e à sua teologia, o que resultou na sua excomunhão. Não faltaram adeptos para apoiar o alemão e seu movimento ganhou forças. Uma verdadeira Reforma Protestante se edificou, tornando possível outro modo de ser cristão, sem possuir vínculos com a Igreja Católica. Nesse novo modo de professar a fé, a Bíblia ganhou popularidade, saindo das mãos centralizadoras do clero culto. Lutero traduziu a Bíblia para o alemão e, desde então, ela foi traduzida para diversas línguas e amplamente publicada.

Nesse contexto de Reforma, o processo de iniciação cristã por osmose social instaurado desde Constantino se mostrava frágil, débil, sem nenhuma tenacidade, incapaz de dar respostas condizentes aos questionamentos da época.

Para responder às novas exigências do tempo, sobretudo para combater a Reforma Protestante, a Igreja iniciou uma Contrarreforma, concretizada no Concílio de Trento. Foi preciso procurar outros caminhos para a transmissão da fé, já que os habituais haviam sido ameaçados pelo movimento iniciado por Lutero. Era hora de organizar a catequese de modo que os católicos não ficassem ao sabor de qualquer onda de doutrinas (Ef 4,14).

Para formar os cristãos, e assim combater o protestantismo, a Igreja desenvolveu uma catequese de cunho puramente doutrinal, na qual o catequizando era considerado uma tábula rasa, uma espécie de cabeça oca em que é preciso depositar as verdades da fé. Proliferaram-se os catecismos, manuais de doutrina resumidos e facilitados para favorecer ao fiel o acesso à fé e seu assentimento à mesma.

Ganha espaço na Igreja uma catequese cujo objetivo se encontra na transmissão da doutrina, por meio de um resumo facilitado, fornecendo

ao fiel as ferramentas necessárias para viver sua fé na sua comunidade de pertença. Era preciso insistir nas verdades a crer, pois a passagem da ignorância ao conhecimento se dava pela acolhida da fides quae, a doutrina que era ensinada por meio dos enunciados do catecismo (CARMO, 2016, p. 69).

Um importante catecismo da época foi o Catecismo dos Párcos, elaborado por Carlos Borromeu e sua equipe a pedido do Concílio de Trento e publicado por Pio V em 1566.

A verdade da fé, aprisionada na doutrina, tornou-se o foco do ato catequético. Ser catequizado significava conhecer e apreender a doutrina tal qual ela era anunciada. Tratava-se de acolher obedientemente um conjunto de verdades definidas pela Igreja e compreendidas como reveladas, a fides quae creditur. Catequese virou sinônimo de catecismo (CARMO, 2016, p. 70 – grifos da autora).

Desde então, o ato catequético tornou-se um processo bem delineado, cuja finalidade consistia em transmitir as verdades da fé, a verdadeira doutrina. Tudo se resumia no enunciado dos dogmas, nas prescrições morais, no ensino das orações católicas e da liturgia. O foco era o ensino das verdades da fé. Não havia espaço para a interpretação, pois entendia-se que ela abria brecha para o erro. As verdades da fé se encontravam definidas e ditas no catecismo, que devia ser ensinado ao

povo. Ao fiel, bastava decorar e aceitar as definições dogmáticas num gesto de obediência da fé. Tal método parte da fides quae (o conteúdo da fé ou seu objeto) para se chegar a fides qua (o assentimento da fé ou o modo de crer) (VILLEPELET, 2003a, p. 99). Se antes da Reforma a fé popular era fortemente marcada por práticas da piedade popular, tais como “devoções, promessas, ritos praticados para resolver os problemas imediatos da vida cotidiana” (LIBANIO, 2006, p. 112), a partir de Trento, a fé popular devia estar sujeita à doutrina, para evitar desvios e erros. A regra básica era oferecer o mínimo da doutrina definida pela Igreja, de modo a garantir aos católicos a segurança necessária para não debandar para a Reforma Protestante.

O processo tradicional hoje

Embora a modernidade tenha desbancado a cristandade, 400 anos depois de Trento, a situação da catequese não se mostra muito diferente. No começo do século XX, o movimento catequético – juntamente com outros movimentos eclesiais que precederam o Vaticano II – tentou declarar a falência dos catecismos e de seus métodos. A Renovação Catequética que, daí, surgiu trouxe benefícios enormes à

catequese, mas não foi ainda suficiente para romper o processo tradicional advindo de Trento.

Em seu pontificado, PIO X publicou um catecismo a fim de conduzir o povo às verdades da fé. O pontífice centrou seus esforços na catequese de crianças, tal era a impossibilidade da Igreja dialogar com o homem e a mulher modernos. A catequese de adultos se tornou quase inexistente. O Papa, avesso a tudo que cheirasse modernidade, travou um embate com o mundo, considerando-o perigoso e contrário à fé cristã. A razão, os avanços científicos e as novidades tecnológicas passaram a ser consideradas como inimigas da Igreja. Fechando-se ao mundo, tornou-se inviável qualquer diálogo da Igreja com a sociedade moderna. As pessoas, porém, já não eram mais as mesmas. O sujeito eclesial pré-moderno, praticamente, não existia e o mesmo teocentrismo não era mais o eixo norteador da sociedade. A voz da Igreja não tinha mais a mesma autoridade de outrora e sua Tradição não era mais recebida passivamente. A secularização havia tomado enormes proporções e não havia mais volta. Era preciso a Igreja repensar o seu papel no mundo, caso quisesse ser uma voz audível nesse novo mundo desencantado de Deus.

A renovação catequética deixou suas marcas ora aqui, ora ali.

Em seu pontificado, PIO X publicou um catecismo a fim de conduzir o povo às verdades da fé. O pontífice centrou seus esforços na catequese de crianças, tal era a impossibilidade da Igreja dialogar com o homem e a mulher modernos. A catequese de adultos se tornou quase inexistente. O Papa, avesso a tudo que cheirasse modernidade, travou um embate com o mundo, considerando-o perigoso e contrário à fé cristã.

O ensino religioso, antes atrelado à catequese, foi o primeiro a sentir os efeitos renovadores, pois se encontrava mais aberta às novidades do campo da pedagogia e da psicologia do que a catequese paroquial. Os catecismos já não demonstravam capacidade de responder aos anseios dos homens e das mulheres modernos. Havia um desejo de voltar ao núcleo duro da fé e sua tradição mais antiga.

Na tentativa de responder aos desafios da era moderna, João XXIII convocou o Concílio Vaticano II, que é, sem dúvidas, o evento eclesial mais importante do século XX (ALBERICH, 2005, p. 22) e que “buscou intensificar o diálogo com o homem e a

mulher de hoje, lançando ponte para o mundo contemporâneo (LIBANIO, 2005, p. 26). Apesar de o Concílio não tratar diretamente do tema da catequese, sua teologia incidiu diretamente sobre o ato catequético. O modo de a Igreja ver a si mesma (*Lumen Gentium*), o seu modo de ver o mundo (*Gaudium et Spes*) e de compreender a Revelação Divina (*Dei Verbum*) foram decisivos para reforçar os princípios da renovação catequética, gestados desde antes do Concílio. Todo esforço foi feito da parte de catequistas e catequetas para se encerrar o grande ciclo da catequese dos catecismos e fazer um retorno à catequese das origens, cuja fonte primordial sempre fora a Palavra de Deus.

Num contexto em que a transmissão da fé não é mais um processo automático, pois a cultura não é mais portadora da fé, a catequese se sentiu na obrigação de se repensar. O cenário social e cultural diferente exigia novas posturas da Igreja na sua tarefa evangelizadora. Uma nova reflexão teológica e um novo método pedagógico eram condições inegociáveis para a fé da Igreja não cair no esquecimento. As décadas que sucederam ao Vaticano II foram muito fecundas para a catequese.

O período pós-conciliar, ao menos até os anos oitenta, foi uma época de

enorme fecundidade e inquietudes no campo catequético. O impulso do Concílio desencadeou todo um conjunto de iniciativas, de reflexões e de crise, cujo resultado é difícil de avaliar, dada a complexidade e a riqueza de estímulos da situação. Superada de algum modo a "época do catecismo", configurou-se um "novo rosto" da catequese, com traços que predominaram neste decênio a reflexão catequética: primazia da evangelização, centralidade da Bíblia, dimensão antropológica, sensibilidade sócio-política, opção pelos adultos, importância da comunidade, abertura aos meios de comunicação e às linguagens não verbais, etc. (ALBERICH, 2005, p. 22-23).

Não faltaram esforços para que houvesse, de fato, uma renovação da catequese. Novos manuais foram elaborados, tentando dialogar com interlocutores modernos, a partir de suas realidades e necessidades. Emergiram, em diversas regiões, textos e subsídios para auxiliarem no processo catequético. Foi-se abrindo caminho para que as Igrejas locais pensassem seu modo de evangelizar, levando em consideração sua gente, sua cultura, sua realidade social, política, econômica e cultural. Desde então, a catequese enveredou-se por um novo caminho. Abandonou a centralidade da doutrina para focar na realidade do catequizando e sua experiência de fé, pois uma doutrina sem conexão com o chão da história já não falava ao coração dos modernos. Nesse

modelo catequético, vai-se da fides qua creditur para a fides quae creditur. O foco do olhar catequético repousou sobre o catequizando e a necessidade de dar-lhe condições de fazer o caminho da maturidade cristã.

Apesar das conquistas das décadas de 70 e 80, só em 1993 foi elaborado o Diretório Geral para a Catequese, considerado, por Alberich, como um documento “positivo e estimulante, pois leva em conta e consagra os principais aspectos e conquistas da renovação catequética pós-conciliar, ao mesmo tempo em que orienta toda a catequese numa perspectiva evangelizadora” (ALBERICH, 2005, p. 23).

Os novos ventos, advindos com a modernidade, inflaram os pulmões da Igreja e a fizeram repensar sua missão junto à sociedade. Contudo, se nas décadas de 70 e 80 o cenário catequético era de mudanças, na década de 90 surgiram interlocutores que questionavam o horizonte construído até então. Começaram a aparecer vozes nostálgicas querendo retornar ao modelo tradicional de catequese, isto é, uma catequese centrada na doutrina e não na vida (ALBERICH, 2005, p. 23). Ícone desse retorno é o Papa João Paulo II, cujo papado foi marcado pelo apoio a movimentos conservadores e integristas

da Igreja. Ouvia-se um apelo à “ortodoxia do conteúdo” e buscava-se um maior controle de Roma sobre as iniciativas das Igrejas locais (ALBERICH, 2005, p. 23). O surgimento e a difusão do Catecismo da Igreja Católica (1992), pensado e desejado por João Paulo II e apoiado e difundido por Bento XVI, revela essa preocupação com as verdades da fé e sobrepõe o conteúdo da fé ao sujeito eclesial (ALBERICH, 2005, p. 23). Depois da publicação do chamado Catecismo da Igreja Católica, a catequese retrocedeu ao modelo tridentino, ainda não devidamente superado, e a era dos catecismos, que parecia esquecida na história, voltou a assombrar a catequese. A preocupação com as verdades da fé, as rubricas litúrgicas e as tradições religiosas suplantaram a preocupação com o sujeito eclesial, com sua capacidade cognitiva e a construção de seu conhecimento, e, até mesmo, com as realidades sociais nas quais ele se encontrava profundamente implicado. Uma nova crise catequética foi desencadeada.

Para Gopegui, quarenta anos depois do Concílio, quem quiser fazer

um balanço dos resultados do esforço renovador da catequese, possivelmente sentir-se-ia decepcionado. Em algumas comunidades

caminhou-se muito, certamente. Em outras, tem-se a impressão de que o resultado não corresponde aos esforços. Em muitos ambientes manifesta-se abertamente um recuo com relação às esperanças nascidas nos anos que se seguiram ao Concílio (GOPEGUI, 2005, p. 324).

Na esteira dessas afirmações encontra-se também Alberich.

Um amplo olhar pelo panorama da prática catequética atual nos mostra uma realidade rica e complexa, com luzes e sombras. Luzes, pois não faltam experiências positivas e sinais de futuro: florescimento de novas formas de comunidade, atenção aos ministérios leigos, ricas experiências de evangelização e de catequese com adultos, demanda crescente de formação cristã, formas novas de leitura da Bíblia, aumento impressionante de itinerários catecumenais. Mas é preciso reconhecer que, visto em seu conjunto e em sua forma tradicional, a catequese eclesial mostra sinais evidentes de uma grave crise (ALBERICH, 2005, p. 23-24).

Não faltam pensadores para levantar a voz e fazer coro sobre a crise catequética atual. Villepelet (2003a) concorda com essa reflexão. Para compreender o problema da crise, é preciso reconhecer que na prática pastoral de nossos países, o processo de evangelização aparece como sendo algo secundário e praticamente inexistente (ALBERICH, 1978, p. 51). Como ainda o pressuposto é o regime de cristandade, no qual prevalece a fé cristã como

cultura, poucos são os esforços investidos na evangelização dos próprios cristãos. “Os pontos nevrálgicos permaneceram, as opções pastorais no fundo são as mesmas, a ausência de uma verdadeira evangelização é disto um traço comum e ainda presente” (ALBERICH, 1978, p. 52). A Igreja continua evangelizando e catequizando como se o regime de cristandade tivesse em pleno vigor. Encontra dificuldade para entender que a sociedade atual é pós-cristã e não mais cristã como outrora. Não consegue admitir que seu processo catequético faliu, e, que o processo catequético atual, passa por uma grande crise, abrindo a possibilidade de se pensar uma catequese mais eficaz para o mundo contemporâneo.

A crise atual do processo tradicional de iniciação cristã

A crise do processo tradicional de iniciação cristã não é algo novo, muito menos é fruto da renovação catequética do século XX. Ela tem raízes mais profundas e pode ser entendida como a soma de vários equívocos na transmissão da fé cristã ao longo da história, e que a renovação catequética não conseguiu sanar ou não teve tempo de fazê-lo. No tempo atual, plural e multireferencial, essa crise fica ainda

mais evidente. Os homens e as mulheres, de hoje, não aceitam mais uma fé pronta e acabada; reivindicam o direito de personalizá-la. Rejeitam a instituição religiosa e buscam laços de pertença que se definam não por contratos, mas por identificação. A transmissão da fé não é mais óbvia e automática, como fora em tempos de cristandade. A iniciação na fé, antes feita pela família ou pela sociedade cristã, encontra-se interrompida e requer novos caminhos para se efetivar (CURSACH, 2007, p. 3).

Fala-se, hoje, em mudança epocal ou mudança de época. Trata-se de uma sociedade com nova gramática existencial, formatada com novas configurações, alicerçada em novos paradigmas. Os valores da cristandade não fazem mais sentido para a maioria da população crente. Joel Portella Amado aponta algumas características do mundo atual, bem distintas dos tempos de outrora, tais como “confusão, perplexidade, impacto, transformação e incerteza” (AMADO, 2009, p. 1). A Igreja e a catequese não estão imunes a essas mudanças. Tudo que afeta o mundo, afeta a transmissão da fé. As exigências desses novos tempos instigam a catequese a procurar caminhos alternativos de transmissão da fé (AMADO, 2009, p. 1-4). Não faltam, porém, respostas inadequadas. Com receio dos desafios,

No tempo atual, plural e multireferencial, essa crise fica ainda mais evidente. Os homens e as mulheres, de hoje, não aceitam mais uma fé pronta e acabada; reivindicam o direito de personalizá-la. Rejeitam a instituição religiosa e buscam laços de pertença que se definam não por contratos, mas por identificação. A transmissão da fé não é mais óbvia e automática, como fora em tempos de cristandade.

a resposta mais fácil e imediata é o retorno ao modelo tradicional, pois o novo causa perplexidade e medo (CURSACH, 2007, p. 3). Constata-se, hoje, uma grande nostalgia de tempos passados, um enorme desejo de se voltar a tempos gloriosos que nunca existiram. Paira uma tentação: a de retroceder na reforma catequética e “voltar a uma transmissão nacional e pontual do catecismo com uma concentração sacramental na idade da razão” (CURSACH, 2007, p. 4. Tradução nossa).

Insistir numa catequese doutrinal, de modelo tradicional, é ignorar a “sociedade secularizada, na qual a dimensão religiosa se desligou das instituições, da tradição e das normas objetivas” (AMADO, 2009, p. 4). A fé,

Os valores da cristandade não fazem mais sentido para a maioria da população crente. Joel Portella Amado aponta algumas características do mundo atual, bem distintas dos tempos de outrora, tais como “confusão, perplexidade, impacto, transformação e incerteza” (AMADO, 2009, p. 1).

também, passa pelo processo de individualização (AMADO, 2009, p. 4). Reivindica-se o direito de personalização da mesma. Deseja-se uma fé palatável, sem imposições autoritárias, mais misericordiosa e de acordo com os limites existenciais dos crentes. Uma fé hegemônica e homogênea não seduz os contemporâneos, marcados pela emergência da subjetividade. Será preciso reinventar caminhos para falar ao coração dos homens e das mulheres, de hoje, pois os sinais de falência do processo de iniciação cristã estão em toda parte. Vejamos alguns:

É notável a diminuição do número de catequizandos

Constata-se, hoje, que há uma evasão constante dos que recebem os sacramentos da iniciação cristã, de modo especial daqueles que receberam o sacramento

da crisma (ALBERICH, 2013, p. 37). A participação depois da primeira eucaristia já é bem pequena. Na França, por exemplo, em 1994, o número de crianças escolarizadas que frequentava a catequese era de 42%, já, em 2001, esse número reduziu para 33%. Também reduziu o número dos pais que queriam que seus filhos fossem educados na fé cristã: em 1996, eram 60%, ao passo que, em 2003, esse número cai para 20% (VILLEPELET, 2003b, p. 23).

Os catequistas envelheceram e tem-se dificuldade para formar novos catequistas

Alberich (2013, p. 40-41) assinala que “a crise do processo tradicional, além de apontar problemas pastorais e eclesiais, traz consigo fatores culturais, políticos e socioeconômicos”. Tudo isso influencia no processo catequético. Como resultado dessas transformações, notamos que “talvez a maior causa da crise e de perplexidade para as pessoas do nosso tempo resulte da separação ou do divórcio, que muitas experimentam, entre fé e vida, entre fé e cultura” (ALBERICH, 2013, p. 45). Nasce um estranhamento da fé; ela se torna distante da realidade e muitas vezes parece estar “em contradição com as exigências e os valores da cultura e da vida” (ALBERICH, 2013, p. 45). Já não

há encantamento com a fé; ela perdeu o sentido para muitos, portanto, não há razões para transmiti-la e ensiná-la. Assim, como tem caído o número de catequizandos, cai também o número dos catequistas. Os jovens não se interessam mais em dar continuidade à transmissão da fé que receberam. Não há quem substitua os catequistas já envelhecidos que – na maioria das vezes – não conseguem acompanhar as necessidades atuais.

O processo de iniciação se tornou processo de finalização da fé

A prática catequética em vez de iniciar os catequizandos na vida cristã, acaba fechando um ciclo. Alberich diz que há uma constatação muito preocupante: “a catequese de iniciação na realidade não ‘inicia’, mas, paradoxalmente, ‘conclui’” (2013, p. 37). Um sinal claro da falência do processo tradicional! Nota-se, hoje, que muitos jovens e crianças, ao receberem o sacramento da crisma ou a primeira eucaristia, encerram definitivamente sua prática religiosa.

A catequese de adultos é quase inexistente

Por muito tempo, a catequese foi pensada, quase que exclusivamente, para crianças. O resultado desse processo é a ineficiência da catequese com

adultos, que não consegue tomar fôlego (ALBERICH, 2013, p. 38). Os métodos empregados, na maioria das vezes, são os mesmos que se utilizam para a catequese infantil, dificultando, dessa forma, a transmissão da fé. Como a catequese de adultos segue como desafio, as comunidades eclesiais desistem de investir esforços nessa prática e contentam-se em catequizar crianças, muito mais receptivas e dóceis do que os jovens e os adultos.

Na maioria das nossas comunidades, o primado é o da catequese infantil e, embora há muitos anos, fale-se da urgência da catequese de adultos, os esforços ainda estão voltados quase que de modo exclusivo, para a catequese de crianças e adolescentes (ALBERICH, 2013, p. 39). Alberich considera esse fator uma das explicações para o caráter infantilizante da prática catequética, no que tange aos adultos, muito distante das exigências e características de uma fé adulta (ALBERICH, 2013, p. 39). A “atividade catequética não consegue formar o modelo do cristão conscientizado e comprometido que exige o mundo atual” (ALBERICH, 2005, p. 25).

A formação dos catequistas não é suficiente para enfrentar a crise

A sociedade, atual, é muito complexa e exigente. Tudo se

transforma rapidamente. As tecnologias dominam o cenário, sobretudo, no mundo jovem. Também da fé é exigida acompanhar essas mudanças. Contudo, quando se observa esse âmbito, fica notório que a transmissão da fé ainda tateia. Há muitos esforços para se conciliar a prática da fé com a vida de hoje. Há alguns avanços e experiências positivas (ALBERICH, 2013, p. 39), mas elas ainda não são suficientes: todo o âmbito da pastoral sofre por insuficiência e inadequação de formação (ALBERICH, 2013, p. 39). Para o autor, “a formação dos catequistas, não obstante louváveis esforços, deixa muito a desejar e se revela muito distante de poder responder às exigências atuais” (ALBERICH, 2013, p. 39). Até mesmo “os sacerdotes e seminaristas sofrem de uma falta crônica de preparação adequada no âmbito pastoral em geral e catequético em particular” (ALBERICH, 2013, p. 39).

As comunidades eclesiais não são mais catequizadoras

Para Alberich, falar em comunidade e grupo, no âmbito da pastoral e da catequética contemporânea, tornou-se moda (ALBERICH, 1980, p. 10). O prisma religioso, de nosso tempo, é muito variado e diferente. Vê-se “o surgimento de inúmeros grupos que se apresentam

como ponto de partida de novas fórmulas de vida e ação cristã” (ALBERICH, 1980, p. 11) e o problema que deriva dessa situação é que, na maioria das vezes, esses “reivindicam para si o monopólio do futuro da Igreja” (ALBERICH, 1980, p. 11). Isto é, são grupos fechados em si e não pensam em uma pastoral de conjunto. A catequese acaba se tornando uma “experiência de grupo” (ALBERICH, 1980, p. 12), cuja autêntica estrutura da fé e da vida se perdem. Nesse sentido, falta referencialidade, quiçá fidelidade dessa comunidade evangelizadora ao Evangelho de Jesus Cristo (GOPEGUI, 2005, p. 325).

A linguagem catequética é inapropriada para os tempos atuais

Outro grande problema, enfrentado pela prática catequética, é a linguagem e a significatividade (ALBERICH, 2013, p. 39). Ou seja, “não se desenvolveu a capacidade de apresentar a mensagem cristã de forma inteligível e significativa para os nossos contemporâneos” (ALBERICH, 2013, p. 39). Esse problema é grave, pois, embora se esforce, a catequese não comunica a fé numa linguagem compreensível e significativa aos homens e às mulheres de hoje (ALBERICH, 2013, p. 39).

A linguagem e a significatividade da nossa catequese ainda constituem problema. Não se desenvolveu a

capacidade de apresentar a mensagem cristã de forma inteligível e significativa para os nossos contemporâneos. É preciso reconhecer que a catequese tradicional, de diversos pontos de vista, não é significativa e não comunica. [...] Muitas vezes a catequese torna-se ineficaz porque não comunica uma mensagem compreensível e significativa para os homens e as mulheres do nosso tempo. [...] Contudo cumpre reconhecer que muitos instrumentos catequéticos são, sim, obras talvez bem cuidadas do ponto de vista bíblico e teológico, mas muito deficientes e ineficazes do ponto de vista catequético (ALBERICH, 2013, p. 40. Grifos do autor).

Para Alberich, percebe-se essa defasagem da linguagem e da significatividade na vasta literatura catequética, e até mesmo, nos textos oficiais que são muito bem cuidados do ponto de vista bíblico e teológico, mas do ponto de vista catequético são deficientes e ineficazes (ALBERICH, 2013, p. 39).

A catequese tornou-se enfadonha e desinteressante, comprometendo seu objetivo de comunicar a fé de forma compreensível e significativa ao mundo contemporâneo. Esse descompasso, da linguagem, pode ser constatado facilmente “no amplo segmento dos materiais catequéticos e dos catecismos, inclusive oficiais” (ALBERICH, 2005, p. 24). Não se consegue mais transmitir a fé. A mensagem cristã parece não ter mais importância para o mundo contemporâneo. Nesse mesmo

prisma, Libânio afirma que a crise da fé cristã está relacionada com o modo e a concepção do homem e do mundo, tanto da modernidade, quanto da pós-modernidade (LIBANIO, 2006, p. 130-131). Enquanto o cristianismo exige compromissos estáveis e perenes e fala de eternidade, na pós-modernidade, “proclama-se a era e a cultura do provisório” (LIBANIO, 2006, p. 133).

A catequese ainda depende do incentivo dos pais

Nota-se, hoje, que os pais não se empenham mais como antes na formação religiosa dos filhos. Quando muito, são os avós que ainda carregam seus netos para as igrejas. Deixa-se para a idade adulta a escolha religiosa (AMADO, 2009, p. 4). Entende-se, ainda, que a família é parceira da Igreja no processo de iniciação cristã, que é papel da família dar os “primeiros passos” na fé com a criança. À Igreja, cabe complementar, acabar o processo iniciático começado pela família. Contudo, atualmente, na maioria das vezes, os próprios pais não são iniciados. Como transmitirão algo que não receberam? Também, eles precisam ser evangelizados, iniciados na fé. A catequese não pode mais se dar ao luxo de achar que aqueles que iniciam o processo já tenham uma caminhada de fé recebida na família.

Soma-se a esses sinais, de fadiga, a incompreensão do que são os sacramentos por parte de quem os busca. Há um hiato entre o que a Igreja ensina e o que as pessoas buscam nos sacramentos. Para Alberich, “é difícil querer oferecer sacramentos, a quem, no fundo, pede um rito de passagem ou a satisfação de uma exigência social” (ALBERICH, 2013, p. 39).

Conclusão

Diante dessa realidade de crise do processo tradicional de iniciação cristã, as repostas para a renovação catequética são escassas; no entanto, as questões que surgem são múltiplas. A catequese ainda tem futuro? Na atual conjuntura, isto é, num mundo secularizado, que valoriza o efêmero, a aparência, a fluidez e o individualismo, ainda é possível falar do eterno, do perene, do absoluto? Como transmitir a fé de maneira compreensível e significativa para os homens e as mulheres de nosso tempo? Quais são os desafios que precisam ser enfrentados? A pesquisa segue em aberto.

Referências

ALBERICH, Emílio. A Catequese tem futuro?. Revista de Catequese. São Paulo, v. 28, n. 109, p. 22-28, 2005.

ALBERICH, Emilio. Catequese Evangelizadora: Manual de catequética fundamental. Brasília: Editora Dom Bosco, 2013.

ALBERICH, Emílio. Catequese, tarefa de comunidade. Revista de Catequese. São Paulo, n. 9, p. 10-33, 1980.

ALBERICH, Emílio. Evangelizar os cristãos?. Revista de Catequese. São Paulo, n. 3, p. 51-64, 1978.

AMADO, Joel Portella. Catequese num mundo em transformação. 3ª Semana Brasileira de Catequese. Itaici: 2009, p. 1-6.

BÍBLIA Sagrada. Tradução oficial da CNBB. Brasília: Edições CNBB, 2018.

CARMO, Solange Maria do. Catequese no mundo atual: Crises, desafios e um novo paradigma para a catequese. São Paulo: Paulus, 2016.

CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. Diretório Geral para a Catequese. Disponível em: http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cclergy/documents/rc_con_ccatheduc_doc_17041998_directory-for-catechesis_po.html. Acesso em: 25 set. 2020 às 13:58:43.

CONSTITUIÇÃO Dogmática Dei Verbum. In COMPÊNDIO DO VATICANO II: constituições, decretos, declarações. Petrópolis: Vozes, 1986.

- CONSTITUIÇÃO Dogmática *Lumen Gentium*. In COMPÊNDIO DO VATICANO II: constituições, decretos, declarações. Petrópolis: Vozes, 1986.
- CONSTITUIÇÃO Pastoral *Gaudium et Spes*. In COMPÊNDIO DO VATICANO II: constituições, decretos, declarações. Petrópolis: Vozes, 1986.
- CURSACH, José Luis Saborido. Evangelización y primer anuncio em la transmission de la fe hoy. *Catequética*, v. 48, n. 1, p. 2-18, 2007.
- GOPEGUI, Juan A. Ruiz de. Catequese e comunidade cristã. *Perspectiva Teológica*. Belo Horizonte, v. 37, n. 103, p. 315-336, 2005.
- LIBANIO, João Batista. Contextualização do Concílio Vaticano II e seu desenvolvimento. *Cadernos Teologia Pública*. São Leopoldo, n. 16, p. 1-37, 2005.
- LIBANIO, João Batista. Qual o futuro do cristianismo?. São Paulo: Paulus, 2006. (Coleção Temas da atualidade)
- OLIVEIRA, Carlos Augusto Ferreira de. A Cristandade: um modelo eclesial de poder. *Fragmentos de Cultura*. Goiânia, v. 21, n. 4/6, p. 307-316, abr./jun. 2011.
- VILLEPELT, Denis. L'avenir de la catéchèse. Paris: L'atelier/Ouvrières, 2003a.
- VILLEPELT, Denis. Les défis actuels de la tâche catéchétique. *Catéchèse*, n. 173, v. 3, 2003b.

A ATUALIDADE DA EXPERIÊNCIA CRISTÃ DE DEUS NA VIDA RELIGIOSA CONSAGRADA

IRMÃ VALDETE GUIMARÃES, SMR¹

Resumo

Tendo como fonte inspiradora o teólogo jesuíta França Miranda, a autora destaca 3 níveis de experiência: empírica, experimental e existencial, situando a experiência de Deus no nível existencial, com o sentido da vida que afeta o pensar, sentir e agir. A partir dessa perspectiva, ela descreve

a experiência cristã de Deus na VRC. A dimensão bíblica é muito rica e perpassa todo o texto.

Palavras-chave: experiência cristã, experiência de Deus, vida religiosa

Introdução

Em tempos atuais, vivemos num mundo plural em todos os terrenos: político, social, cultural e religioso, fazendo emergir um discurso permeado seja pela secularização, pela convivência com as diferentes religiões, ou ainda pela busca religiosa de experiências de “bem-estar” light,

¹ Ir. Valdete Guimarães é religiosa da Congregação das Servas de Maria Reparadoras; possui Licenciatura em Filosofia pela PUC/PR; Pós-graduação em Psicopedagogia pela UNOESC/SC; Graduação, Mestrado e Doutorado em Teologia pela FAJE/BH. A mesma atua como professora de teologia na Faculdade Diocesana São José – AC.; na formação de grupos e comunidades e orientação religiosa e pastoral no Colégio Nossa Senhora do Rosário/RJ.

que contradizem a dinâmica cristã. Nesse cenário diversificado, a Vida Religiosa Consagrada não pode mais falar em nome de uma autoridade espontaneamente reconhecida na sociedade, pois se tornou uma voz entre as muitas vozes que, hoje, ecoam em favor dos direitos verdadeiramente humanos dos homens e das mulheres. É importante que essa voz possa ser ouvida em seu tom mais evangélico possível, mostrando que a fé cristã deve ser experimentada como a pérola rara do Evangelho: uma vez encontrada torna-se o bem mais precioso (Mt 13,45-46).

Há quase dois anos, o panorama, atual, sofreu um abalo desmedido, marcado pela pandemia causada pelo corona-vírus. Deveras, não é possível medir seu impacto no mundo todo, trazendo diversas consequências, que afetam dramaticamente não só o âmbito da saúde pública, como também a economia, a sociedade e a religião, devido aos efeitos emocionais, sociais e de crenças no enfrentamento da doença. Indubitavelmente, as perdas humanas tangem um quadro de consternação desenhado pelo luto e pela revolta diante do descalço com qual muitos governantes encaram esse problema.

Participantes do sofrimento de tantos irmãos/as, somos

chamados a nos desvincular de atitudes negacionistas, de leituras que minimizam a dor e acentuam uma imagem de Deus desvirtuada, como se a realidade atual fosse da vontade divina. O respeito pela vida humana é um dever e um direito que se inscreve como a carta magna do cristianismo e se estabelece na dinâmica do cuidado com o próximo. Em se tratando de cuidado com o outro, o mandato de Jesus ao legista, na parábola do “bom Samaritano”, ressoa forte em nossos ouvidos ainda hoje: “vai e tu também faze o mesmo” (Lc 10,37).

Imersos nesse panorama assustador, falar da experiência de Deus nos remete a uma atitude de metanoia, desprendendo-nos de falsas seguranças e redescobrimo-nos como humanos que somos. Realmente, urge resgatar a nossa humanidade que clama por cooperação e amparo mútuo!

Nesse cenário diversificado, a Vida Religiosa Consagrada não pode mais falar em nome de uma autoridade espontaneamente reconhecida na sociedade, pois se tornou uma voz entre as muitas vozes que, hoje, ecoam em favor dos direitos verdadeiramente humanos dos homens e das mulheres.

Mais do que nunca, a mensagem da fraternidade tornou-se premente e descobrimos que, como cristãos, só podemos viver como irmãos. Daí, brota um sentido de positividade em tudo isso. Se, de um lado, encontramos-nos frágeis e desorientados, de outro, descobrimos que temos a possibilidade de nos encorajar mutuamente. Se não podemos viver por conta própria os desafios da história, é possível vivenciá-los juntos.

E a experiência de Deus, a qual somos chamados/as a fazer hoje, é justamente a da comunhão, que nos aproxima da práxis de Jesus de Nazaré e nos distancia do deus mamom, carregado de ganância e perdido em alguns mitos fracassados que o colocam “acima de todos”. Esta imagem de um rei-coronel autoritário, sem compromisso com as misérias humanas, não corresponde ao Deus de Jesus, que fez de sua existência um enfrentamento concreto do mal.

Olhando para Jesus, resta-nos a esperança de que, mesmo diante de um panorama muitas vezes desolador, habita o amor de um Deus que acompanha com ternura incansável todos os crucificados da terra.

Experiência de Deus

Uma aproximação do conceito de experiência mostra que ele

vem carregado de significados. Basta olhar os verbetes dos dicionários das diferentes áreas do saber, e as reflexões realizadas pelos pensadores para perceber as várias interpretações que foram atribuídas a esse termo. Nosso objetivo, aqui, não é entrar nas inúmeras discussões surgidas ao redor desse conceito, nem perscrutar a riqueza de sentidos a ele atribuídos ao longo do tempo. Queremos, somente, destacar alguns aspectos significativos do termo experiência para discorrer sua importância em nossa relação humana com Deus.

A palavra “experiência” é de origem grega, de onde se reconhece o termo *empeiria*, que passou para o latim como *experientia*, e daí provém nosso vocábulo “experiência”. A terminologia experiência remete à ação de ir ao exterior (*ex*), para buscar, provar (*per*). A ação de “buscar” e “provar”, ligada ao positivismo moderno, pode acentuar em demasia o caráter empírico da experiência, isolando o sujeito e fixando-se no conhecimento do objeto. “O que conta nesse âmbito, é a percepção exata, a observação objetiva, o número, a medida, o peso”². No entanto, a experiência também possui uma força renovadora capaz de transformar o ser humano que experimenta.

2 MIETH, Dietmar. Que é experiência? Tentativa de definição. *Concilium*, Petrópolis, v. 133, n. 136, p. 46-57, mar., 1978, p. 46.

O teólogo França Miranda destaca três níveis de experiência religiosa: empírico, experimental e existencial³. O primeiro nível diz respeito às experiências cotidianas da vida, realizadas de forma superficial, no qual se comportam as percepções sensíveis do divino. No segundo nível, entendem-se as experiências mais conscientes, ajudadas por algumas técnicas religiosas de oração. E, no terceiro nível, recaem as experiências pessoais do ser humano, que o envolvem em sua totalidade. Esse terceiro nível pode ser entendido como uma experiência constituída e captada na lucidez da consciência e na generosidade do amor, portanto, uma experiência pessoal no sentido estrito da palavra. Nesse contexto de compreensão de experiência, podemos situar a experiência de Deus, pois Deus não é objeto de experimentação metódica, mas refere-se ao sentido último da vida.

A essa altura da reflexão, faz-se necessário afirmar que as experiências religiosas são experiências feitas a partir de experiências humanas, cotidianas.⁴ O humano é o lugar por excelência da “iniciativa gratuita de um Deus que sai do silêncio para entrar em relação e comunhão com os

seres humanos.”⁵ A palavra sai de Deus, com profundo respeito pela estrutura humana e, em Jesus de Nazaré, submete-se à própria experiência humana. De fato, nas palavras e nos gestos de Jesus, Deus encontra o ser humano no mundo da forma humana mais expressiva e compreensível possível.

A experiência de Deus, penetrada na existência do ser humano contemporâneo, que se abre a uma existência marcada por uma práxis assumida no concreto da vida “não é a do santo ou a do sábio, voltado à contemplação, mas a existência singular de cada um que, sem grandes palavras, suporta o peso solitário de sua responsabilidade e vive, altruisticamente, para o próximo”⁶. Na relação com o mundo, com o outro e com o transcendente, somos afetados, mas também somos transformados em nossa maneira de pensar, sentir e agir. A experiência aqui tem sentido existencial de fonte de transformação.

Deus é o Mistério Santo que permite ao humano conhecer-se como ser de transcendência. Sem Deus, o homem e a mulher ficariam imersos no mundo e em si mesmos e não se realizariam como seres de liberdade

3 FRANÇA MIRANDA, Mario. A salvação de Jesus Cristo: a doutrina da graça. São Paulo: Loyola, 2005, p. 180.

4 Cf. SCHILLEBEECKX, Edward. Los hombres relato de Dios. Salamanca: Sígueme, 1994, p. 44.

5 FISICHELLA, Rino. La rivelazione: evento e credibilità. Bologna: Dheoniane, 2002, p. 111.

6 RAHNER, Karl. Curso fundamental da fé. Introdução ao conceito de cristianismo. São Paulo: Paulus, 1995, p. 122.

A essa altura da reflexão, faz-se necessário afirmar que as experiências religiosas são experiências feitas a partir de experiências humanas, cotidianas. O humano é o lugar por excelência da “iniciativa gratuita de um Deus que sai do silêncio para entrar em relação e comunhão com os seres humanos.”

e responsabilidade. Deus quer encontrar-se conosco e se tem colocado em nossa companhia, em nossas histórias individuais, na profundidade de nossas consciências, e na dinâmica viva de nossas comunidades que se abrem ao serviço do próximo. Quando somos afetados por sua presença amorosa e nos abrimos solidários aos irmãos/as sem juízos, conhecemos Deus por experiência.

Experiência cristã de Deus

Ao tratar da experiência cristã de Deus, os escritos neotestamentários repetem, muitas vezes, que a ação de Deus atinge a pessoa na sua totalidade. Assim se fala de “provar” o Senhor (1Pd 2,3) e de “saborear” a sua Palavra (Hb 6,4). Paulo afirma, incisivamente, que o ser humano experimenta

em si a ação do Espírito como uma vivência muito pessoal (Rm 8,16). Esses relatos põem em evidência a possibilidade e, ao mesmo tempo, a necessidade do cristão fazer uma experiência de Deus em Cristo ressuscitado. De fato, o cristão é aquele que assume a própria existência de Cristo e procura sua atitude fundamental, buscando ser sinal para os outros. Assim, delineia-se o tema do seguimento, em que a comunhão de vida com Jesus é o elemento central. A meta do cristão é tornar realidade, do modo mais perfeito possível, a atitude de Cristo, para formar Cristo em si (Gl 4,19) e, identificar-se existencialmente com ele (Gl 2,20), tendo-o como a própria vida (Cl 3,4)⁷.

Logicamente, os textos do Novo Testamento não oferecem unicamente experiências de Deus saborosas e inebriantes. Ao contrário, muitas vezes essas experiências acontecem em meio a gritos e gemidos, como é o caso do próprio Jesus de Nazaré em suas experiências no Monte Getsêmani (Lc 22,44) e no Gólgata (Jo 12,17). A carta aos Hebreus traduz tal experiência dizendo que “durante sua vida terrestre Jesus se dirigiu ao Pai com gritos e lágrimas” (Hb 5,7ss). Não é sem sentido que Jesus desenha o perfil do

⁷ Cf. FRANÇA MIRANDA, A salvação de Jesus Cristo, p. 233.

discípulo/a em Marcos e Mateus como aquele/a que renuncia a si mesmo, toma a sua cruz e gasta sua própria vida no seguimento (Mc 8, 34-35; Mt 16,24-25).

A experiência cristã de Deus é o amor incondicional – ágape – que é esse vínculo de amor existente entre Deus-Pai e o Filho, amor que transborda em paixão pelo mundo até à radicalidade da morte na cruz. É amor oblativo, vivido na certeza de que a entrega de si mesmo é renovadora, porque é dessa entrega que brota a vida nova.

Experiência de Deus na vida do consagrado/a

Para fazer a experiência cristã de Deus, o religioso e a religiosa, de todos os tempos devem acolher um convite constante: entrar na “escola de Jesus”: “Se alguém quer vir em meu seguimento, renuncie a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me, pois quem quiser salvar a sua vida perdê-la-á, mas quem perder a sua vida por causa de mim e do Evangelho, salva-la-á” (Mc 8,34-35). Jesus nos apresenta um Evangelho de liberdade e nos convida a vivê-lo pessoalmente, assumindo seu projeto como meta da própria vida. Assim, a “experiência de Jesus” transforma-se em “experiência com Jesus”, motivada pela proximidade com o Mestre.

A “escola de Jesus” tem uma pedagogia própria, que não se impõe, mas se apresenta como uma oferta gratuita de aprendizado para quem busca fazer a experiência com Ele e tornar-se seu/a anunciador/a. A experiência do/a religioso/a, gestada na experiência com Jesus, deve conservar os mesmos traços que marcaram a vida do Mestre. É exatamente essa configuração que delinea o distintivo da vida cristã no mundo: uma vida assinalada pela esperança, alegria e liberdade, imersa na dinâmica da misericórdia e compaixão.

Seguiremos elencando algumas características marcantes da experiência de Deus daqueles/as que se tornam frequentadores assíduos da “escola de Jesus”:

a) Experiência de permanecer destinatários do Evangelho

Essa disposição lembra que, mesmo tendo a missão de transmitir o Evangelho, continuamos sendo seus destinatários. Se permanecermos interlocutores do Evangelho, estaremos atentos a uma leitura pessoal dele, para somente depois, colocarmo-nos à disposição do anúncio. Antes de perguntar qual seria o anúncio do Evangelho, que deve ser transmitido em tempos atuais, deveríamos nos questionar sobre qual é o anúncio que nos é

Jesus nos apresenta um Evangelho de liberdade e nos convida a vivê-lo pessoalmente, assumindo seu projeto como meta da própria vida. Assim, a “experiência de Jesus” transforma-se em “experiência com Jesus”, motivada pela proximidade com o Mestre.

transmitido pessoalmente⁸. A inversão da pergunta mostra que, em primeiro lugar, a necessidade não é a preocupação com o que dizer aos outros, para tocá-los e convertê-los, mas a volta para o próprio interior, numa atitude de escuta e metanoia.

b) Experiência de que o Evangelho nos convida a deslocarmos

A palavra do Evangelho nos move a sair de nossas comodidades pessoais e a nos colocarmos a serviço do outro, onde houver necessidade. É importante perceber que, nesse deslocamento, somos sempre precedidos pelo Espírito de Cristo, que já está lá. Somos pessoas do caminho, o caminho de Jesus. Não temos respostas prontas, mas dispomos de uma ideia da direção que nos foi

⁸ FOSSION, André. Que anúncio do Evangelho para o nosso tempo? In: THEOBALD, Christoph; BACQ, Philip (Org.). Uma nova oportunidade para o Evangelho. São Paulo: Paulinas, 2013, p. 91.

apontada por Jesus⁹. Precisamos fazer-nos ao largo, pois a Vida Religiosa Consagrada cumprirá sua tarefa no mundo se nos mantiver coesos em torno da mensagem de Cristo e abertos aos problemas humanos.

c) Experiência de fazer-se acolher enquanto se acolhe

O acolher pode nos colocar numa atitude de superiores àquele que é acolhido, dificultando, assim, o diálogo evangélico autêntico. O movimento que o Evangelho nos ensina é outro. Convida a nos deslocarmos até o outro para recebermos a sua hospitalidade: “Hoje preciso entrar em sua casa” (Lc 19,5); “Quem vos recebe, a mim recebe” (Mt 10,40); “Eis que estou à porta e bato” (Ap 3,20). Talvez essa seja uma atitude mais custosa.

d) Experiência de humanizar e fraternizar os espaços da fé

Na vida religiosa consagrada, a humanização está em primeiro plano, como escola de vida. A humanização-fraternização constitui o solo favorável à vivência do Evangelho, num clima de fraternidade para além de toda a vontade de posse sobre o outro. Nossas comunidades devem favorecer a dinâmica da humanidade. Sem

⁹ NOLAN, Albert. Ser cristão hoje. Concilium, Petrópolis, v. 2, n. 340, p. 51, 2001.

colocar de lado os aspectos organizacionais e institucionais, a prioridade necessária é construir relações de proximidade, nas quais os/as religiosos/as vão colocando os carismas recebidos do Espírito a serviço e acolhendo os dons concedidos uns aos outros (cf. Rm 12,4-10).

e) Experiência de gratuidade

Jesus é um pedagogo que, com muita discrição e respeito, reúne todas as condições favoráveis para deixar Deus fazer sua obra de Evangelho nas pessoas que encontram no seu caminho: “minha filha, meu filho, tua fé salvou” (cf. Mc 5,34; Lc 8,48). Essa pedagogia nos incentiva a nos afastar da arrogância e da fantasia de nos sentirmos superiores em nosso serviço pastoral e de ajuda ao outro, libertando-nos ainda do ativismo e da obrigação de obter resultados ou da angústia de não ter feito nunca o suficiente.

f) Experiência de promover o outro/a

Jesus suscita a coragem humana de “ser,” provocando, nas pessoas que estão desanimadas, o desejo e a força de vida. Provocar o desejo de viver! Essa é a fé mais elementar, a mais básica: acreditar que posso viver! Muitas vezes, em nossas comunidades, fazemos o contrário, promovendo a morte, e não

nos alegramos com os sinais de crescimento de nosso/a irmão/a. A difamação, as fofocas, a “formação de grupinhos”, e vão na contramão dos gestos e das palavras de Jesus que suscitam nas pessoas força de autocura, energia de vida (dynamis).

e) Experiência da gestação

A imagem materna da gestação ilustra como a realidade foge de nosso domínio: o filho que a mãe gera é sempre diferente dela mesma e, apesar dela estar na origem da geração, ele vai se distanciando dessa presença. Desse modo, acontece a transmissão da vivência do carisma das Congregações: não na ordem da clonagem, mas do advento, pois o objetivo principal da prática da gestação é suscitar vida. A experiência da gestação nos move a sair de uma prática do enquadramento, a não nos sentirmos mestres e a considerarmos que as pessoas não são receptoras passivas de nossos ensinamentos, mas homens e mulheres que atestam a liberdade de Deus.

f) Experiência esperançosa

A esperança cristã, muitas vezes, é descoberta no limite da vida, quando as forças nos parecem findar. Assim, a experiência de Jesus no Gólgata, quando aparentemente não havia mais esperança, torna-se imperativa.

O gesto que ele realizou naquele momento apontou para uma esperança maior: “Isto é o meu corpo”. Nesse período, mais do que nunca, os religiosos/as são chamados a serem profetas da esperança em meio a tanta dor.

g) Experiência de solidariedade com os pobres e sofredores

A questão da solidariedade para com os pobres é um elemento primordial na Vida Religiosa Consagrada. A autoridade que esta possui, provém dos pobres, pois em seu serviço solidário com os pequenos e indefesos, ela é reconhecida no mundo como perita em humanidade. Servir os pobres é servir o próprio Senhor, diz o Evangelho: “aquilo que fazeis aos mais pequeninos dos meus irmãos, é a mim que o fazeis” (Mt 25,40). Na pandemia, uma vez mais, os pobres sofrem descomedidamente.

i) Experiência de sentir-se irmãos/as de todos

Em sua Encíclica *Fratelli Tutti*, o Papa Francisco chama atenção para uma “comunhão universal” (n. 95), para “uma comunidade feita de irmãos que se acolhem mutuamente e cuidam uns dos outros” (n. 96). Essa abertura é geográfica, mas mais ainda existencial. É urgente retomarmos a experiência do cuidado entre nós

e com o cosmo. O grito que ecoa da Encíclica é o da fraternidade e da amizade social, pois se não seguirmos esse caminho, corremos o risco de fazer parte de um mundo no qual estamos todos contra todos.

As características elencadas acima, logicamente, não abrangem todo o ensinamento oferecido na “escola de Jesus”, mas asseguram uma postura elementar do discípulo/a, que busca segui-lo, captando sua misteriosa coerência de vida, que brota de uma autoridade interior (exouxia), diferente daquela dos escribas e fariseus (Mt 23,3-8).

É importante lembrar que a escola de Jesus não tem limite de tempo, não é o início de uma carreira, mas é uma entrega total e permanente. A permanência com o Mestre é condição indispensável para o discipulado (cf. Jo 1,39). O verbo “permanecer,” no Evangelho de João – grego *menow* – indica o definitivo e duradouro da relação com Jesus fundada na fé. Nesse sentido, nossas experiências com o Mestre Jesus vão sendo gestadas na fidelidade no decorrer dos dias, a partir dos altos e baixos que o cotidiano comporta.

Conclusão

Neste tempo de fratura e de reconstrução, a proposta de refletir, mais uma vez, sobre a experiência

cristã, de Deus, não surge como meta para salvar a “móvel” antiga da Vida Religiosa Consagrada, mas como uma atitude fundamental, diária, de retomada do caminho de fidelidade com Jesus, descentralizando-se de nosso próprio ego e assumindo seu projeto como meta de vida.

Tendo presente que a pedagogia de Jesus passa muito mais pela questão do diálogo do que pela imposição de verdades prontas, a proposta do artigo foi de mostrar que a experiência com o Mestre nos remete a uma práxis kenótica e itinerante. Desse modo, abre perspectivas para refazermos nossas relações comunitárias e nossos espaços interiores, a partir de uma unidade que agrega e cria comunhão, embora de forma imperfeita.

Concluindo, podemos dizer que a experiência a ser realizada com Jesus é fruto da gratuidade de Deus e não da nossa competência. A imagem da sementeira e da semente (cf. Mc 4,26-27) oferecida pelo Evangelho nos lembra a gratuidade do Reino e a sedução que ele encerra por si mesmo. Cabe a nós acolhermos a graça e propiciar experiências gestadoras de vida, descobrindo quais são os sabores do Evangelho para o nosso tempo¹⁰.

¹⁰ FOSSION, André. O Deus desejável. Proposição da fé e iniciação. São Paulo: Loyola, 2015, p. 50.

Referências

- FISICHELLA, Rino. La rivelazione: evento e credibilità. Bologna: Dheoniane, 2002.
- FRANÇAMIRANDA, Mario. A salvação de Jesus Cristo: a doutrina da graça. São Paulo: Loyola, 2005.
- FOSSION, André. O Deus desejável. Proposição da fé e iniciação. São Paulo: Loyola, 2015.
- _____. Que anúncio do Evangelho para o nosso tempo? In: THEOBALD, Christoph; BACQ, Philip (Org.). Uma nova oportunidade para o Evangelho. São Paulo: Paulinas, 2013.
- MIETH, Dietmar. Que é experiência? Tentativa de definição. Concilium, Petrópolis, v. 133, n. 136, p. 46-57, mar., 1978.
- MOLTMANN, Jürgen. O espírito da vida. Uma pneumatologia integral. Petrópolis: Vozes, 2010.
- NOLAN, Albert. Ser cristão hoje. Concilium, Petrópolis, v. 2, n. 340, 2001.
- PAPA FRANCISCO. Carta Encíclica Fratelli Tutti. Sobre a fraternidade e amizade social. São Paulo: Paulinas, 2020.
- RAHNER, Karl. Curso fundamental da fé. Introdução ao conceito de cristianismo. São Paulo: Paulus, 1995.
- SCHILLEBEECKX, Edward. Los hombres relato de Dios. Salamanca: Sígueme, 1994.

DISCERNIMENTO COMO PROCESSO

PE. JOSÉ LAÉRCIO DE LIMA. SJ¹

Resumo

O artigo apresenta o discernimento humano como pré-requisito para os que desejam se deixar mover pela

voz do Senhor. E os pré-requisitos, junto com uma metodologia, oração pessoal e maturidade humana, capacitam para discernir ainda melhor a vontade de Deus. O autor fala em discernir como sinônimo de fazer escolhas, e a vida é feita de escolhas. Afirma ainda, que é na simplicidade diária, com a mediação dos pré-requisitos, que mora a oportunidade de conhecer, com mais clareza e profundidade, a vontade de Deus, que toca a pessoa em sua interioridade.

Palavras-chave: discernimento, vontade de Deus, juventude.

¹ José Laércio de Lima.SJ, nascido em Vitória de Santo Antão (PE), entrou na Companhia de Jesus em 1997. Foi formado pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE), em Belo Horizonte. Foi ordenado presbítero em 2008. Fez mestrado em Teologia Espiritual Inaciana pela Universidade Gregoriana, em Roma. Trabalhou na Pastoral Vocacional e Juventudes, também com universitários, foi Pároco em Iconha – ES e atualmente é Pároco na Paróquia Cristo Rei em Fortaleza. Foi Secretário das Paróquias, Igrejas, Santuários e Capelarias da Província dos Jesuítas e atualmente é Secretário para Colaboração, Fé e Espiritualidade da Província dos Jesuítas do Brasil. Autor do Livro “A ousadia de amar até o fim” – Um itinerário espiritual como construção de identidade (Ed. Loyola).

O Discernimento espiritual e a base humana

Se queremos falar sobre o Discernimento Espiritual, devemos partir do ponto basilar, que é a necessidade da prática da oração pessoal e de quem está no processo de amadurecimento humano. Esses dois pré-requisitos capacitarão aqueles que desejam se deixar mover pela voz do Senhor. O cotidiano será o lugar do encontro dessa vontade, basta ter os ouvidos atentos, abertos ao que Deus já fala constantemente. É um equívoco pensar que o discernimento profundo, que busca encontrar a vontade de Deus, pode ser feito de qualquer modo e a qualquer custo.

A oração pessoal e a maturidade humana, junto com uma metodologia, capacitam o exercitante para discernir a vontade de Deus. Isso não significa aprisionar o Espírito, mas ordenar a nossa alma, pois já sabemos que, se não cuidarmos dela, afinando-a como um instrumento musical, ela não será capaz de dar o tom na sinfonia da nossa vida. Por isso, discernir é uma decisão difícil, requer trabalho, e nos pede coragem, maturidade. Podemos lembrar do exemplo de Inácio de Loyola, que passou a vida toda sendo afinado, como a um instrumento; o seu coração, alma, sentidos, precisaram ser

A oração pessoal e a maturidade humana, junto com uma metodologia, capacitam o exercitante para discernir a vontade de Deus. Isso não significa aprisionar o Espírito, mas ordenar a nossa alma, pois já sabemos que, se não cuidarmos dela, afinando-a como um instrumento musical, ela não será capaz de dar o tom na sinfonia da nossa vida.

ordenados, “domados”, treinados para melhor escutar a Deus.

Todo o processo de caminhada e peregrinação na vida de qualquer pessoa, seja interior, seja exterior, necessita ser vivido como processo que nos forma para reconhecer a voz de Deus no cotidiano, no encontro com as pessoas, isto é, no mundo. Somente quando crescermos na capacidade de perceber “Deus diante dos olhos”, aquele que age, trabalha e atua em todas as coisas, perceberemos que encontrar Deus é mais fácil do que imaginamos. Porém, as partes mais difíceis no processo de discernimento são: primeiro, encontrar a sua vontade entre tantas; e segundo, sustentar na vida pessoal a vontade de Deus. Isso, porque se o encontramos de

verdade, ele nos fala; ao nos falar, devemos responder à altura.

Se não temos estrutura humana, se a nossa história pessoal ou realidade social está a todo momento trabalhando contra nós, certamente, será ainda mais difícil sustentar o resultado de qualquer discernimento como fruto da vontade de Deus. Dessa forma, torna-se essencial a tomada de consciência de influências que sofremos, que nossas histórias sofrem, e das condições que temos hoje de colocar em prática as decisões que tomamos guiados pelo Espírito de Deus.

Quando podemos fazer discernimento espiritual?

Pode-se fazer discernimento para tudo? Sim e não, como diria o nosso Pe. Libânio. O ato de discernir pode ser usado como sinônimo de fazer escolhas, então a resposta é sim, porque a vida é feita de escolhas. Porém, nem todas as vezes que falamos em discernimento, estamos falando em discernimento espiritual. Sendo assim, muitas escolhas que fazemos não estão ligadas à opção fundamental das nossas vidas. Todavia, é na simplicidade do dia a dia, mediada pela oração, pelo exame de consciência, pelo diálogo espiritual e, para quem pode, pelo acompanhamento

espiritual, que mora a oportunidade de discernir para encontrar a vontade de Deus. Esse processo de silêncio, oração pessoal e acompanhamento pessoal nos ajuda a tirar as cinzas dos nossos olhos e do nosso coração, tirar as cinzas de tantos equívocos que fizemos, hoje, parte do nosso passado morto, mas que continuam, às vezes, a nos incomodar, tirando a nossa liberdade e capacidade de lucidez para ver o presente e o futuro.

Papa Francisco nos ajuda quando fala na *Gaudete et exsultate* que podemos viver dispersos, perdendo o foco da vida e, assim, perdendo a capacidade de verdade discernir e encontrar a vontade de Deus, pois pode ser que aquilo que aparece como novo, na verdade, é uma “novidade enganadora do espírito do mundo ou do espírito do maligno” (GE 168).

Hoje em dia, tornou-se particularmente necessária a capacidade de discernimento, porque a vida, atual, oferece enormes possibilidades de ação e distração, sendo nos apresentadas pelo mundo como se fossem todas válidas e boas. Todos, mas especialmente os jovens, estão sujeitos a um zapping constante. É possível navegar, simultaneamente, em duas ou três telas e interagir, ao mesmo tempo, em diferentes cenários virtuais. Sem a sabedoria

do discernimento, podemos facilmente transformar-nos em marionetes à mercê das tendências da ocasião (GE 167).

Sendo assim, a “mundanidade espiritual” pode ser uma realidade em nosso modo de tomar decisões e de influenciar a caminhada cristã, quando valorizamos mais as aparências das coisas do que a verdade que nos habita. Santo Inácio já nos alerta para esse olhar profundo que é “ter Deus diante dos olhos”, ou seja, desde a nossa intimidade, deve brotar a capacidade de olhar a realidade com a ótica de Deus. O modo como Deus nos olha é profundo, é salvação, desde sempre e para sempre, e nada impedirá a sua salvação (Eclesiástico 39,12-31). Por conseguinte, a capacidade de enxergar as coisas com um olhar diferenciado e profundo vai ajudar a encontrar a vontade de Deus no cotidiano, pois é isso que buscamos na vida, fazer tudo o que ele nos disser (Bodas de Canã Jo 2,1-12).

O Chão da juventude

O Discernimento Espiritual é um trabalho incansável, que nos pede constante exercício interior pessoal. Desse modo, é preciso ver a terra, o chão de quem faz o discernimento, a fim de perceber se há substrato, alicerces, isto é,

condições de sustentar a decisão tomada. Quando falamos, por exemplo, do Discernimento Espiritual na vida das juventudes, percebemos que há uma parte da juventude que não ousa sequer sonhar, pois é impedida a todo instante. Em outros casos, não há horizontes para os sonhos, há apenas ilusões. Para alguns jovens, o máximo que conseguem sonhar é ser um(a) cantor(a) famoso(a) ou um(a) jogador(a) de futebol. Mas lhes faltam horizontes para sonhar com algo que a transcenda.

Aí está o perigo, os sonhos, muitas vezes, são básicos, como trabalho e realização, porém esses “sonhos” não deveriam ser sonhos, pois todos deveriam ter acesso a isso. Muitas vezes, há apenas a ilusão que ocupa a mente e o coração de muitos jovens. Essa ilusão é a de que a felicidade baterá à sua porta, leia-se aqui a fama. Para isso, alguns estão dispostos a tudo. A vulgaridade se mistura com o cotidiano das criaturas que perambulam pela vida quase que sem alma. Essa realidade descrita não é a totalidade, mas diz respeito a uma considerável parcela das juventudes. Fica difícil compreender a circunstância se só a observarmos desde uma visão acadêmica, universitária ou desde os balcões de alguns dos grandes teólogos que são doutores em teologia, mas analfabetos

em humanidades e, até mesmo, em desumanidades.

O chão das juventudes, lá de onde eles partem para tomar as decisões mais profundas de suas vidas, está marcado pela droga, pelo sangue, especialmente dos pobres. O chão das juventudes é o mesmo das cadeias que geram injustiça, dos cárceres que geram violência, morte, dor, os transtornos profundos na alma e na vida de quem passa por lá.

É preciso considerar as juventudes, considerar o chão das juventudes, o coração das juventudes. Às vezes, corremos o risco de falar para nós mesmos, sem considerar a realidade daqueles jovens, os quais não temos acesso. O nosso olhar não deve ficar condicionado aos jovens da Igreja, das nossas sacristias.

Esses jovens que são bons, santos, e que trazem elementos vocacionais, aqueles a quem muitas vezes, nós os incensamos e incentivamos, estão também marcados pela vida de milhões de jovens que não conseguem

O chão das juventudes é o mesmo das cadeias que geram injustiça, dos cárceres que geram violência, morte, dor, os transtornos profundos na alma e na vida de quem passa por lá.

planejar a sua vida, fazer um projeto de vida; muito menos discernir a vocação. O chão das nossas juventudes é terreno minado e marcado pelo abuso sexual dentro da família, pelo assédio da sociedade, daí que discernir a vocação e se perguntar pela voz de Deus que fala dentro de cada um não pode ficar de fora, a dor é a realidade que, muitas vezes, os nossos projetos e planos e planos vocacionais não contemplam.

Não é difícil encontrar jovens que têm uma reta intenção, têm um desejo profundo, porém têm uma terra frágil, sem raiz e sem consistência para assumir as próprias decisões. Esse elemento também é característica da sociedade, atual, que vivemos, a qual conhecemos por “sociedade líquida”, “tempos líquidos”, eu diria corações líquidos.

A ilusão do sucesso, a qualquer custo, aliena e esvazia as juventudes. Como falei acima, o sonho não consegue ir além da vida financeira em detrimento da dimensão espiritual. Sem falar que, na maioria das vezes a vida espiritual também é alienante, especialmente, quando não permite que o jovem veja em profundidade a realidade que o cerca. A espiritualidade não pode ser limitante, mas abrangente.

Dentro da realidade atual, é importante que cada cristão crie uma relação com Deus,

Movimentos interiores e regras de discernimento

O chão das nossas juventudes é terreno minado e marcado pelo abuso sexual dentro da família, pelo assédio da sociedade, daí que discernir a vocação e se perguntar pela voz de Deus que fala dentro de cada um não pode ficar de fora, a dor é a realidade que, muitas vezes, os nossos projetos e planos e planos vocacionais não contemplam.

que podemos chamar de “verificação vertical”², ou seja, uma experiência fundante, aquela que ninguém pode dar, tão pouco, ninguém poderá tira-la. Contudo, será preciso que cada pessoa sinta, viva, experimente. Essa experiência fundante ajudará a que nos configuremos nos moldes culturais de nosso tempo, da mesma forma que nossos antepassados fizeram no seu.

Logo, o caminho será ajudar a criar horizontes espirituais, desde o chão que pisa cada jovem, auxiliando-os a serem capazes de levantar o véu da realidade e, assim, crescerem em maturidade suficiente para assumir as decisões tomadas.

No processo de discernimento pessoal, ou comunitário, é preciso compreender qual é ação de Deus, como ele age e se manifesta e, ao mesmo tempo, entender qual o seu papel no processo de discernimento, pois o Senhor não quer participar desse processo como aquele que tira a nossa liberdade ou mesmo resolve tudo por nós. Deus não é o nosso inimigo, pelo contrário, é o nosso amigo e parceiro de caminhada. Por isso, ele quer caminhar conosco, ajudando-nos a enxergar o caminho mais seguro, do mesmo modo que Jesus fez com os discípulos de Emaús, ao escutar e falar, pacientemente, como também agir discretamente.

Em momento nenhum, desse processo de discernimento, Deus quer tirar a nossa vontade, ou manipulá-la, pois isso é próprio do mal espírito. Daí que podemos dizer que, muitas vezes, aproximamo-nos do discernimento já repletos, mergulhados no mal espírito e no seu modo de proceder, já que, muitas vezes, queremos, sim, sair com a nossa vontade em detrimento da vontade de Deus. Pode ser que essa vontade esteja bastante dissimulada em nossas palavras bem articuladas, em nossos discursos prontos, porém, não suportaria

2 QUEIRUGA, Andrés Torres. Fim do Cristianismo pré-moderno, Paulus 2003, p.63.

Deus não é o nosso inimigo, pelo contrário, é o nosso amigo e parceiro de caminhada. Por isso, ele quer caminhar conosco, ajudando-nos a enxergar o caminho mais seguro, do mesmo modo que Jesus fez com os discípulos de Emaús, ao escutar e falar, pacientemente, como também agir discretamente.

o momento de silêncio e oração diante do Senhor, e ele logo desmascararia tudo.

Sobre isso, Pe. Benjamim González Buelta sempre afirma em suas falas e escritos que necessitamos estar atentos a tantas propostas que “aterrissam na porta dos nossos sentidos”, no desejo de nos “saturar de sensações e colonizar-nos na cultura da sedução”, no desejo de simplesmente nos enganar e manipular. O mal espírito nos engana “por baixo da aparência de bem”, diz ainda Pe. Benjamin a respeito dessa tentação frequente que corrói a vida evangélica e a quebra de maneira escandalosa³.

Ademais, Santo Inácio de Loyola, nos Exercícios Espirituais

(EE) n. 331, diz que com uma causa precedente tanto o anjo mau, como o bom podem consolar. Ou seja, “O bom anjo, para proveito da alma, para que cresça e suba de bem a melhor; o mau, para o contrário e, posteriormente, para arrastá-la à sua perversa intenção e malícia”. No número anterior, Santo Inácio deixa bem claro: “Só Deus pode consolar sem causa precedente”, ou seja, a verdadeira paz e alegria, sem motivo externo ou interno, só Deus pode nos dar. Por isso, a necessidade de maturidade na fé, a fim de não se deixar enganar pelo que sentimos e, ao invés disso, saber de verdade detectar a voz de Deus e o que Ele põe dentro de nós. Em verdade, esse conhecimento espiritual é essencial já que, muitas vezes, o anjo mau pode se vestir de anjo de luz, diz também Santo Inácio.

Em outras palavras, há uma manipulação e saturação dos sentimentos que podem apagar a vela da lucidez e da sensatez. Se isso acontece, enchemo-nos de nós mesmos, pagando qualquer preço para vencermos a batalha da sedução com os nossos melhores argumentos, até mesmo indo contra Deus. Nessa circunstância, tentamos trazer Deus para a nossa vontade, quando deveria ser o contrário, “pois cada qual esteja convencido de que tanto mais progredirá em todas as coisas espirituais, quanto mais

³ Pe. Benjamin González Buelta. SJ trabalha o tema do discernimento em seu livro *El discernimiento – La novedad del Espíritu y la astucia de la corcoma*. Sal Terrae 2020.

se libertar de seu amor-próprio, vontade e interesse” (EE 198).

As Regras de discernimento, nos EE, levam-nos a perceber que o mal espírito age para confundir. Na Primeira Semana (primeira etapa dos EE), ele age de modo dissimulado, fazendo parecer que o mal é bem; na Segunda Semana, ele age de modo mais forte e descarado, sem misericórdia, à medida que seu objetivo é ganhar o centro da nossa decisão, que é o nosso coração. Diante disso, ressaltamos a importância da maturidade, do exercício constante da oração, do silêncio e da escuta: para saber discernir as vozes sem nos enganarmos. Isso, sim, é uma arte espiritual.

Atitudes, como a oração constante e da vida interior, separam o que é uma decisão comum do ‘buscar e encontrar a vontade de Deus’. Só quem está ‘treinado’ a escutar a sinfonia do Espírito’ poderá entrar em processo de discernimento sem medo de errar. Nesse sentido, o exame de consciência diário, aconselhado por Inácio de Loyola, será o grande instrumento de trabalho para quem deseja discernir. Nele, será possível tomarmos consciência de quem nos move internamente ou quem nos moveu durante uma situação concreta.

Em função disso, a perspicácia de quem tem uma vida de oração e de escuta cotidiana é

uma grande aliada na hora de desamarrar as armadilhas do mal espírito, haja vista que ele vai nos corroendo, como o cupim na madeira, a ponto de percebermos que o que temos, ali dentro, da nossa casa é apenas a casca da madeira, mas que, de verdade, está tudo desmoronando pouco a pouco. Em algumas situações, vemos até os sinais, no entanto vamos protelando, postergando até que tudo desmorona, pois já cansamos de interpretar um papel, de representar aquilo que não somos e o que não sentimos.

O que nos move por dentro?

Um passo importante na maturidade espiritual, e que muito nos ajudará no bom e santo discernimento, é sermos capazes de perceber as misturas que existem em nós. Elas nos impulsionam, fazem-nos movimentar daqui para lá, sem que sintamos que caímos em uma armadilha. Por conseguinte, torna-se fundamental e necessário desmascará-las, jogar luzes sobre elas, pois essas moções são gestadas dentro de nossa escuridão.

Todavia, passo a passo, vai sendo construído também o Reino de Deus, quase que caminhando lado a lado, basta lembrar o grupo dos apóstolos, sobretudo Pedro. Destacamos que a força religiosa que nos fala

internamente nos atrai, mesmo sendo negativa ou positiva. Tudo depende do que nos move. Há, por exemplo, muitos homens bombas caminhando entre nós. Muitas vezes, não percebemos.

Dessa maneira, o discernimento acontece e é gerado dentro do coração, por isso é necessário tirar a poeira dos nossos sentidos, a fim de que possamos ser capazes de deixar-se tocar pela palavra de Deus. Com isso, desmascaramos as nossas verdadeiras intenções e, conseqüentemente, conduzimos verdadeiros e sérios discernimentos. Logo, entendemos agora que o discernimento é um processo que exige a todas as partes implicadas a mais profunda liberdade interior e exterior.

Sobre isso, não podemos ser cegos, como o homem rico da Bíblia, que tinha reta intenção, observava a lei, mas era apegado a tudo o que tinha. Observar a lei poderia ser apenas uma forma de mostrar que ele era bom, justo, e que, portanto, isso justificaria a sua má relação de apego com os seus bens. Porém, quando apareceu uma razão maior que lhe faria um homem bom de verdade, ele não volta mais, faz a opção de ficar consigo e com sua fortuna. O amor ao próximo não passava de uma teoria religiosa que o obrigava a acolhê-la para ser salvo.

Dessa maneira, o discernimento acontece e é gerado dentro do coração, por isso é necessário tirar a poeira dos nossos sentidos, a fim de que possamos ser capazes de deixar-se tocar pela palavra de Deus.

Conclusão

Qual a imagem Deus nos revela por meio dos jovens que nos chegam? Cada jovem traz em si uma experiência de Deus, além de, também, trazer a imagem de Deus que ele experimenta ou não. Ou seja, cada pessoa carrega em si um mistério muito profundo, mas nem sempre as palavras ditas expressam a mais pura realidade. Dessa forma, não podemos ficar naquilo que escutamos, somente, porém precisamos ser pessoas maduras para saber ouvir e enxergar o que não foi dito, pois, muitas vezes, é por ali que Deus caminha.

Nesse sentido, o discernimento não é somente um momento, um método que utilizamos, pontualmente, para chegarmos seguros ao que se deseja, isto é, descobrir a proposta de Deus, senão uma dimensão da vida cristã que deve estar ativa sempre. Mesmo em momentos de crise pessoal, profissional etc, essa dimensão nos

ajuda a facilitar a percepção da proposta de Deus e a consolidar a consistência de nossa resposta.

O discernimento faz parte do caminho maduro construído pelo cristão, que segue a Jesus Cristo. Precisamos encontrar e contemplar, a sua presença salvífica que se doa e se entrega sem limites e medidas. O acompanhamento espiritual é uma oportunidade de testemunhar a ação amorosa de Deus na vida de uma pessoa. Não temos e não podemos atrapalhar, ou mesmo interferir, no caminho e na rota que o Senhor nos apresenta. O nosso papel é com a maturidade e a lucidez, a fim de ajudar a perceber se aquele caminho pertence à dinâmica do Senhor. No entanto, para isso, é primordial que façamos primeiro o nosso dever de casa: oração cotidiana, exame de consciência e acompanhamento espiritual. É deixar-se conduzir pela voz do Senhor.

A inutilidade da vocação é comprovada, aí, nesse momento quando vemos que o nosso papel não é conduzir, nem tão pouco orientar, muito menos decidir por ninguém. A nossa vocação de formadores e diretores, ou acompanhantes espirituais é revelar que somos meramente servos inúteis, não servimos para nada mais a não ser sermos presença confiante do amor. Não entramos no seminário

para produzir, para o sucesso, nem tão pouco para substituir outras pessoas, ou para portar o sacramento a pessoas, no caso do sacerdote, mas sim, para uma unidade profunda com Deus, para que ele possa ser tudo em todos.

Sendo assim, termino como falou Inácio de Loyola, em seu Diário Espiritual (DE) “Para onde me quereis levar, Senhor? (DE 113); “Seguindo a Ti, Senhor, eu sei que não poderei me perder” (DE 114). Assim, somos chamados a viver o dom da nossa vocação buscando sempre e em todas as coisas conhecer a vontade de Deus, sabendo que o discernimento da sua vontade não é para agir no lugar Dele, mas, sim, ajudá-lo a que Ele nos ajude (Etty Hillesum).

Em tempos difíceis, somos chamados a criar condições humanas e espirituais para sabermos lidar com as crises e dificuldades, mas, muito mais, precisamos ter condições de, em meio a tantas pandemias e crises pessoais e sociais, sustentarmos as decisões que tomamos de modo ablativo e maduro. A missão da Vida Religiosa é caminhar junto com os jovens ao mesmo tempo que ajudamos o jovem a criar maturidade. Por isso, precisamos olhar para Deus convidando esses

jovens ao movimento do Espírito e apontando caminhos novos para a conversão. Na verdade, somos nós os primeiros convidados a dar o testemunho de maturidade espiritual e humana, capazes de sempre e diariamente decidirmo-nos e, mais ainda, capazes de sustentar as decisões que tomamos em liberdade.

Bibliografia

- QUEIRUGA, Andrés Tavares, fim do cristianismo pré-moderno, São Paulo: Paulus, 2003.
- BENAJAMIM, González Buelta, discernimento – la novedad del Espíritu y la astucia de Iacorcoma, Sal terrae: 2002.

ENSINAMENTOS DAS ÁRVORES

IR. OTALIVIO SARTURI, MARISTA

Resumo

O artigo utiliza a fortaleza da árvore, e seu significado, dentro da conectividade da criação para refletir, a partir da Bíblia, sobre o valor da harmonia e da integração da ecologia na vida humana. Em tempos de crise ecológica, a Igreja, e nela a VRC, é chamada a ser testemunha desta integração e humanização.

Palavras-chave: ecologia, árvore, semente

Introdução

A árvore adquiriu, ao longo dos tempos, vários significados, entre as distintas culturas. Por exemplo, no Alcorão, existem muitas

referências à árvore, como, por exemplo, a encontrada entre o Jardim do Éden e a do conhecimento. O islã incentiva o cultivo e o plantio de árvores, além de proibir o desmatamento. Pode-se citar, como exemplo, um dito do profeta Muhammad: “Ao muçulmano que plantar uma árvore, quando qualquer um se alimentar dela, seja homem, animal ou qualquer outra criatura, será computado para ele uma recompensa”.¹

No texto que segue, apresenta-se, na primeira parte, aspectos encontrados nos escritos sagrados, relativos às árvores; numa segunda seção, ensinamentos proporcionados por elas.

¹ Cf. <https://extra.globo.com/noticias/religiao-e-fe/sami-isbelle/o-islam-o-meio-ambiente-5059730.html>

As árvores na Bíblia

As pessoas, ao longo dos tempos, reverenciaram árvores. A adoração de árvores, em religiões monoteístas, é registrada em vários clássicos gregos e sumérios. Os antigos gregos consideravam as árvores como os primeiros templos dos deuses e as florestas sagradas como seus primeiros locais de culto, onde as poderosas forças da natureza inspiravam a imaginação humana. As florestas, muitas vezes escuras e misteriosas, eram vistas como habitadas por espíritos.²

Quanto às Escrituras, encontram-se referências ao uso de árvores e florestas em rituais de adoração, como é o caso do segundo livro de Crônicas, no qual se menciona que o rei Acáz ofereceu sacrifícios e queimou incenso nas colinas e sob cada árvore frondosa (cf. II Cr 28,4).

São notórias, começando pelo Antigo Testamento, e prosseguindo nos Evangelhos, referências às árvores, com sábios ensinamentos humanos e espirituais.

Quanto aos livros do Pentateuco, podem-se citar os conhecidos textos do Gênesis: “Então o Senhor Deus fez nascer do solo todo tipo de árvores agradáveis aos olhos e boas para alimento. E, no meio do jardim, estavam a árvore da

vida e a árvore do conhecimento do bem e do mal” (Gn 2,9). Diz ainda: “Deus disse: ‘Cubra-se a terra de vegetação: plantas que deem sementes e árvores cujos frutos produzam sementes de acordo com as suas espécies’. E assim foi” (Gn 1, 11).

O livro do Deuteronômio convida a deixar frutos produzidos pelas oliveiras aos órfãos e viúvas: “Na colheita das azeitonas, depois que você sacudir as oliveiras, não volte para pegar as azeitonas que ficaram nas árvores; deixe-as para os estrangeiros, para os órfãos e para as viúvas” (Dt 24,20).

Nos livros Sapienciais, começando pelo livro dos Salmos, temos o conhecidíssimo texto: “Como é feliz aquele que não segue o conselho dos ímpios, não imita a conduta dos pecadores, nem se assenta na roda dos zombadores! Ao contrário, sua satisfação está na lei do Senhor, e nessa lei medita dia e noite. É como árvore plantada à beira de águas correntes: Dá fruto no tempo certo e suas folhas não murcham. Tudo o que ele faz prosperará” (Sl 1, 1-3).

Afirma, ainda, que “os justos florescerão como a palmeira, crescerão altaneiros como o cedro do Líbano” (Sl 92,12); “as árvores do Senhor fartam-se de seiva, os cedros do Líbano que ele plantou, onde as aves se aninham; quanto à cegonha, a sua casa é nas faias” (Sl 104,16-17).

² <http://www.fao.org/3/y9882s/y9882s11.htm>.

E, em tempos de cativo babilônico, lembra o autor: “Junto aos rios da Babilônia nos assentamos e choramos, lembrando-nos de Sião. Nos salgueiros, que há no meio dela, penduramos as nossas harpas. Aqueles que nos levaram cativos pediam-nos uma canção; e os que nos destruíram, que os alegrássemos, dizendo: cantai-nos um dos cânticos de Sião” (Sl 137,1-3).

Jó, mesmo em tempos de intensa desolação, é capaz de enaltecer a realidade da árvore: “Para a árvore pelo menos há esperança: se é cortada, torna a brotar, e os seus renovos vingam” (Jó 14, 7).

Finalmente, o livro dos Provérbios compara a sabedoria a uma árvore: “A sabedoria é árvore que dá vida a quem a abraça; quem a ela se apega será abençoado” (Pr 3, 18).

Alguns livros **Proféticos** fazem belas referências à árvore. O profeta Ezequiel, por exemplo, afirma: “todas as árvores do campo saberão que eu, o Senhor, faço cair a árvore alta e faço crescer bem alto a árvore baixa. Eu resseco a árvore verde e faço florescer a árvore seca. Eu, o Senhor, falei, e o farei” (Ez 17, 24).

Jeremias compara o homem confiante em Deus a uma árvore plantada junto às águas: “Bendito é o homem cuja confiança está no Senhor, cuja confiança nele está. Ele será como uma árvore

plantada junto às águas e que estende as suas raízes para o ribeiro. Ela não temerá quando chegar o calor, porque as suas folhas estão sempre verdes; não ficará ansiosa no ano da seca nem deixará de dar fruto” (Jr 17, 7-8).

Isaías menciona plantas e árvores ao falar dos efeitos da palavra: “Tal como a chuva e a neve caem do céu e para lá não voltam sem ter regado a terra, sem a ter fecundado, e feito germinar as plantas, sem dar o grão a semear e o pão a comer, assim acontece à palavra que minha boca profere: não volta sem ter produzido seu efeito, sem ter executado minha vontade e cumprido sua missão. Sim, partireis com júbilo e sereis reconduzidos em paz; montanhas e colinas vos aclamarão, e todas as árvores do campo vos aplaudirão. Em lugar do espinheiro, crescerá o cipreste, em lugar da urtiga, crescerá a murta; isso será para o renome do Senhor, um título para sempre imperecível” (Is 55,10-13).

Isaías utiliza ainda três árvores para descrever as bênçãos de Deus sobre o seu povo e a sua cidade: “A glória do Líbano virá a ti; a faia, o olmeiro, e o buxo conjuntamente, para ornarem o lugar do meu santuário; e farei glorioso o lugar em que assentam os meus pés” (Is 60,13).

No tocante aos **Evangelhos**, em Mateus, lemos: “Toda árvore

boa dá frutos bons, mas a árvore ruim dá frutos ruins. A árvore boa não pode dar frutos ruins, nem a árvore ruim pode dar frutos bons. Toda árvore que não produz bons frutos é cortada e lançada ao fogo. Assim, pelos seus frutos vocês os reconhecerão!" (Mt 7, 17-20).

No texto de Lucas, aparecem várias vezes referências a alguma variedade de árvore. Por exemplo, utiliza a semente de mostarda para falar da fé: "Se vocês tiverem fé do tamanho de uma semente de mostarda, poderão dizer a esta amoreira: 'Arranque-se e plante-se no mar', e ela obedecerá" (Lc 17,6).

Recorda-nos, numa de suas parábolas: "Um certo homem tinha uma figueira plantada na sua vinha e foi procurar nela fruto, não o achando. E disse ao vinhateiro: Eis que há três anos venho procurar fruto nesta figueira e não o acho; corta-a. Por que ela ocupa ainda a terra inutilmente? E, respondendo ele, disse-lhe: Senhor, deixa-a este ano, até que eu a escave e a esterque; e, se der fruto, ficará; e, se não, depois a mandarás cortar" (Lc 13, 6-9).

Chama-nos a atenção o seu texto que descreve Zaqueu subindo numa árvore para ver o Mestre: "Jesus entrou em Jericó e atravessava a cidade. Havia, ali, um homem rico chamado Zaqueu, chefe

dos publicanos. Ele queria ver quem era Jesus, mas, sendo de pequena estatura, não o conseguia, por causa da multidão. Assim, correu adiante e subiu numa figueira brava (sicômoro) para vê-lo, pois Jesus ia passar por ali. Quando Jesus chegou àquele lugar, olhou para cima e lhe disse: 'Zaqueu, desça depressa. Quero ficar em sua casa hoje'" (Lc 19,1-5).

Finalmente, lembra que toda árvore é reconhecida por seus frutos: "Ninguém colhe figos de espinheiros, nem uvas de ervas daninhas. O homem bom tira coisas boas do bom tesouro que está em seu coração, e o homem mau tira coisas más do mal que está em seu coração, porque a sua boca fala do que está cheio o coração" (Lc 6, 44-45).

João, em um estilo mais teológico, apresenta-nos significativas referências às árvores. Uma delas menciona a manifestação do povo, utilizando-se de ramos de palmeiras, quando Jesus entra na cidade de Jerusalém: "No dia seguinte, a grande multidão que tinha vindo para a festa ouviu falar da chegada de Jesus a Jerusalém. Pegaram ramos de palmeiras e saíram ao seu encontro, gritando: "Hosana!" "Bendito é o que vem em nome do Senhor!" "Bendito é o Rei de Israel!" (Jo 12, 12-13).

Apresenta-nos, ainda, palavras proferidas pelo próprio Jesus: "Eu sou a videira verdadeira, e meu

Pai é o agricultor. Todo ramo que, estando em mim, não dá fruto, ele o corta; e todo que dá fruto ele o poda, para que dê mais fruto ainda. Vocês já estão limpos, pela palavra que lhes tenho falado. Permaneçam em mim e eu permanecerem em vocês. Nenhum ramo pode dar fruto por si mesmo, se não permanecer na videira. Vocês também não podem dar fruto, se não permanecerem em mim” (Jo 15, 1-4).

O livro do Apocalipse de São João, igualmente, faz menções à árvore, em particular à Árvore da Vida: *“Aquele que tem ouvidos ouça o que o Espírito diz às igrejas. Ao vencedor darei o direito de comer da árvore da vida, que está no paraíso de Deus” (Ap 2, 7); “felizes os que lavam as suas vestes, e, assim, têm direito à árvore da vida e podem entrar na cidade pelas portas” (Ap 22,14); “no meio da sua praça, e de um e de outro lado do rio, estava a árvore da vida, que produz doze frutos, dando seu fruto de mês em mês; e as folhas da árvore são para a saúde das nações” (Ap 22,2).*

Ensinaamentos provenientes das árvores

Conforme se pode constatar, o texto bíblico apresenta valiosas referências relativas às árvores. Elas, quando observadas atentamente, oferecem-nos uma gama de ensinamentos; alguns serão

partilhados no texto que segue; outros, você mesmo já os conhece ou poderá descobri-los.

a) Virar-se para a luz

Lembro-me de quando frequentava o 1º ano do Científico, no Colégio Cristo Rei, em Joaçaba, ocasião em que um grupo de alunos apresentou uma amostra relativa às sementes plantadas em diversos tipos de ambientes. As que foram plantadas em um pote, deixado em ambiente sem claridade, não se desenvolveram; aquelas plantadas em um vaso, colocado em ambiente fechado, com um pequeno orifício, pelo qual entrava a claridade, desenvolveram-se inclinadas para a luz; as demais, semeadas em recipientes bem iluminados, cresceram vigorosas, sem necessidade de se inclinarem em direção à luz.

Posteriormente, passei a observar os pés de girassol. Eles, em especial, quando ainda jovens, curiosamente, mesmo que se encontrem em local de incidência normal de sol, no período da manhã, viravam-se para o Sol nascente e à tarde para o poente.

Conforme se sabe, as árvores crescem em direção à luz em um processo chamado fototropismo. No entanto, para alguns colegas estudantes do 1º ano do Científico, que viviam na cidade, tratava-se de realidade antes não observada.

Se, para nós, religiosos e religiosas, na condição de seres humanos, é recomendável que permaneçamos alguns momentos diários sob a influência dos raios solares, é imprescindível que na condição de consagrados, isto é, seguidores dos passos de Jesus Cristo, voltemo-nos firmemente para Ele, a luz do mundo (cf. Jo 8, 12).

Jesus Cristo, que nos convida a ser luz do mundo (cf. Mt. 5, 14), ajudar-nos-á a amar o irmão e a permanecer na luz (cf. 1 Jo 2,10).

O Papa Francisco, na exortação apostólica *Christus vivit*, nos diz: “Aquela moça hoje é Mãe que vela pelos filhos, estes filhos que caminhamos pela vida muitas vezes cansados, necessitados, porém, querendo que a luz da esperança não se apague” (FRANCISCO, 2019, p. 23).³

b) Fortalecimento das raízes

Uma das condições para o desenvolvimento saudável de uma árvore consiste em encontrar espaço adequado para que as suas raízes se desenvolvam bem.

As raízes, além de possibilitarem o seu crescimento dentro da normalidade, têm o poder de sustentar a árvore, especialmente em dias de fortes ventos.

Outro aspecto, relativo às raízes, merece ser destacado:

³ Cf. Papa Francisco. *Christus Vivit*. Cochabamba: Verbo Divino, 2019.

árvores saudáveis têm raízes que viajam em busca de água e nutrientes, possibilitando o seu adequado desenvolvimento.

Com o ser humano, segundo Jeremias, ocorre algo parecido: “Ele será como uma árvore plantada junto às boas águas e que estende as suas raízes para o ribeiro. Uma árvore que não se afligirá quando chega o calor, porque as suas folhas estão sempre viçosas; não sofre de ansiedade durante o ano da seca nem deixará de dar seu fruto!” (Jr 17,8).

Conosco, na condição de consagrados, ocorre algo semelhante. Quanto mais profundas e nutridas forem nossas “raízes”, melhores condições teremos para resistir às provocações e a intensidade dos fortes ventos, que possam vir em nossa direção.

Deus é fundamental na vida de alguém, especialmente para nós, consagrados. Ele é a raiz que nos alimenta, sustenta e impulsiona ao crescimento.

Diante da realidade de consagrados e consagradas, posso me perguntar: a minha vida está fundamentada em que raízes? E quais são os nutrientes utilizados para vivê-la equilibradamente?

c) Poder de reação às adversidades

É notório, em muitas variedades de árvores, o poder de reação às adversidades, como, por exemplo,

diante do vento, do fogo e, até mesmo, em períodos de seca.

Tive a oportunidade de presenciar uma situação capaz de elucidar tal realidade. Na chácara que tínhamos, em Caçador, Irmãos e formandos plantaram, numa colina, onde sopravam fortes ventos, uma centena de eucaliptos.

No ano de 1991, como os eucaliptos já estavam bastante desenvolvidos e necessitávamos de lenha, Irmãos e formandos, decidimos derrubar alguns deles.

No momento de rachar as toras, um dos formandos comentou: “Irmão, estou percebendo que os troncos dos eucaliptos das primeiras filas são difíceis de rachar, enquanto os demais, a partir da terceira fina, lascam que é uma maravilha!”.

Observando as características de todos, concluiu-se que os troncos daquelas árvores que formavam a primeira fila sofreram, ao longo dos anos, forte influência dos ventos. Justamente, esses tinham as fibras lenhosas bem retorcidas e, até mesmo entrelaçadas, tornando-as mais resistentes; os troncos das árvores das filas protegidas do vento apresentavam fibras regulares, possibilitando serem lascadas com facilidade.

Acredito que muitos, em 2019, acompanharam as notícias sobre

incêndios de grandes proporções, no parque Tunari, próximo à cidade de Cochabamba, na Bolívia.

No ano de 2020, caminhando pelo local, para ir até o Pico Pirâmide, impressionou-me ver árvores que sofreram efeitos daquele fogo. Algumas morreram, noutras, os novos brotos, que estão surgindo revelam notável poder de reação.

Outro aspecto significativo pode ser verificado nas árvores, fortemente atingidas pelos ventos, embora se inclinem, numa demonstração de resiliência, resistem à fúria dos ventos; uma vez cessados, retornam à posição original.

E o que dizer do tamarugo,⁴ árvore capaz de sobreviver no clima mais árido do mundo, como é o caso do deserto chileno? Alimenta-se das águas da profundidade da terra, através de suas raízes que podem alcançar até oito metros de profundidade.

As árvores, se pensarmos um pouco, acenam-nos para a necessidade de termos princípios, convicções e firmeza em relação a determinados valores, no nosso caso, sintonizados à vida consagrada. Por outro lado, não podemos permanecer com ideias e posturas inflexíveis, perdendo a capacidade de mudar, dificultando-nos, por exemplo, na vivência

⁴ Cf. <https://www.youtube.com/watch?v=MHD68uWPz5U>

fraterna em comunidade e no trabalho em equipe.

Diante dessas realidades, perguntei-me: até onde vai a minha capacidade de reagir às adversidades na vida? Onde e no que me apego para reagir a tais situações? Tenho capacidade de manter equilíbrio entre as convicções pessoais e a flexibilidade?

d) Transformação e cultivo da humildade

No ano de 1971, logo que cheguei ao juvenato, de Joaçaba, o Irmão Vilário Zamboni perguntou: “alguém de vocês deseja ir comigo, com a Pick up, até o bosque, lá no alto do morro, buscar húmus?”.

Na época, nem imaginava que a expressão “húmus” tivesse em sua origem o significado de solo, terra; de “húmus, surgem ainda as palavras humilde, humildade, humano, humanidade.

Não imaginava, muito menos, que o termo “húmus” pudesse ser aplicado a determinadas realidades humanas, muito bem apresentado pelo monge beneditino Anselm Grün, em sua obra “Espiritualidade a partir de si mesmo”.⁵

Segundo ele, a humildade é uma atitude religiosa, não

⁵ Cf. GRÜN, Anselm. *Espiritualidade a partir de si mesmo*. Petrópolis: Vozes, 2008.

As árvores, se pensarmos um pouco, acenam-nos para a necessidade de termos princípios, convicções e firmeza em relação a determinados valores, no nosso caso, sintonizados à vida consagrada. Por outro lado, não podemos permanecer com ideias e posturas inflexíveis, perdendo a capacidade de mudar, dificultando-nos, por exemplo, na vivência fraterna em comunidade e no trabalho em equipe.

associada a ideias negativas, como “dobrar o espinhaço”, rastejar, fugir às exigências da vida, a falsa modéstia. A humildade é a expressão da experiência de Deus e de nossa própria realidade. Ela é o caminho para descermos ao próprio “húmus”, à própria condição terrena (cf. GRÜN, 2008, p. 111).

Além disso, tornar-se humilde significa passar pelo processo de “apodrecimento” do orgulho, de modo semelhante aos troncos, ramos, espinhos e folhas, que apodrecem para se transformarem em terra fértil.

e) Ajuda recíproca

Acredito que já observaram o que ocorre entre as raízes das

distintas árvores que constituem um bosque. Elas se entrelaçam, formando um bloco coeso, capaz de ajudá-las a resistir com mais facilidade aos fortes ventos.

Além disso, uma árvore que cresce a uma distância adequada, em relação às demais, juntamente com elas, formará um bloco de proteção mútua, capaz de resistir satisfatoriamente ao ímpeto dos ventos.

A sequoia, e, em parte, a figueira, apresenta detalhes especiais. Ela, embora possa atingir até cem metros de altura, frequentemente têm raízes de apenas três metros de profundidade, estendendo-as a um raio de até cem metros.⁶ Ao crescerem em grupo, o comprimento de suas raízes, e o entrelaçamento que ocorre entre elas, possibilitam mantê-las firmemente de pé, até mesmo em épocas de intensos ventos.

Outro detalhe marcante, em relação às sequoias, para que uma delas atinja marcante altura e longevidade média, as suas raízes são capazes de se unirem às raízes das árvores vizinhas, que parecem fundirem-se entre si. Na realidade, cada uma das árvores continua mantendo a sua identidade.

Penso que realidades como essas na natureza, convidam-nos à abertura às demais pessoas,

⁶ Cf. <https://www.marcvidal.net/blog/2012/03/como-las-secuoyas.html>.

em vez de vivermos como ilhas autossuficientes. Elas podem servir de auxílio para o nosso crescimento, sem comprometer a nossa identidade; nós, mantendo-nos humildes, a ajudaremos naquilo que for possível.

f) Produzir frutos e gratuidade

A maioria das árvores, desde que as condições necessárias lhes sejam atendidas, produzem frutos. Elas, a exemplo do Sol que se estende a todas as pessoas, independentemente das condições sociais, econômicas, religiosas, morais (cf. Mt 5, 45), em vez de reterem os frutos, doam-nos gratuitamente, a quem quiser apanhá-los.

Um religioso, numa ocasião, afirmou: “O religioso não é chamado a viver como um solteirão; ele, embora não constitua família, necessita ser pai das crianças e jovens”.

Acredito que ele tinha razão. Na condição de consagrados e consagradas, fomos escolhidos por Jesus Cristo para produzir frutos: *“Não me escolheste vós a mim, mas eu vos escolhi a vós, e vos nomeei, para que vades e deis fruto, e o vosso fruto permaneça; a fim de que o Pai lhes conceda o que pedirem em meu nome”* (Jo 15,16).

O Mestre espera que produzamos, especialmente, frutos do Espírito, tais como “amor, gozo,

Na condição de consagrados e consagradas, fomos escolhidos por Jesus Cristo para produzir frutos: “Não me escolhesteis vós a mim, mas eu vos escolhi a vós, e vos nomeei, para que vades e deis fruto, e o vosso fruto permaneça; a fim de que o Pai lhes conceda o que pedirem em meu nome” (Jo 15,16).

paz, longanimidade, benignidade, bondade, fé, mansidão e temperança” (Gl 5, 22).

Diante da cultura atual da pressa, imediatismo, com dificuldades para seguir processos, de modo paciente, quando se fazem necessários, convém não exigir frutos imediatos de nós nem dos outros.

Em relação à gratuidade, o Papa Francisco, em sua Encíclica *Fratelli Tutti*, recorda-nos: “Quem não vive a gratuidade fraterna, converte sua existência em um comércio ansioso, está sempre medindo o que doa e o que recebe em troca. Deus, pelo contrário, concede gratuitamente, até o ponto de ajudar ao que não são fiéis” (FRANCISCO, 2020, n. 140).⁷

⁷ Cf. FRANCISCO. Carta Encíclica *Fratelli Tutti*. Roma, 2020.

g) Tudo tem o seu tempo determinado

O livro do Eclesiastes nos diz que tudo tem o seu tempo determinado, e há tempo para todo o propósito debaixo do céu. Há tempo de nascer e tempo de morrer; tempo de plantar e tempo de arrancar; tempo de adoecer e tempo de curar; tempo de chorar e tempo de rir; tempo de abraçar e tempo de afastar-se; tempo de calar e tempo de falar; tempo de odiar e tempo de amar ... (Ec 3, 1-8).

Em relação às árvores, não é diferente. Há tempo de preparar a terra e tempo de semear; tempo de crescer e tempo de morrer; tempo para as flores surgirem e tempo para os frutos amadurecerem; tempo para saborear os frutos.

Quem lida com pomares, sabe muito bem que as árvores frutíferas têm o tempo de descansar e tempo de agir; tempo de podar e tempo de desbastar os ramos e frutos; tempo de produzir e tempo de colher.

Mario Cortella, com relação ao processo de desenvolvimento humano, em sua obra “Não nascemos prontos”, assim se expressa: “É absurdo acreditar na ideia de que uma pessoa, quanto mais vive, mais velha fica; para que alguém quanto mais vivesse

mais velho ficasse, teria de ter nascido pronto e ir se gastando”(CORTELLA, 2006, p. 13).⁸

Os manuais de Teologia Espiritual esclarecem que Deus tem o seu tempo para agir em cada pessoa. Às vezes, proporciona a alguém tomada de decisão e conversão rápida; noutros casos, o processo de mudança é lento; há casos em que ocorrem estagnações e até mesmo a passagem pela “noite escura”, como foi o caso de João da Cruz, o grande místico.

h) Acolhida, espaço de encontro e abrigo

Quem tem a oportunidade de observar as árvores constata que elas são muito acolhedoras; permitem que as abelhas se alojem em seus ramos ou troncos para produzirem o apreciado mel; as aves podem abrigar-se nelas, protegerem-se de predadores e construir os ninhos nos seus ramos ou ocos.

As árvores, na maioria dos casos, não se prestam apenas para acolher, abrigar, proteger e alimentar pássaros e outros animais. Quantos de nós, quando crianças, não tivemos a experiência de subir em alguma árvore para nos divertir; outros tiveram a oportunidade de se encontrar com familiares e amigos à

⁸ Cf. CORTELLA, Mario: Não nascemos prontos. Petrópolis: Vozes, 2006.

sombra de uma árvore para usufruir de inesquecíveis momentos de convívio.

Lembro-me muito bem que papai plantou uma árvore, próxima à nossa casa. Após alguns anos, quando ela já oferecia muita sombra, no período de verão, era o lugar predileto para a nossa família se encontrar, conversar e saborear um gostoso chimarrão, às vezes com parentes e amigos visitantes.

Em Israel, no Monte das Bem-Aventuranças, um dos espaços externos para se encontrar e celebrar a eucaristia, com bela visão do Mar da Galileia, encontra-se justamente debaixo de uma frondosa árvore.

As fontes de água, em locais onde há árvores, com exceção de eucaliptos, pinus ilhotes e algumas outras variedades, que, por absorverem muita água, enfraquecem os mananciais, têm muito mais possibilidades de serem preservadas, ajudando, assim, a evitar a erosão do solo.

i) A sensibilidade

Algumas plantas, como é o caso das sensitivas, são muito sensíveis ao toque de alguém. As suas folhas, ao serem levemente tocadas, encolhem-se e, em alguns casos, fecham-se.

A sensibilidade, segundo Amedeo Cencini, é a orientação

emotiva que nos atrai em certa direção, em nível relacional, estético, intelectual, espiritual, orante, crente, moral e decisória do sujeito; forma-se em nós, lentamente, por meio de nossas escolhas diárias.⁹

Segundo o autor, é em nossa sensibilidade que surgem atrações, tentações, simpatias, gostos, como também juízos, condenações, orientações morais e critérios de decisão.

A sensibilidade, sem dúvida, é um dos aspectos mais importantes da vida humana. Quem é sensível tem grandes possibilidades de colocar em prática as pequenas virtudes maristas, fator indispensável para se construir vida fraterna em comunidade, relacionar-se, equilibradamente, com os leigos e viver, adequadamente, a missão junto às crianças e jovens.

Maria, nossa Boa Mãe, inspira-nos a viver a sensibilidade. Ela, por exemplo, atenta às necessidades dos outros, nas Bodas de Caná, ao perceber que o vinho havia terminado, diz a Jesus Cristo: “Eles não têm mais vinho!” (Jo 2, 3).

Outro aspecto, relativo à sensibilidade, merece ser levado em consideração. Pode ocorrer de alguém, dependendo da sua história pessoal, manifestar

excessiva dose de sensibilidade, levando-o, em determinadas situações da vida, a prejudicá-lo; manifestam-se, com frequência, como ressentimentos, melindres, mágoas etc.

Jesus expressa intensa sensibilidade à situação das pessoas. Por exemplo, aproximou-se dos dois discípulos de Emaús, escutou-os e partilhou com sensibilidade a Palavra de Deus (cf. Lc 21, 13-35).

j) Solo propício

As árvores nos oferecem outros ensinamentos. Basta considerá-las sob a ótica da parábola de algumas variedades de solos: à beira do caminho, pedregoso, entre espinhos, terra boa. As sementes lançadas em diferentes solos, apresentam resultados bem distintos (cf. Mt 13, 3-9).

Conforme se constata, a parábola faz referência a sementes lançadas em diversos tipos de solos, sem mencionar explicitamente a reação que ocorre nas árvores, plantadas em diferentes tipos de solos.

Sabemos que algumas espécies, como é o caso dos cítricos, adaptam-se muito bem a solos ligeiramente pedregosos, e não tanto em solos argilosos, pelo fato de reterem muita água; outras, não se desenvolvem satisfatoriamente em solo com essa característica. O

9 Cf. <http://revista.olutador.org.br/noticia/iv-congresso-vocacional-discernimento-e-sensibilidade-07092019-134810>.

salgueiro prefere solos com alto índice de umidade.

Segundo os exegetas, na mencionada parábola, solo se refere ao coração humano, e a semente à Palavra de Deus. Cada coração humano acolhe de modo distinto a Palavra.

Acredito que a parábola possa nos levar a fazer algumas indagações: que tipo de solo estou buscando cultivar? Busco ouvir a Palavra de Deus, a exemplo de Maria?

l) As fragilidades

Diz o famoso ditado, referindo-se às pessoas, que “as aparências enganam”. A realidade entre as árvores não é muito diferente.

Algumas variedades, por serem finas, retorcidas e, até mesmo, tidas como feias, dão a impressão de serem frágeis; no entanto, a dureza dos seus lenhos e as características de suas raízes lhes oferecem resistência ao vento, à carência de chuvas e a situações de ataques de pragas.

Outras têm troncos tão grossos, como é o caso do ombu (*phyllanthus dioica*) e da corticeira, que podem induzir um leigo no assunto a imaginar que são muito resistentes ao vento ou a outras intempéries. Na verdade, nessas variedades de árvores, tanto a casca, quanto o lenho e os ramos são frágeis.

Com o ser humano não é diferente. Cada um tem suas potencialidades e, ao mesmo tempo, traz consigo fragilidades e feridas.

As árvores, até mesmo em relação a isso, podem nos ensinar. Elas, depois da poda, quando realizada adequadamente, permanecem apenas com leves sinais, sem feridas abertas ou podridões que poderiam levá-las a definharem, em alguns casos, à morte.

m) Cultivar a paciência

Em Florianópolis, alguém cultivou um limoeiro. Passados alguns anos, como não vinha a produzir, disse-me: “Se desejar, pode cortar o limoeiro, porque, se não produziu até agora, acho que não produzirá mais”.

Numa tarde, peguei o machado e, disposto a eliminá-lo, para depois colocar outra árvore frutífera no seu lugar, fui até o referido limoeiro. Ao observar com mais atenção, no interior dos seus ramos, notei a presença de alguns frutos. Curiosamente, ele está lá, ainda hoje, produzindo saudáveis frutos.

Diante do ocorrido, lembrei-me da passagem bíblica da figueira, que convida a termos paciência com ela, se por acaso ainda não tenha produzido frutos: “Certo homem tinha uma figueira plantada na sua vinha e foi procurar nela fruto e não o achou. Disse

ao vinhateiro: Eis que há três anos venho procurar fruto nesta figueira e não o acho; corta-a. Por que ela ocupa ainda a terra inutilmente? E, respondendo ele, disse-lhe: Senhor, deixa-a este ano, até que eu a escave e a esterque; e, se der fruto, ficará; e, se não, depois a mandarás cortar” (Lc 13, 6-9).

O texto bíblico, segundo explicações de exegetas, ensina-nos a termos paciência e a esperar o momento oportuno para uma figueira ou outra árvore frutífera produzir frutos. Notoriamente, o texto convida-nos ainda a termos paciência conosco e com os nossos coirmãos, a exemplo de nosso Pai. Pode ocorrer de sermos muito impacientes em nossas ações, em vez de manter equilíbrio entre pressa e paciência. Vale lembrar que, segundo Paulo, o amor é paciente (cf. 1 Cor 13, 4).

Conforme se observa, no processo de crescimento humano, é valiosíssimo reconhecer os limites das pessoas e equilibrar a pressa, paciência e a persistência. Além disso, cultivar a arte de abrir o próprio coração à ação do Espírito, Ele que sabe o momento oportuno de atuar em nós para nos transformar.

n) Consciência ecológica integral

Ao falar de árvores, não podemos deixar de enfatizar a realidade da consciência ecológica

integral, tema desenvolvido pelo papa Francisco na Carta Encíclica “Laudato Si”.

A Encíclica *Laudato Si* nos diz: “O meio ambiente é um bem coletivo, patrimônio de toda a humanidade e responsabilidade de todos” (LS n. 95).

A Encíclica convoca todos a uma ecologia integral, feita de simples gestos quotidianos, pelos quais quebramos a lógica da violência, da exploração, do egoísmo (cf. LS n. 230). Tudo isso será mais fácil a partir de um olhar contemplativo que vem da fé: “O crente contempla o mundo, não como alguém que está fora dele, mas dentro, reconhecendo os laços com que o Pai nos uniu a todos os seres. Além disso, a conversão ecológica, fazendo crescer as peculiares capacidades que Deus deu a cada crente, leva-o a desenvolver a sua criatividade e entusiasmo” (LS n. 220).

O Sínodo para a Amazônia, realizado em 2019, não ignorando o tema, menciona a necessidade de novos caminhos de conversão ecológica: “Nosso planeta é um presente de Deus, porém sabemos também que vivemos a urgência de atuar frente a uma crise socioambiental sem precedentes” (Sínodo dos Bispos, 2019, n. 65).¹⁰

¹⁰ Cf. Papa Francisco. *Amazônia: novos caminhos para a igreja e para uma ecologia integral*, 2019, n. 65.

A Encíclica convoca todos a uma ecologia integral, feita de simples gestos quotidianos, pelos quais quebramos a lógica da violência, da exploração, do egoísmo (cf. LS n. 230).

o) Seiva, essência e espiritualidade

A seiva, de certo modo, pode ser comparada à circulação e a função do sangue no corpo humano. Curiosamente, há épocas em que a seiva, presente nas árvores, deixa de circular, ocasionando a queda das suas folhas; noutros períodos, ela entra em ação, provocando crescimento da árvore, desabrochamento de flores e surgimento de frutos.

A Espiritualidade, conforme escreve o Irmão Charles Howard, “abarca tudo o que somos, os elementos que configuram a nossa vida, nossas relações, nossos dons, as alegrias e as tristezas, nossos sonhos e estados de ânimo, as lutas e os fracassos” (HOWARD, 1992, p. 439).¹¹

Ao longo dos tempos, conforme se constata, passou a ser entendida de modo abrangente; atualmente, num linguajar de

acessível compreensão, pode ser comparada à seiva que circula no interior de uma planta.

Ao se comparar a espiritualidade à seiva, que age no interior das plantas, faz-se referência ao pulsar da vida divina que circula no interior da pessoa, impulsionando-a para mais fé, união, amor e esperança (SARTURI, 2014, p. 72).¹²

A experiência de amor e união com Deus, realizada no coração humano, a exemplo da seiva na árvore, não segue, necessariamente, um ritmo estável. Trata-se de uma experiência que pode se manifestar de forma intensa, ou com fases de aridez e, até mesmo, de estagnações. Deus age no ser humano, respeita a sua natureza e atua no momento oportuno. Algumas vezes, apressa o processo, em outras, retarda sua ação. Normalmente, uma fase, tida como “noite escura”, ou como tempo de aridez espiritual, constitui período indispensável para o fortalecimento da experiência.

A vida espiritual pode ser comparada ainda à própria planta que, sob o impulso da lei biológica do crescimento, tende a crescer. Ela elabora a sua seiva e se transforma, produzindo frutos, capazes de gerar novas vidas.

O salmista, ao falar de pessoa, árvore, palavra e água, deixa

¹¹ Cf. HOWARD, Charles. Espiritualidade apostólica marista. Roma: Casa Geral, 1992.

¹² Cf. SARTURI, Otalívio. Livres na verdade e no amor. São Paulo: Nelpa, 2014.

claro: “Feliz a pessoa que não segue o conselho dos ímpios, mas na palavra do Senhor encontra sua alegria e nela medita. Ela é como árvore plantada junto d’água corrente: dá fruto no tempo devido e suas folhas nunca murcham” (Sl 1,1-3).

O solo que nutre a vida espiritual não é constituído somente de aspectos inerentes à própria vida, como, por exemplo, trabalho, lazer, estudo, descanso e relações com os demais seres humanos. O terreno favorável ao crescimento humano do consagrado e da consagrada, em especial, ao seu cultivo espiritual é Jesus Cristo, tendo em conta que todas as coisas foram criadas por Ele (Col 1,16-17), a água viva, geradora de vida.

A espiritualidade constitui a própria essência do ser humano, em especial do consagrado e da consagrada. Quem procura a verdade do seu ser mais profundo, encontra a luz, isto é, o Logos que ilumina todo o ser humano que vem a este mundo. Ela é essencial ao ser humano, porque lhe permite dar um passo a mais no conhecimento de si, no acolhimento da realidade pessoal, na capacidade de amar a si mesmo e aos demais, na aceitação dos limites pessoais (LELOUP, 2004, p. 23).¹³

13 Cf. LELOUP, Jean-Yves. A arte de morrer. Petrópolis: Vozes, 2004.

Indo mais além, pode-se dizer que a vida consagrada é comparável a uma árvore, conforme afirma o padre jesuíta Carlos Palmés: “A vida consagrada assemelha-se a uma árvore. Não é inerte, tem vida e cresce. Viver é crescer, e o crescimento é sinal de vida que frutifica e amadurece” (PALMÉS, 2013, p. 47).¹⁴

Essa árvore, fundamentando-se no evangelho de Marcos (cf. Mc 3, 13-14), apresenta características bem definidas: chamado gratuito, estar com Jesus Cristo, fraternidade e missão.

Nesse sentido, o carisma de cada congregação, dom doado à Igreja, em sintonia com esse núcleo identitário da vida consagrada, pode, igualmente, ser comparado a uma árvore, com características bem estabelecidas.


Caros companheiros e companheiras de caminhada, esses são alguns ensinamentos oportunizados pelas árvores. Vocês, certamente, têm outros, talvez, até mais aprofundados e oportunos à nossa vida de consagrados e consagradas.

14 Cf. PALMÉS, Carlos. Experiência de Deus na vida consagrada. Cochabamba: Verbo Divino, 2013.

O VOTO DE CASTIDADE: REFLEXÕES A PARTIR DO MAGISTÉRIO DO PAPA FRANCISCO

FREI VANILDO LUIZ ZUGNO, OFM¹

Resumo

 O hedonismo puxa os abusos e a exploração das relações, colocando em evidência o desafio da vivência da castidade em tempos de indiferença e descrédito das Instituições. O Papa Francisco assume não apenas a reflexão dos fatos, mas busca a concretização da superação para prevenir situações de incoerência. O autor apresenta, à luz do magistério de Francisco, a necessidade de uma conversão a esse respeito.

Palavras-chaves: hedonismo, castidade, voto.

Da cultura hedonista...

O propósito do Vaticano II foi o de, à luz do Espírito Santo, colocar a Igreja em diálogo com o mundo moderno. Uma tarefa gigantesca, já que, desde o Concílio de Trento, a Igreja Católica mantinha-se numa atitude de combate a tudo que fosse visto como fruto da modernidade. Vivíamos, no séc. XX, usando as roupas, os costumes, a liturgia, a moral, a filosofia, a teologia e as estruturas eclesiais do séc. XVI ou XVII.

O desafio da reforma conciliar foi ainda mais radical, porque coincidiu com um período em que o Ocidente passava por uma

1 Frade Menor Capuchinho na Província do Rio Grande do Sul. Doutor em Teologia (EST - São Leopoldo, RS). Professor na Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana (ESTEF, Porto Alegre).

rápida transformação. No pós-guerra, a economia dos Estados Unidos e da Europa cresceu de forma sustentada por quase duas décadas, gerando desenvolvimento que, guiado por experiências políticas democráticas, possibilitou o surgimento do estado de bem-estar social, que deu condições de vida digna para boa parte da população. Fome, desemprego, falta de moradia, de acesso à saúde e educação, eram fantasmas que pareciam ter ficado no passado da história.

Foi uma época de grandes conquistas científicas e tecnológicas. Pensemos, por exemplo, no significado da conquista do espaço e, na sua sequência, em todas as novas possibilidades de comunicação que se criaram através dos satélites. A televisão tornou, visualmente, presente aquilo que antes era notícia distante. A universalização da educação fez com que as aquisições científicas se tornassem acessíveis a um setor muito mais amplo da população.

A juventude, com condições econômicas e acesso à educação, emergiu como um sujeito importante da consciência e ação social. Os protestos contra a Guerra do Vietnã e pelos direitos civis nos Estados Unidos e o “maio de 68” na Europa, são símbolos da mudança cultural protagonizada pelos jovens. A valorização da subjetividade

- expressa filosoficamente pelo existencialismo – que contesta todo tipo de repressão, seja ela política, econômica, moral ou sexual, é um dos eixos principais dessa nova cultura.

Ao lado dos jovens, as mulheres foram as protagonistas dessa nova cultura. O pleno emprego possibilitou que elas deixassem as atividades “do lar” e ingressassem no mercado do trabalho. Tal passagem, ocasionou-lhes o fim da dependência econômica em relação aos pais/esposos e a possibilidade de autonomia social. Tal avanço, foi potencializado pela descoberta e disponibilização no mercado de anticoncepcionais que desvincularam a sexualidade da reprodução. À mulher, pela primeira vez na história, era possibilitado, de forma simples e acessível, o exercício da sexualidade sem o risco da concepção. Junto com o acesso à educação, estava criado o caldo para a emergência do movimento feminista e o questionamento do patriarcado.

A psicologia, principalmente a de corte freudiano, levantou os tabus com os quais a sociedade ocidental, principalmente por meio da religião, havia erigido em torno à sexualidade. Se antes o prazer sexual era proibido e condenado, agora passou a ser exigido e liberado. De forma caricatural, podemos dizer que, se antes da revolução cultural dos

anos 1950 e 1960, casar virgem era uma exigência moral e legal, agora, quem não tivesse relações sexuais antes do casamento era visto como exótico e anormal.

A VRC foi atingida frontalmente por esse fenômeno. O estado de bem-estar social colocava em questão a pobreza entendida como privação. O “proibido proibir” socavou as bases da obediência calcada no binômio autoritarismo-subserviência. A liberação da libido como princípio da afirmação do humano rompeu os diques da castidade entendida como negação do afeto e da sexualidade.

A crise da VRC, durante e no pós-Concílio foi global e teve suas raízes nas mais variadas dimensões, desde a política, passando pela eclesial e até na redescoberta da subjetividade e do valor do indivíduo. No conjunto, no entanto, a sexualidade jogou um papel fundamental. Basta, por exemplo, ver a quantidade de livros de psicologia que foram incorporados, no final da década de 1960 e início da década de 1970, às bibliotecas das comunidades religiosas e os conteúdos dos cursos de formação ministrados nos diferentes projetos que buscavam a renovação da Igreja e da VRC.²

² Em seu estudo sobre o clero no Brasil (diocesano e religioso), o brasilianista Kenneth Serbin (2008) apresenta interessantes elementos que relacionam a crise política e a crise cultural, especialmente na dimensão afetiva. O que o autor diz

A VRC foi atingida frontalmente por esse fenômeno. O estado de bem-estar social colocava em questão a pobreza entendida como privação. O “proibido proibir” socavou as bases da obediência calcada no binômio autoritarismo-subserviência. A liberação da libido como princípio da afirmação do humano rompeu os diques da castidade entendida como negação do afeto e da sexualidade.

É verdade que, naquele período, o Brasil e a América Latina viviam um contexto muito diferente do norte-americano e do Europeu. Por aqui, as ditaduras militares, por meio da violenta repressão aos movimentos populares, garantiam uma política econômica que avalizava a dependência dos nossos países ao capital internacional, à custa da pobreza da maioria das populações. Enquanto a Europa vivia o Maio de 1968, libertário, o Brasil sofria o AI5, autoritário. E isso, também, era motivo para que,

da Vida Religiosa masculina serve de indicação também para a Vida Religiosa feminina.

na sociedade, grassasse a ânsia por liberdade, apesar de toda repressão.

Mas o fato da maioria do clero e dos religiosos e religiosas residentes na América Latina serem nascidos na Europa e as instituições ainda manterem fortes vínculos com aquele continente, fez com que o contexto cultural europeu repercutisse de forma significativa também aqui.

É nesse contexto de mudança cultural que aconteceu o Vaticano II e, dentro dele, o Decreto *Perfecta Caritatis* sobre a *Conveniente Renovação da Vida Religiosa*, que busca colocar essa forma de vida em diálogo com a modernidade.

No que se refere à castidade – tema do nosso texto – o pano de fundo epocal aparece claramente. O documento conciliar chama os religiosos e religiosas a não se deixar “mover pelas doutrinas daqueles que apresentam a continência perfeita como impossível ou nociva à perfeição humana” (PC 12). Fazendo um aceno positivo aos avanços científicos e culturais da época, a *Perfecta Caritatis* reconhece a necessidade de não descuidar dos “meios naturais que favorecem a saúde mental e corporal”. Não deixa, no entanto, de colocar um pé no freio ao afirmar, seguindo a postura tradicional, que os candidatos e candidatas sejam “instruídos sobre os perigos que ameaçam a

castidade” sendo, entre outros, a mortificação e a guarda dos sentidos instrumentos para garantir a perfeita continência.

Trinta anos depois, na Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Vita Consecrata*, a cultura hedonista, resultante das transformações dos anos sessenta, continua a ser apontadas pelo Papa João Paulo II como um perigo para a vivência da castidade na VRC:

A primeira provocação provém de uma cultura hedonista que separa a sexualidade de qualquer norma moral objetiva, reduzindo-a frequentemente ao nível de objeto de diversão e consumo, e favorecendo, com a cumplicidade dos meios de comunicação social, uma espécie de idolatria do instinto. As consequências disto estão à vista de todos: prevaricações de todo o gênero, geradoras de inúmeros sofrimentos psíquicos e morais para os indivíduos e as famílias. (VC 88)

“Equilíbrio, domínio de si, espírito de iniciativa, maturidade psicológica e afetiva” e “disciplina” continuam a ser apontados como os melhores remédios para permanecer na fidelidade à consagração. (VC 88).

...à crise dos abusos

Se, por um lado, como disse o Concílio e reafirmou João Paulo II, as mudanças foram ocasião para a irrupção de uma cultura

hedonista, no que se refere à sexualidade, elas também foram oportunidade para que viesse à tona um outro fenômeno maligno de nossa sociedade: a violência de gênero e, como sua expressão mais perversa, os abusos sexuais.

Enquanto a sexualidade era tabu e o machismo vivido como parte da cultura dominante, tais realidades eram aceitas como normais ou ocultadas pelas famílias, pela Igreja e pela sociedade. Às mulheres, cabia proteger-se e, quando isso não era suficiente para escapar incólumes da agressão masculina, tida por natural, o melhor era calar-se, fazer de conta que nada tinha acontecido e carregar consigo, pelo resto dos seus dias, o trauma da violência e dos abusos. Pactos de silêncio envolviam os abusos e endureciam o coração de agressores, agredidos/as e encobridores, tendo como consequência, além das vidas destruídas, a incapacidade de relações e expressões de afeto e amor.

A nova realidade social e cultural, em que falar de afeto e sexualidade é possível, fez com que o véu do silêncio fosse pouco a pouco levantado. Com isso, a realidade que emergiu mostra-se a cada dia mais crua e dura. Os números, mesmo sabendo que, em muitos casos, são subestimados, dão-nos uma dimensão de um problema que não é só estatístico. Estamos falando de

vítimas, pessoas que têm a sua identidade e a sua intimidade invadida e violentada.

Segundo a Organização Mundial da Saúde, em nível mundial, aproximadamente 35% das mulheres sofreram violência física e/ou sexual, por parte do parceiro ou de terceiros, em algum momento de sua vida. A maior parte – 30% – é infligida por parceiros. Dos assassinatos de mulheres, 38% são perpetrados por um parceiro masculino. 20% das mulheres e entre 5-10% dos homens foram vítimas de violência sexual na infância. Nesse caso também, a quase totalidade dos agressores faz parte do círculo de relações próximas das vítimas. Nos países pobres, os índices são três vezes superiores aos dos países ricos (OMS/OPAS, 2020).³

No Brasil, no ano de 2018, foram registrados 1,6 milhões de casos de espancamento ou tentativas de estrangulamento contra mulheres. No mesmo período, 22 milhões de mulheres (37,1% da população feminina do país) passou por algum tipo de assédio. E, mais uma vez, em casa é o lugar mais perigoso para as mulheres: 42% dos casos de violência ocorreram em ambiente doméstico. E as pessoas conhecidas são as mais perigosas: 76,4% dos

³ Os dados são do ano de 2017 e não levam em conta os países em situação de conflito, onde os números são imensamente superiores.

agressores eram conhecidos das vítimas. (FRANCO, 2019). Temos a quinta maior taxa de abusos do mundo. Em números absolutos, no ano de 2018, segundo o Fórum Nacional de Segurança Pública, a cada hora, no Brasil, 536 mulheres foram agredidas (LIBÓRIO, 2019).

Dentro do Brasil, a violência não é uniforme. Enquanto nos estados do sul e sudeste o índice é de 3 a 4 casos por cem mil habitantes, em estados do Centro-Oeste, Norte e Nordeste, o índice passa dos 8 por cem mil habitantes. E, o que é pior: em alguns estados o poder público sequer elabora registros dos fatos ocorridos. É como se a violência contra a mulher, para as autoridades públicas, não existisse. (SENADO FEDERAL 2016).

O silenciamento da violência contra a mulher é, ainda mais, notório quando feito contra mulheres negras. Um terço dos estados não inclui no registro de ocorrência o fator raça. Quando esse dado é disponibilizado, encontramos que 75% das mulheres assassinadas são negras. Quando a violência cometida contra mulheres negras – assassinato ou estupro - é cometida em ambiente doméstico, o índice baixa para 50%. Considerando que a população autodeclarada negra é de 56%, constata-se que as mulheres negras sofrem muito

No Brasil, no ano de 2018, foram registrados 1,6 milhões de casos de espancamento ou tentativas de estrangulamento contra mulheres. No mesmo período, 22 milhões de mulheres (37,1% da população feminina do país) passou por algum tipo de assédio. E, mais uma vez, em casa é o lugar mais perigoso para as mulheres: 42% dos casos de violência ocorreram em ambiente doméstico. E as pessoas conhecidas são as mais perigosas: 76,4% dos agressores eram conhecidos das vítimas. (FRANCO, 2019).

mais violência fora do que dentro de casa. (VELASCO; GRANDIN; CAESER; REIS, 2020).

Mesmo que avanços legais, como a Lei Maria da Penha, e movimentos culturais, como o #MeToo, comecem a mostrar seus efeitos, levando a que 94% dos brasileiros afirmem que “homem que bate na esposa tem que ir para a cadeia”, 63% ainda concordam que “casos de violência dentro de casa devem ser discutidos somente entre os membros da família,” 89% pensam que “roupa suja deve ser lavada em casa” e 82% que “em briga de marido e mulher não se mete a colher” (LIBÓRIO, 2019).

A Igreja não passou incólume a todo este movimento de desvelamento e denúncia dos abusos. Se, nas últimas décadas do séc. XX, houve um movimento para ocultar e negar os abusos cometidos por membros da hierarquia e da vida religiosa, nas primeiras décadas do séc. XXI, tal atitude se mostrou, além de ineficaz, contra produtiva. O que, no início, pareciam ser casos isolados, pouco a pouco revelaram-se o iceberg de uma prática com raízes institucionais. Além dos muitos casos acontecidos, em praticamente todos os países da Europa, foi nos Estados Unidos que a crise teve as suas maiores dimensões, levando o Papa a escrever a Carta aos Bispos no qual, após reconhecer aos fatos, afirma que, por eles, “a credibilidade da Igreja foi posta, fortemente, em questão e debilitada por estes pecados e crimes, mas especialmente pela vontade de os querer dissimular e esconder, o que gerou maior sensação de insegurança, de desconfiança e de falta de proteção nos fiéis” e que “a atitude de ocultamento, como sabemos, em vez de ajudar a resolver os conflitos, permitiu que os mesmos se perpetuassem e ferissem mais profundamente a trama de relações que hoje somos chamados a curar e recompor” (FRANCISCO, 2019).

No Chile, os escândalos de pedofilia revelaram uma cultura do

abuso institucionalmente arraigada, que resistiu à investigação vaticana e que só foi destapada com a visita do papa e a ferrenha insistência das vítimas para que tudo viesse à tona. A crise foi tão forte que levou à renúncia de todo o episcopado chileno (PACHO, 2018).

Um dos últimos focos da crise a emergir, dolorosamente, é o do abuso sexual cometido por bispos, padres e religiosos contra religiosas. Se, desde o fim do século passado, já havia denúncias que circulavam nos ambientes institucionais da Igreja, elas só se tornaram públicas nos últimos anos. E mostraram, talvez, o lado mais perverso de um sistema de poder, no próprio interior da Igreja, que sacraliza a subjugação e a violência de gênero. Esses são fatos que aconteceram não apenas em países e igrejas pobres do terceiro mundo. Estados Unidos e Europa – Roma incluída – também foram cenário de violência sexual de padres e religiosos contra freiras (PREZZI, 2020).

Na carta aos bispos dos Estados Unidos, o Papa Francisco situa a crise dos abusos sexuais em um horizonte mais amplo. Segundo ele, os abusos sexuais estão, intimamente, relacionados aos abusos de consciência e de poder e a sua solução “exige não só uma nova organização, mas também a conversão da nossa mente

Um dos últimos focos da crise a emergir, dolorosamente, é o do abuso sexual cometido por bispos, padres e religiosos contra religiosas. Se, desde o fim do século passado, já havia denúncias que circulavam nos ambientes institucionais da Igreja, elas só se tornaram públicas nos últimos anos. E mostraram, talvez, o lado mais perverso de um sistema de poder, no próprio interior da Igreja, que sacraliza a subjugação e a violência de gênero.

(metanoia), do nosso modo de rezar, de gerir o poder e o dinheiro, de viver a autoridade e até como nos relacionamos entre nós e com o mundo” (FRANCISCO, 2019).

Num caso indiano, que causou comoção na igreja local, e teve repercussão mundial, assim como no Chile onde religiosos, padres e bispos acusados de pedofilia só foram removidos após processos civis. A Igreja relutou em tomar a defesa das irmãs estupradas e só retirou o bispo de suas funções após protestos públicos e condenação na justiça do Estado (Papa Francisco, 2018).

Abusos que, infelizmente, não são exclusividade masculina. Dado o fato de que,

como diagnosticado pelo Papa, a violência sexual é conexas aos abusos de consciência e poder, começam a emergir, cada vez mais frequentemente, casos de abusos sexuais no interior até mesmo das congregações femininas (AVIZ, 2020).

Um coração indiviso para novas relações

O que vem antes, a cultura hedonista ou a crise dos abusos? Se, do ponto de vista cronológico, não há dúvidas de que a emergência da cultura hedonista precede a crise de abusos, uma busca das raízes de ambos os fenômenos pode levar ao dilema do ovo e da galinha. Ou melhor, mostra que ambos têm suas raízes no individualismo que “favorece um estilo de vida que debilita o desenvolvimento e a estabilidade dos vínculos entre as pessoas” (EG 67).

Individualismo cuja fonte profunda é o antropocentrismo despótico (LS 68) e desordenado (LS 118-119) que apresenta como justificável a atitude de submeter todas as coisas, os seres vivos e as outras pessoas para a satisfação dos próprios desejos. Dominação que pode efetivar-se, dependendo da ocasião e das circunstâncias, através de sutil persuasão ou de forma brutal e violenta.

O que vem antes, a cultura hedonista ou a crise dos abusos? Se, do ponto de vista cronológico, não há dúvidas de que a emergência da cultura hedonista precede a crise de abusos, uma busca das raízes de ambos os fenômenos pode levar ao dilema do ovo e da galinha. Ou melhor, mostra que ambos têm suas raízes no individualismo que “favorece um estilo de vida que debilita o desenvolvimento e a estabilidade dos vínculos entre as pessoas” (EG 67).

Como já o assinalava João Paulo II, o grande desafio para a vivência da castidade é o de estabelecer relações transparentes com Deus, com as coisas, com as outras criaturas e com os seres humanos (VC 88). Numa sociedade baseada no interesse, em que os relacionamentos não são vistos como um fim em si mesmos, mas como um meio para alcançar o domínio a própria satisfação, o voto de castidade “tem o valor simbólico do amor que não necessita possuir o outro, refletindo assim a liberdade do Reino dos Céus” (AL 161).

Diferentemente do que uma certa ascética tradicional ensinava,

a castidade não implica em não estabelecer vínculos com as pessoas, pelo contrário, ela os cria. Mas os vínculos que nascem da castidade, diferentemente dos que tem como fonte o individualismo e o antropocentrismo, não atam as pessoas e nem as impedem de que se lancem em direção a algo mais. Nesse sentido, “a virgindade é uma forma de amor” (AL 159) que, na VRC, torna-se um sinal que recorda a solicitude pelo Reino e a urgência de entregar-se sem reservas a seu serviço.

Se não vivido nessa perspectiva de um amor liberto, oblativo e aberto às necessidades do Reino, “o celibato corre o risco de ser uma cômoda solidão, que dá liberdade para se mover autonomamente, mudar de local, tarefa e opção, dispor do seu próprio dinheiro, conviver

Numa sociedade baseada no interesse, em que os relacionamentos não são vistos como um fim em si mesmos, mas como um meio para alcançar o domínio a própria satisfação, o voto de castidade “tem o valor simbólico do amor que não necessita possuir o outro, refletindo assim a liberdade do Reino dos Céus” (AL 161).

com as mais variadas pessoas segundo a atração do momento” (AL 162). Em outras palavras, a castidade, vista apenas como a negação de vínculos e relações, torna-se extremamente funcional ao sistema individualista e consumista e induz a transferir para as relações pessoais a “cultura do descarté” (LS 20-22) que transforma o outro e, de modo especial, o seu corpo, em objeto de consumo para a própria satisfação (AL 162). Infelizmente, como podemos tantas vezes constatar na VRC, da posse ao uso e abuso, há apenas um passo muito fácil de ser franqueado.

Viver a castidade é nadar contracorrente na cultura hedonista e da instrumentalização que vê as outras pessoas como um meio e não como um valor absoluto (GE 65-67). Na dimensão da construção de uma interioridade

Em outras palavras, a castidade, vista apenas como a negação de vínculos e relações, torna-se extremamente funcional ao sistema individualista e consumista e induz a transferir para as relações pessoais a “cultura do descarté” (LS 20-22) que transforma o outro e, de modo especial, o seu corpo, em objeto de consumo para a própria satisfação (AL 162).

que lhe dê suporte, ela busca seu fundamento na pureza de coração preconizada por Jesus nas bem-aventuranças: “Felizes os puros de coração, porque verão a Deus” (Mt 5,8).

Na tradição bíblica, o coração é o centro dos sentimentos, pensamentos e intenções da pessoa humana. A palavra “coração” indica a totalidade e unidade do ser humano, corpo e alma, sua capacidade de amar e ser amado. Viver castamente é entregar-se sem reservas, integralmente, em todo o seu ser: corpo, alma e espírito (1Tes 5,23). Para ser casto, não basta abster-se de relações sexuais ou atos eróticos, é preciso ter o coração indiviso “para que mais se acenda na caridade para com Deus e para com todos os homens” (PC 12).

Quanto à pureza, é necessário voltar ao sentido que Jesus lhe dá nas bem-aventuranças. A palavra utilizada por Mateus é *katharos*, que significa limpo, livre de substâncias contaminadoras. Se tomamos tal palavra, no contexto dos evangelhos, vemos que, para Jesus, tal pureza não está, como no judaísmo farisaico, ligada ao sistema ritual que proibia o contato com coisas e pessoas tidas por impuras. Para Jesus, a pureza não implica em distância daquilo que pode me contaminar, pelo contrário, ela se dá a liberdade de

tocar pessoas e frequentar lugares considerados impuros. Àqueles que se escandalizavam com tais atitudes, ele afirma, “Nada há fora do homem que, entrando nele, o possa tornar impuro. Mas o que sai do homem, isso é que o torna impuro. (...) Porque é do interior do coração dos homens que saem os maus pensamentos, as prostituições, roubos, assassinios, adultérios, ambições, perversidade, má-fé, devassidão, inveja, maledicência, orgulho, desvarios” (Mc 7, 15.21-22).

Quem vive tal pureza não se preocupa com o que vem de fora. Por maior que seja o perigo, não o sente como uma ameaça, pois sabe que o verdadeiro tesouro está no fundo de seu coração e se chama Deus e Seu amor incondicional para cada um e cada uma. É Amor incondicional que faz crescer em nós a capacidade de amar e ser amados. Quem abre seu coração para esse amor de Deus, é capaz de inserir-se na dinâmica de uma ecologia humana que permite pensar as relações como interdependência, sem dominação e que se alegra com a liberdade de cada pessoa, que é a garantia de liberdade de todos e que torna acessível a cada um e cada uma “o ar puro que provém das coisas belas, do amor verdadeiro, da santidade” (FRANCISCO, 2015).

Com isso está garantido o coração contra toda tentação, “pois um coração que sabe amar não deixa entrar na sua vida algo que atente contra esse amor, algo que o enfraqueça ou coloque em risco” (GE 83).

A disponibilidade para amar incondicionalmente encontra sua realização primeira na vida comum que religiosos e religiosas são chamados a constituir. Ela é a instância concreta na qual se faz a primeira experiência, exercita-se e, fortalecida nos embates da vida fraterno-sororal, cria a capacidade para abrir-se a todas as pessoas e ao mundo.

Mais do que nunca, na atual sociedade, que utiliza, de cada vez mais, sofisticados instrumentos tecnológicos, exacerba a capacidade de isolamento físico, é preciso redescobrir a “mística” de viver juntos, misturar-nos, encontrar-nos, dar o braço, apoiar-nos, participar nesta maré, um pouco caótica, que pode transformar-se numa verdadeira experiência de fraternidade, numa caravana solidária, numa peregrinação sagrada” (EG 87).

Não é o isolamento que garante a castidade, muito antes pelo contrário: “Fechar-se em si mesmo é provar o veneno amargo da imanência, e a humanidade perderá com cada opção egoísta que fizermos” (EG 87).

No dizer do Papa Francisco, a outra pessoa, não pode ser vista como uma ameaça para uma suposta pureza a guardar:

O ideal cristão convidará sempre a superar a suspeita, a desconfiança permanente, o medo de sermos invadidos, as atitudes defensivas que nos impõe o mundo atual. [...] Entretanto o Evangelho convida-nos sempre a abraçar o risco do encontro com o rosto do outro, com a sua presença física que interpela, com o seu sofrimentos e suas reivindicações, com a sua alegria contagiosa permanecendo lado a lado. (EG 88).

O medo da proximidade do corpo do outro não tem raízes cristãs. Contra toda forma de gnosticismo e maniqueísmo, afirmamos, em nossa fé, que a salvação de Deus chegou até nós na carne de Jesus de Nazaré (GE 36-46). E, por isso, o corpo do outro não é ocasião de perdição, mas da salvação de Deus que perpassa a vida comunitária e todas as relações. Com efeito, “a verdadeira fé no Filho de Deus feito carne é inseparável do dom de si mesmo, da pertença à comunidade, do serviço, da reconciliação com a carne dos outros” (EG 88). Contra toda frieza e rigidez, que nasce do medo da proximidade física das pessoas, “na sua encarnação, o Filho de Deus convidou-nos à revolução da ternura” (EG 88).

A verdadeira experiência religiosa, na qual encontra sustento

a opção pela virgindade, não busca o isolamento que, na maioria das vezes, é manifestação de um “consumismo espiritual à medida do próprio individualismo doentio” (EG 89). O modelo religioso ideal, para a vivência de relações autênticas, é o da religiosidade e da cultura popular que incluem relações pessoais com Deus, Jesus Cristo, Maria os santos que “têm carne, têm rostos” e, por isso, “estão aptas para alimentar potencialidades relacionais e não tanto fugas individualistas” (EG 90).

A solução não está em escapar da proximidade física: “é um remédio falso que faz adoecer o coração e, às vezes, o corpo” (EG 91). Para que a castidade se consolide na vida comunitária e seja fecunda na missão “faz falta ajudar a reconhecer que o único caminho é aprender a encontrar os demais com a atitude adequada, que é valorizá-los e aceitá-los como companheiros de estrada, sem resistências interiores” (EG 91). E viver esta experiência com o sentido da fé que consiste em “aprender a descobrir Jesus no rosto dos outros, na sua voz, nas suas reivindicações e aprender também a sofrer, num abraço com Jesus crucificado, quando recebemos agressões injustas ou ingratidões, sem nos cansarmos jamais de optar pela fraternidade” (EG 91).

Se queremos vencer as patologias que nascem do individualismo e do antropocentrismo e se expressam numa cultura hedonista e em tantas formas de agressão – físicas, psicológicas, morais e sexuais - contra as outras pessoas, é preciso cultivar, na experiência da comunidade “o modo de nos relacionarmos com os outros que, em vez de nos adoecer, cura-nos é uma fraternidade mística, contemplativa, que sabe ver a grandeza sagrada do próximo, que sabe descobrir Deus em cada ser humano, que sabe tolerar as moléstias da convivência agarrando-se ao amor de Deus, que sabe abrir o coração ao amor divino para procurar a felicidade dos outros como a procura o seu Pai bom” (EG 92).

Passo a passo

Para alcançar o ideal de relações transparentes, que possibilitem a vivência da castidade na VRC, há vários passos concretos que podemos, desde a formação inicial e a cada dia de nosso percurso, como religiosos e religiosas, avançar na direção de uma vivência positiva de nossa condição masculina ou feminina e, a partir deste dado antropológico fundamental e tantas vezes esquecido, senão desprezado, criar as condições concretas para poder viver a castidade consagrada.

Iniciamos esse percurso com o chamado do Papa à aceitação da própria corporeidade. Parece óbvio demais, mas não podemos desconsiderar o peso de uma cultura e de um cristianismo marcado pelo gnosticismo e sua apreciação negativa de tudo o que é material e corporal. Da não tomada de consciência podem nascer sentimentos e atitudes destruidoras em relação ao próprio corpo e à objetivação do corpo dos outros. Se, às vezes, as mutilações físicas e genitais nos horrorizam, não podemos nos conformar com o horror objetivo e subjetivo causado pela negação da própria corporeidade, que se mostra no desleixo para com o próprio corpo e no vestir, na falta de cuidado com a higiene e saúde, na obesidade mórbida ou bulimia, no trabalho compulsivo, nos hábitos e vícios que afetam o corpo e levam à doença e morte prematura de tantos religiosos e religiosas. Ou então, religiosos e religiosas que, vivos no corpo, estão mortos na alma, mortos existenciais, zumbis a vagar sem sentido pela vida, robots que só se movem sob o comando de outrem, seja o superior ou a superiora, ou as solicitações que os sugam desde as mídias digitais.

Descuido com o próprio corpo, que se estende na falta de cuidado para com a corporeidade dos outros humanos e de todas as criaturas. Como lembra o

Papa Francisco, “para além de compreensíveis dificuldades que cada um possa viver, é preciso ajudar a aceitar o seu corpo como foi criado, porque uma lógica de domínio sobre o próprio corpo transforma-se numa lógica, por vezes sutil, de domínio sobre a criação” (AL 285).

A segunda razão para que conheçamos, cuidemos e preze-mos o próprio corpo, é que nele se conforma o primeiro espaço de nossa identidade sexual. É o corpo quem, em primeiro lugar, diz sobre nossa identidade masculina e feminina. E, ao nos descobrirmos como varões ou fêmeas, damos-nos conta de que existe o diferente de nossa própria identidade que precisa ser respeitado em sua alteridade.

Reconhecimento do diferente, que impede a caída na absolutização do próprio modo de ser. Aqui, mais uma vez, lembramos as palavras do Papa Francisco, “só perdendo o medo à diferença é que uma pessoa pode chegar a liberta-se da imanência do próprio ser e do êxtase por si mesmo [e] aceitar o próprio corpo, de modo que a pessoa não pretenda cancelar a diferença sexual, porque já não sabe confrontar-se com ela” (AL 285).

Nessa direção, o Papa lembra que, se pelo dado biológico, o masculino e o feminino estão ligados, em primeira instância,

à nossa corporeidade, “também é verdade que o masculino e o feminino não são qualquer coisa de rígido” (AL 286).

Segundo ele,

não se pode ignorar que, na configuração do próprio modo de ser – feminino ou masculino –, não confluem apenas fatores biológicos ou genéticos, mas uma multiplicidade de elementos que têm a ver com o temperamento, a história familiar, a cultura, as experiências vividas, a formação recebida, as influências de amigos, familiares e pessoas admiradas, e outras circunstâncias concretas que exigem um esforço de adaptação. (AL 286).

Conforme as diferentes culturas, lugares e tempos, os padrões do que é considerado como próprio do masculino e do feminino podem e devem mudar. O grande perigo é a rigidez que se transforma numa exacerbação de uma determinada forma do masculino ou do feminino (AL 286). O masculino, entendido como grosseria, e o feminino, como fragilidade, são manifestações da inflexibilidade que impede “o desenvolvimento da capacidade de cada um, tendo-se chegado ao ponto de considerar pouco masculino dedicar-se à arte ou à dança é pouco feminino desempenhar alguma tarefa de chefia” (AL 286). Todas as habilidades que não dependem apenas do dado biológico são próprias tanto dos homens como das mulheres.

Para ir além da rigidez dos tipos masculinos e femininos, é desejável que incluamos em nossos programas de formação permanente a educação afetiva e sexual para a vida religiosa. O voto de castidade não nos torna assexuados! Continuamos, durante toda a nossa vida, em nossa condição sexual e de gênero e precisamos aprender a viver nela e nas transformações pelas quais passa durante os vários períodos (AL 281). Tanto do ponto de vista biológico como do ponto de vista psicológico, nosso ser homem ou mulher vai se transformando ao longo da existência. Em cada etapa da vida – adolescência, juventude, vida adulta, velhice – vivemos essa condição de um modo diferente e é preciso dar-se conta e refletir sobre ela.

Óbvio que não se trata, como lembra o Papa Francisco (AL 283), de cair na simplificação de que educação sexual significa apenas “proteger-se” dos outros. Isso o fizemos por muito

O voto de castidade não nos torna assexuados! Continuamos, durante toda a nossa vida, em nossa condição sexual e de gênero e precisamos aprender a viver nela e nas transformações pelas quais passa durante os vários períodos (AL 281).

tempo, o “cavete a mulieribus” era, para muitos religiosos homens, a única regra de educação sexual que recebiam. É preciso passar de uma educação defensiva e proibitiva para uma educação oblativa, no qual a castidade é vista não como uma privação, mas como uma transfiguração amorosa da própria sexualidade e afetividade em favor dos privados de amor na sociedade. Só assim, a abstinência do exercício da sexualidade será uma expressão do amor, do cuidado, da ternura respeitosa e de uma comunicação rica de sentido (AL 283).

A educação sexual também é importante para criar um espaço no qual se possa conversar sobre temas que, de tão reais, temos dificuldade de afrontá-los de forma calma e transparente. Um deles é o da homossexualidade, principalmente nas comunidades masculinas, mas também nas femininas. Assim como na sociedade, também na VRC, a existência de pessoas homossexuais é um fato que não podemos negar. Com o agravante de que, nas comunidades religiosas, ele tem dimensões muito mais significativas que na sociedade em geral. Enquanto na sociedade brasileira, a porcentagem de homens homossexuais é de em torno a 10% (MOSAICO BRASIL, 2008 apud TRINDADE, 17), nos anos iniciais da VRC masculina,

o percentual dos que afirmam a mesma condição em si mesmo e a constataam em seus colegas, se estabelece entre 80 e 90% (ALVES DOS SANTOS; GUARESCHI, 2017, p. 368-387; ALVES DOS SANTOS, 2016). Para as comunidades femininas, não há dados disponíveis sobre essa realidade.

É preciso conversar sobre isso! O silêncio faz sofrer tanto os/as que vivem a condição homossexual como os/as que com eles/elas convivem. Silêncio que, muitas vezes, evolui para preconceito ou agressividade dissimulada, quando não, explícita. Ou então, transforma-se em um jogo de poder onde a moeda de troca é a ocultação ou exploração da condição homossexual (ALLEN Jr., 2016).

O primeiro passo para tratar com maturidade a temática da homossexualidade, na VRC, é fazer valer o princípio geral válido enunciado pelo Papa:

A Igreja conforma o seu comportamento ao do Senhor Jesus que, num amor sem fronteiras, Se ofereceu por todas as pessoas sem exceção. [...] Por isso desejo, antes de mais nada, reafirma que cada pessoa, independentemente da própria orientação sexual, deve ser respeitada na sua dignidade e acolhida com respeito, procurando evitar qualquer sinal de discriminação injusta e particularmente toda a forma de agressão e violência.” (AL 250).

A partir dessa base, válida para todos, podemos dar o segundo passo

A educação sexual também é importante para criar um espaço no qual se possa conversar sobre temas que, de tão reais, temos dificuldade de afrontá-los de forma calma e transparente. Um deles é o da homossexualidade, principalmente nas comunidades masculinas, mas também nas femininas. Assim como na sociedade, também na VRC, a existência de pessoas homossexuais é um fato que não podemos negar. Com o agravante de que, nas comunidades religiosas, ele tem dimensões muito mais significativas que na sociedade em geral.

e construir um caminho para que os religiosos e religiosas homossexuais, que estão ou que venham ingressar em nossas comunidades, “possam dispor dos auxílios necessários para compreender e realizar plenamente a vontade de Deus na sua vida” (AL 250).

Outro passo a ser dado, é a necessidade urgente de que falemos e atuemos nos casos de abusos sexuais cometidos por religiosos/as sobre pessoas vulneráveis e entre religiosos/as. Não são numerosos, é certo, mas são indicativos de que algo não

está bem e precisa ser sanado. Não apenas para os/as que os cometem ou deles são vítimas, mas, também, na comunidade que finge não ver ou os tolera e se torna conivente com eles. Muitas congregações já estabeleceram protocolos para prevenir e tratar tais situações. É necessário avançar nesses procedimentos institucionais para que, num breve tempo, tornem-se apenas memória de um tempo que não queremos que retorne.

Esse avanço, rumo a um futuro sem distorções e manifestações patológicas da sexualidade e do erotismo, será consolidado com uma mudança de mentalidade em relação ao sexo. É preciso voltar às origens e reconhecer que “o próprio Deus criou a sexualidade, que é um presente maravilhoso para com as criaturas” (AL 150). Negar o valor do sexo humano ou reduzi-lo à simples necessidade de procriação é uma interpretação errônea da mensagem cristã. O prazer sexual - assim como os outros prazeres inerentes à condição humana - é um dom “simplesmente divino” (Papa Francisco, 2020). Ele expressa, de forma profunda e íntima, a necessidade que toda pessoa tem de dar-se e de receber. Como bem lembra o Papa Francisco, nenhuma pessoa, religiosos e religiosas incluídos/as, pode viver exclusivamente do amor oblato,

descendente, [ninguém] pode limitar-se sempre a dar, deve também receber. Quem quer dar amor, deve ele mesmo recebê-lo em dom” (AL 157).

Manter-se casto e, ao mesmo tempo, cultivar a capacidade de dar-se e receber prazerosamente o/a outro/a, é um “equilíbrio frágil,” porque, na prática do amor, “sempre permanece algo que resiste a ser humanizado e que, a qualquer momento, pode fugir-nos de mão novamente, recuperando as suas tendências mais primitivas e egoístas” (AL 157).

É muito bonito ver religiosos e religiosas que, vivendo o seu voto de castidade, são capazes de doar-se sem restrições aos outros, tanto na sua comunidade como na missão. Mas é muito triste ver alguns e algumas poucos, é verdade desses mesmos religiosos e religiosas, incapazes de acolher qualquer gesto de carinho e afeto vindo dos/as irmãos/as de comunidade ou das pessoas com as quais trabalha. São frias e eficientes máquinas de fazer caridade, que tratam os destinatários de sua ação não como pessoas, mas como objetos manipuláveis em função da própria satisfação verbalmente negada, mas inconscientemente alimentada como “ocasião e instrumento de afirmação do próprio eu e de satisfação egoísta dos próprios desejos e instintos”

(AL 153). Busca de satisfação obliterada que pode, no limite, emergir e manifestar-se em formas patológicas de sexualidade, infelizmente. presentes em comunidades religiosas e em instituições educacionais e caritativas por elas mantidas.

Concluindo

Viver a castidade, em tempos de hedonismo e de violência sexual, é um grande desafio. Ele envolve uma dimensão pessoal, uma escolha que cada um/a de nós fez e renova a cada dia de viver o amor de uma forma diferente, muitas vezes não compreendida. Viver um amor inclusivo, aberto a todos e a todas, sem restrições, na capacidade de doar-se, totalmente, sem apossar-se de ninguém, estabelecendo relações profundas, transparentes e livres.

Um amor que exige maturidade – não é para todos nem para muitos, e que precisa ser cultivado todo ao longo da vida, em suas diferentes circunstâncias e idades, nas quais vamos evoluindo. Um amor centrífugo, que começa por conhecer-se e amar-se a si mesmo, em seu corpo e em sua sexualidade; passa pelos irmãos e irmãs da comunidade concreta, na qual nos cabe conviver; abre-se a todas as pessoas e criaturas, especialmente as que precisam de

uma presença que as faça sentir-se amadas e, do início ao fim do caminho, se entrega no coração paterno e materno de Deus.

Um amor que se sabe difícil, que passa por momentos de sofrimento, pois só se ama quando se tem a coragem de ver e aceitar as pessoas reais, tais quais são, em sua condição concreta e não no imaginário de nossas projeções.

Um amor com dor, sim, mas um amor com valor, pois, se é verdade que toda forma de amor vale a pena, o amor que nasce da graça e dom absoluto e quer ser deles expressão, também é um caminho para a felicidade humana.

Um amor centrífugo, que começa por conhecer-se e amar-se a si mesmo, em seu corpo e em sua sexualidade; passa pelos irmãos e irmãs da comunidade concreta, na qual nos cabe conviver; abre-se a todas as pessoas e criaturas, especialmente as que precisam de uma presença que as faça sentir-se amadas e, do início ao fim do caminho, se entrega no coração paterno e materno de Deus.

Referências

- ALLEN Jr., John Ellen. Decodificando o que significa dizer que o Vaticano tem um “lobby gay”. IHU Online, 19 de janeiro de 2016. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/185-noticias/noticias-2016/550927-decodificando-o-que-significa-dizer-que-o-vaticano-tem-um-lobby-gay> Acesso em: 09 de outubro de 2020.
- ALVES DOS SANTOS, Elismar. Representações Sociais da Sexualidade: a Construção da Sexualidade em Seminaristas e Padres. 2016. 253 f. Tese (Doutorado) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional, Porto Alegre, 2016. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/140836/000990983.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em: 15 de agosto de 2020.
- ALVES DOS SANTOS, Elismar; GUARESCHI, Pedrinho Arcides. Representações sociais da homossexualidade. Os ensinamentos do Magistério eclesiástico e os dizeres dos seminaristas. REB, Petrópolis, vol. 77, n. 306, p. 368-387, abril/jun. 2017.
- AVIZ, João Braz de. A Relevância da Vida Consagrada nos dias Atuais. Semana Nacional da Vida Consagrada. Brasília, 17 de agosto de 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FcmnuVELqp4> Acesso em: 24 de setembro de 2020.
- FRANCISCO, Papa. *Amoris Laetitia. Exortação Apostólica Pós-sinodal sobre o Amor na Família*. São Paulo: Paulinas, 2016.
- FRANCISCO, Papa. Carta aos Bispos dos Estados Unidos que participam dos exercícios espirituais no Seminário de Mundelein em Chicago. Roma, 1 de janeiro de 2019. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2019/documents/papa-francesco_20190101_lettera-vescovi-usa.html Acesso em: 24 de setembro de 2019.
- FRANCISCO, Papa. *Evangelii Gaudium. Exortação Apostólica sobre o Anúncio do Evangelho no Mundo Atual*. São Paulo: Paulinas, 2013.
- FRANCISCO, Papa. Felizes os puros de coração, porque verão a Deus. Mensagem para a XXX Jornada Mundial da Juventude. Roma, 2015. Disponível em: <http://www.laityfamilylife.va/content/laityfamilylife/pt/giovani/magistero/-beati-i-puri-dicuoire--perche-vedranno-dio---mt-5--8-.html> Acesso em 25 de setembro de 2020.

- FRANCISCO, Papa. *Gaudete et Exsultate. Exortação Apostólica sobre a chamada à santidade no Mundo Atual*. São Paulo: Paulinas, 2018.
- FRANCISCO, Papa. *Laudato Si. Carta Encíclica sobre o Cuidado da Casa Comum*. São Paulo: Paulinas, 2015.
- FRANCO, Luiza. *Violência contra a mulher: novos dados mostram que 'não há lugar seguro no Brasil'*. 26 de fevereiro de 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-47365503> Acesso em: 24 de setembro de 2020.
- JOÃO PAULO II. *Vita Consecrata. Exortação Apostólica Pos-sinodal sobre a Vida Consagrada e sua Missão na Igreja e no Mundo*. São Paulo: Paulinas, 1996.
- LIBÓRIO, Bárbara. *A violência contra a mulher no Brasil em cinco gráficos*. 08 de março de 2019. Disponível em: <https://epoca.globo.com/a-violencia-contra-mulher-no-brasil-em-cinco-graficos-23506457> Acesso em: 24 de setembro de 2020.
- OMS/OPAS. *Folha informativa – Violência contra as mulheres*. 2017. Disponível em: https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5669:folha-informativa-violencia-contra-as-mulheres&Itemid=820 Acesso em 24 de setembro de 2020.
- PACHO, Lorena. *Todos os bispos chilenos apresentam renúncia ao Papa pelos escândalos de pedofilia*. 19 de maio de 2018. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/05/18/internacional/1526641438_149702.html Acesso em 24 de setembro de 2020.
- PAPA FRANCISCO diz que *prazer sexual é ' simplesmente divino'*. *O Tempo*, 10 de setembro de 2020. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/mobile/mundo/papa-francisco-diz-que-prazer-sexual-e-simplesmente-divino-1.2383533> Acesso em: 09 de outubro de 2020.
- PAPA FRANCISCO *retira funções de bispo indiano acusado de estupro*. 20 de setembro de 2018. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/afp/2018/09/20/papa-retira-de-suas-funcoes-bispo-indiano-acusado-de-estupro-por-freira.htm> Acesso em: 24 de setembro de 2020.
- PERFECTA CARITATIS. *Compêndio do Vaticano II. Constituições, Decretos e Declarações*. 27ed. Petrópolis: Vozes, 1998. P. 485-504.
- PREZZI, Lorenzo. *Religiosas e abusos: consciência crescente*. 16 de setembro de 2020.

Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/602885-religiosas-e-abusos-conscien- cia-crescente> Acesso em: 24 de setembro de 2020.

SENADO FEDERAL. Panorama da violência contra as mulheres no Brasil: Indicadores nacionais e estaduais. Brasília, 2018, N. 1. Disponível em: <http://www.senado.gov.br/institucional/datasenado/omv/indicadores/relatorios/BR-2018.pdf> Acesso em: 24 de setembro de 2020.

SERBIN, Kenneth P. Padres, celibato e conflito social: uma história da Igreja no Brasil. São Paulo, Companhia das Letras, 2008.

TRINDADE, Welton Danner. Os efeitos de personagens LGTSs de telenovelas na formação de opinião dos telespectadores sobre a homossexualidade.

São Paulo, 2010. Dissertação. Mestrado em Comunicação e Semiótica. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo. Disponível em: <https://sapientia.pucsp.br/bitstream/handle/5304/1/Welton%20Danner%20Trindade.pdf> Acesso em: 10 de outubro de 2020.

VELASCO, Clara; GRANDIN, Felipe; CAESAR, Gabriela; REIS, Thiago. Mulheres negras são as principais vítimas de homicídios. 16 de setembro de 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/monitor-da-violencia/noticia/2020/09/16/mulheres-negras-sao-as-principais-vitimas-de-homicidios-ja-as-brancas-compoem-quase-metade-dos-casos-de-lesao-corporal-e-estupro.ghtml> Acesso em: 24 de setembro de 2020.



**CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL (CRB)
CONFERENZA DE LOS RELIGIOSOS DEL BRASIL
BRAZILIAN RELIGIOUS CONFERENCE
CONFERENZA RELIGIOSA BRASILIANA**

ASSINATURA DA REVISTA CONVERGÊNCIA 2020



Para assinaturas novas ou renovação, preencher o cupom e enviar para: convergencia@crbnacional.org

Podem também acessar o site e imprimir o boleto: www.crbnacional.org.br

Nome completo:

Congregação:

Endereço:

CEP (código postal):

Cidade:

UF:

País:

Nova assinatura () Renovação ()

Telefone: ()

E-mail:

Forma de pagamento:

Efetivo () Depósito Bancário () Agência:

C/C:

Valor da Assinatura:

Brasil: R\$ 145,00 América Latina e Caribe: U\$ 80

Europa: E 70

Outros países: U\$ 100

1. Brasil: O pagamento pode ser efetuado na sede da CRB Nacional ou nas regionais. Pode também efetuar o pagamento na conta da CRB: Banco do Brasil: Ag:452-9-C/C:306934-6 (enviar o comprovante por e-mail ou entrar em contato (61) 3226-5540).

2. América Latina e Caribe: O pagamento pode ser feito em cheque, em dólar no Banco do Brasil em nome da Conferência dos Religiosos do Brasil. Enviar o comprovante por e-mail (convergencia@crbnacional.org.br)

3. Outros países: pode ser feito em cheque, em dólar (para tanto se for em euro deve fazer a devida conversão para dólar). Enviar o comprovante para a CRB Nacional (convergencia@crbnacional.org.br).